REVISTA DA SEMANA

N. 12 20-3-54 Cr$ 5,00 em todo



Tonia Carrero não tem mêdo de tarados

•

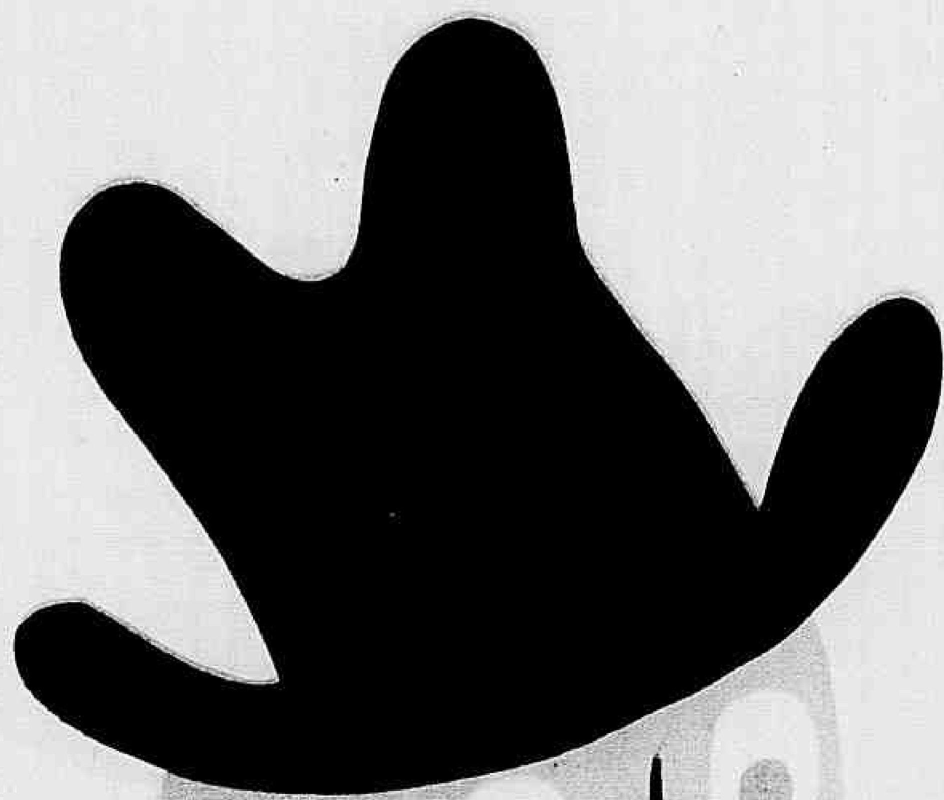
O CARNAVAL deixa as ruas

★ MEDICINA ★ MECÂNICA ★ AVIAÇÃO ★ ARQUITETURA ★ TESTES ★

HISTÓRIA ★ LITERATURA ★ POLITICA ★ RELIGIÃO ★ CIÊNCIA ★ ASTROLOGIA

ROMANCES ★ TEATRO ★ CINEMA ★ CURIOSIDADES ★ CONTOS ★ NOVIDADES

O MAIS COMPLETO E EXATO RETRATO do MUNDO





1953

num desfile sensacional e empolgante

★ AVENTURAS ★ EX-LIBRIS ★ QUEBRA-CABEÇAS ★ ESTATISTICAS ★

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 12 ★ 20/3/1954

SUMÁRIO

Os «kamikazes» de Pôrto Rico .. 3/8
O desfile dos préstitos 9/14
Escolas de samba 12/15
Rainha por três dias 20/23
No desfile do frevo 20/23
Tânia Carrero 40/41
Diaristas da imprensa 42/45
Quitandinha 46/47
Anselmo Duarte 50/51
No iate 56/57

Semana Literária 16/17
O civilista 19
Notas carnavalescas 26/27
Conversa de mulher 36/37
O Brasil fora da barra 55
Último flash 58

Capa:
PATINADORA

(Foto Camera Press)

- Redator-Chefe: Joel Silveira
- Assistente: Hélio Abreu
- Paginação: Victor Tapajós
- Desenhos: Alberto Lima
- Publicidade: J. M. Costa Júnior, S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da CIA. EDITÔRA AMERICANA.

- Diretor: Gratuliano Brito
- Assistente: Renato de Alencar

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-6647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SAO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569
Publicidade: M. Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Tel.: 33-4811.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 250,00
Seis meses .... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 280,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 400,00
Seis meses .... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.



Irving Flores, Rafael Cancel Miranda, Lolita Lebron e Andrés Figueroa Cordero, quatro dos sete porterriquenhos que atiraram contra os congressistas norte-americanos, no instante em que eram detidos.





O governador Muñoz Marin, de Pôrto Rico, quando, em Wasinghton, visitava George H. Fallon, um dos deputados ianques atingidos pelas balas dos nacionalistas de Albizú Campos.

ROMANCES ★ TEATRO ★ CINEMA ★ CURIOSIDADES ★ CONTOS ★ NOVIDADES ★

"PÔRTO RICO LIVRE!" GRITAM

OS "KAMIKAZES" DO CARIBE

OS PARTIDÁRIOS DE DON PEDRO ALBIZÚ CAMPOS, QUE TIROTEARAM NA SEMANA PASSADA A CÂMARA DOS REPRESENTANTES, EM WASHINGTON, JÁ TENTARAM ASSASSINAR HARRY TRUMAN E JURARAM CONQUISTAR A INDEPENDÊNCIA DE SUA PEQUENA ILHA A PREÇO DE MUITO SANGUE.

Reportagem de **JOEL SILVEIRA**

O avião pousa na larga pista de cimento, em São João do Pôrto Rico, cruzamos a porta envidraçada do aeroporto e imediatamente sentimos a ausência daquela atmosfera caribeana que vinha nos acompanhando de La Guaira, na Venezuela, até a última escala antes de Nova York. O aeroporto, novo e cintilante, é uma sucessão de pequenos «drugs stores». Uma vitrola mecânica e complicada toca alto as últimas novidades da Broadway; há milhares de envólucros de chocolate, goma de mascar e caramelos nas vitrines pejadas; e anúncios exuberantes, em inglês, nos enchem os olhos, com os nomes das mais famosas marcas de cigarros. Andamos por aquelas salas que se sucedem, limpas, fartas, provamos do «ice cream» que a moça arruma em porções coloridas, bebemos a «coca-cola» que a máquina amestrada já nos serve no copo, passamos os olhos pela coleção quase sem fim das revistas de todos os cantos dos Estados Unidos — e é como se estivéssemos, numa tarde morna, a vagar sem pressa pela Rua 42 ou pelas calçadas de «Times Square». A sala de visitas de Pôrto Rico, no aeroporto de São João, acumula também as funções, para quem chega do sul, de ante-sala dos Estados Unidos.

O QUE É PÔRTO RICO

● Pequena ilha a leste de uma outra, um pouco maior, que abrange as repúblicas Dominicana e do Haiti.

População: 2.800.000 habitantes (censo de 1951).

Superfície: 5.520 km2, quatro vêzes menor do que Sergipe, o menor Estado brasileiro. (A ilha tem 160 quilômetros de comprimento e 61 de largura).

Pôrto Rico produz açúcar, tabaco, café e frutas. Tôda a produção da ilha encontra-se nas mãos de trustes americanos.

Legislativo: Senado (19 membros) e Câmara (39 membros), eleitos para um período de quatro anos.

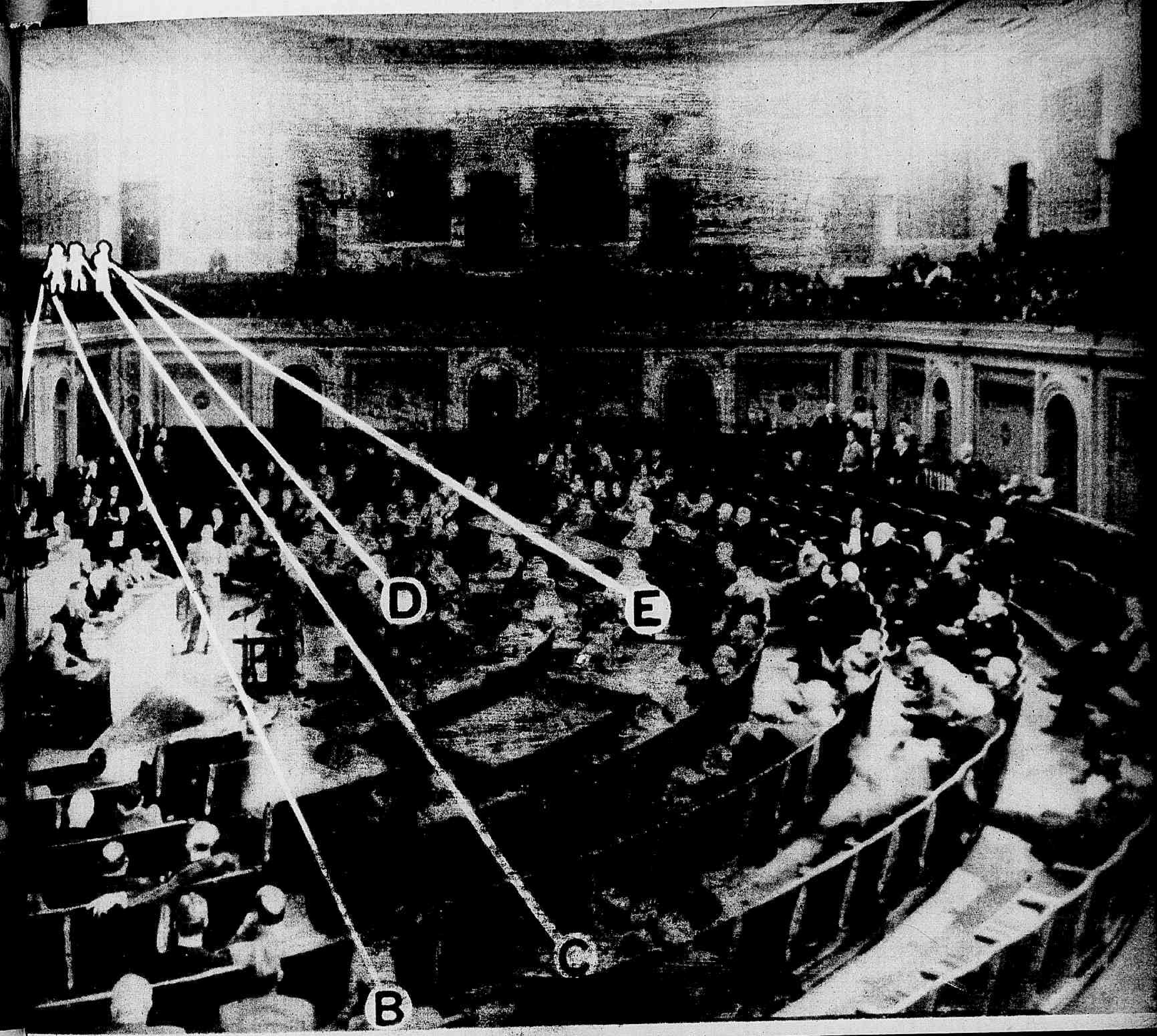
★

Mas típica gente do Caribe, apaixonada e inquieta, eram aquêles pequenos grupos de portorriquenhos que procuravam a nós, jornalistas, nos corredores das conferências pan-americanas, no Quitandinha, em Bogotá e em Was-

Da esquerda para a direita: outro flagrante da captura dos autores do atentado ao Congresso americano; nas mãos de policiais ianques ... um bandeira de Pôrto Rico que conduziam os portorriquenhos quando do assalto, na segunda-feira de Carnaval; o congressista Kenneth A. Rober... tes

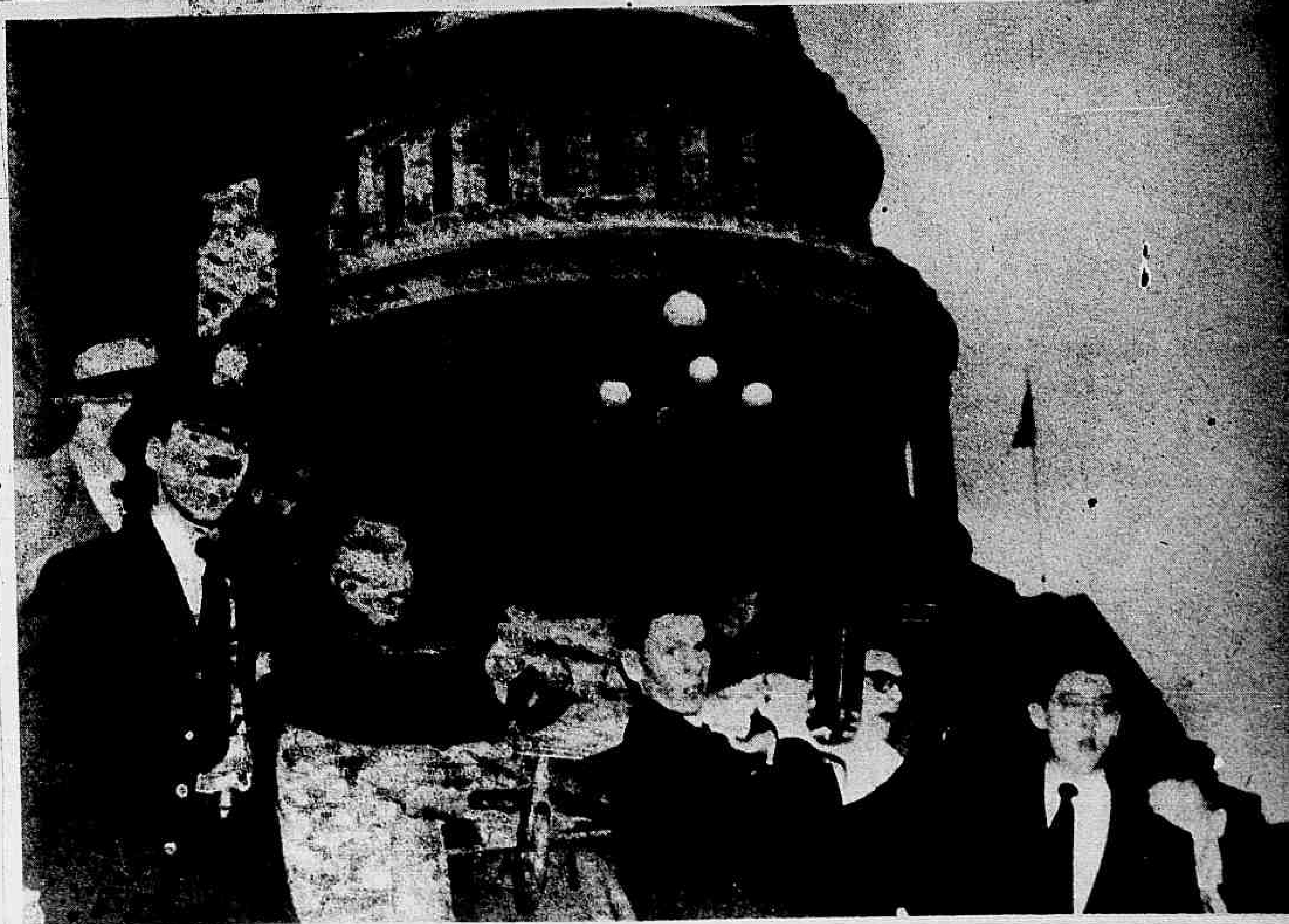






um dos deputados atingidos pelo tiroteio, que se era retirado em [illegible] do Capitolio. À [illegible] uma visão do plenário da Câmara dos Representantes vendo-se assinalados os pontos onde se encontravam os [illegible] [illegible] dos partidários de Pedro Albizú Campos





hington, com longos protestos orais e impressos; abundantes todos de desaforos contra «los ianques carcereros». Lembro-me de um dêles, em Bogotá, miúdo e verboso, aparteando clandestinamente, do seu lugar nas galerias, o delegado norte-americano que discursava — era um homenzinho de cabelos negros, bigode fino e aparado, faces cavadas. Os guardas levaram-no a fôrça para fora, mas até sumir-se no corredor comprido êle gritava como um possesso: «Viva Pôrto Rico livre!»

Foi êste mesmo grito de guerra — o grito que don Pedro Albizú Campos gravou em letras de sangue na sua bandeira nacionalista — que se seguiu ao insano tiroteio com que sete portorriquenhos acabaram, na segunda-feira de Carnaval, uma sessão na Câmara dos Representantes, em Washington.

«PÔRTO RICO LIVRE!»

O primeiro telegrama (da U.P.) veio curto e incompleto. Dizia: «Uma moça e dois homens sacaram de pistolas e fizeram fogo, da galeria da Câmara dos Representantes, alvejando e conseguindo ferir cinco legisladores. Havia uns 200 deputados na Câmara, na ocasião do incidente. A moça gritou: «Pôrto Rico livre!».

O atentado se verificara no dia 1º, segunda-feira de Carnaval, em Washington. Maiores detalhes chegaram com os despachos seguintes. Não haviam sido três, mas sete, os autores da alucinada proeza: quatro foram logo presos, os outros três tinham conseguido escapar. Os presos eram: Lolita Lebron, de 24 anos; Rafael Miranda, de 25 anos; André Cordero, de 29 anos e Irving Flores, o mais velho do grupo. Pertencem todos ao Partido Nacionalista de Pôrto Rico, o que significa dizer que são todos soldados obedientes do pequeno exército nacionalista que, sob o comando de don Pedro Albizú Campos, vem tentando, há mais de vinte anos, ganhar a guerra contra o domínio norte-americano na ilha.

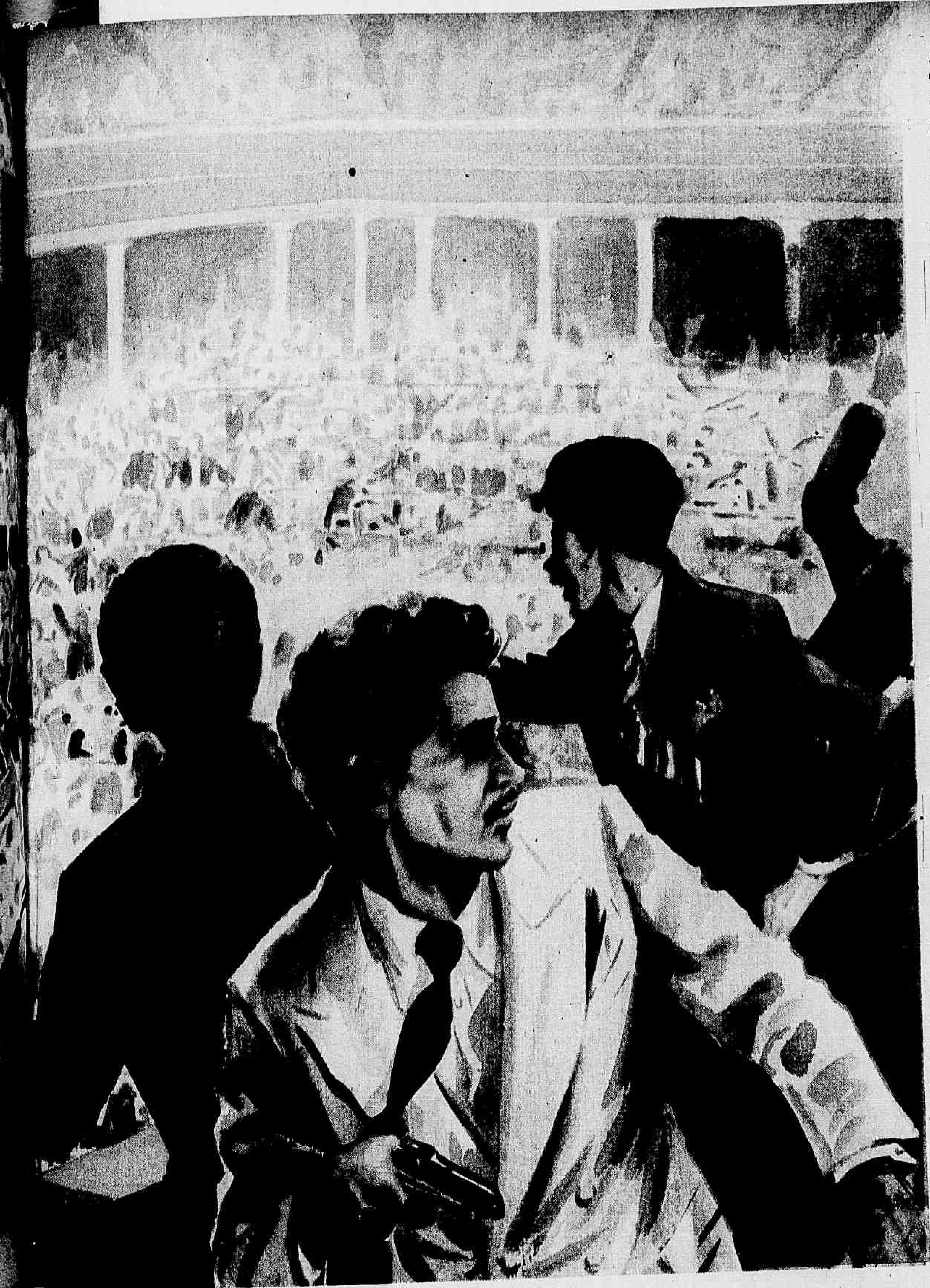
Ninguém sabe ainda ao certo de que maneira os sete portorriquenhos conseguiram burlar a severa vigilância policial, na portaria da Câmara dos Representantes, e, armados de pistolas automáticas («Pistolas alemãs», declarou à imprensa o deputado Shafer, que assistiu ao tiroteio) alcançar as galerias. A sessão ia no começo quando a fuzilaria teve início. O deputado Shafer informa ainda: «Foram disparados mais de 30 tiros». Lá em baixo, o plenário virara um campo de batalha, assim descrito por um outro telegrama, da France Press: A moça gritou: «Pôrto Rico livre!», e a seguir começaram todos a disparar. Os assaltantes alvejaram tôda a Câmara, da direita para a esquerda. Muitos representantes se arrojaram ao solo; outros caíram feridos. Muitos legisladores ficaram paralisados a princípio, incrédulos ou acreditando, alguns, que se tratava de tiros de pólvora sêca».



Ao grito de — "Viva Pôrto Rico Livre!" — mai

NÃO ERA PÓLVORA SÊCA

Não fôra pólvora sêca, mas balas de verdade, que atingiram cinco dos congressistas (mais de duzentos) então no plenário: o deputado Alvin Bentley, republicano de Michigan, atingido gravemente no peito, passaria os dias seguintes entre a vida e a morte; Ben Jansen, republicano de Iowa, «caiu



30 tiros foram disparados contra o plenário

(Desenho de RAMON reconstituindo o sangrento episódio)

sangrando abundantemente»; Clifford Davis, democrata de Tenessee, fôra atingido na perna; Kenneth Roberts, democrata de Alabama, teve quase arrancado um dedo da mão direita; e George Fallon, democrata de Maryland, recebera um tiro profundo nos músculos da perna esquerda.

O incidente espantou o mundo; a notícia dêle ia chegar a Caracas alguns minutos antes da abertura oficial da «X Conferência Inter-Americana». Foster Dulles, procurado pelos jornalistas, declarou que estava «profundamente conternado». Na ilha, o governador Muñoz Marin, de malas já prontas para voar para Washington, onde pediria desculpas pessoais ao Presidente Eisenhower, qualificou o atentado de «loucura nacionalista». Mas don Pedro Albizú Campos, em entrevista ao «El Imparcial», de San Juan de Pôrto Rico, saudou o incrível feito dos seus partidários de uma maneira orgulhosa e entusiasta, declarando: «Lolita Lebron e os cavalheiros de raça que a acompanharam na jornada de heroísmo sublime avisaram os Estados Unidos, que se tornaram valentes com bombas atômicas, que o dever os obriga a respeitarem a independência de tôdas as nações, incluindo a independência de Pôrto Rico, e que os portorriquenhos tudo farão para que seja respeitado êsse direito sagrado».

Menos de uma hora após o atentado de Washington, abria-se em Caracas a X Conferência Interamericana, e já no dia seguinte a Guatemala (que reinvidica a posse do território britânico de Belice) e a Argentina (de olhos nas Malvinas) anunciavam a sua intenção de levar a debate um tema extra-Agenda: aquêle que diz respeito ao colonialismo nas Américas. Não se tratava de uma novidade, pois noutras reuniões panamericanas anteriores os dois países haviam assumido posição idêntica. Dessa vez, porém, a questão ressurgia cheirando a sangue: sangue dos congressistas alvejados no plenário da Câmara dos Representantes pelo desesperado anti-colonialismo dos inflamados nacionalistas de Albizú Campos.

OS «KAMIKASES» DO CARIBE

Êsse método suicida de ação, revelado pelos portorriquenhos na sua ação política contra os norte-americanos, lembra o procedimento dos «kamikases» japonêses, aquêles pilotos que, durante a última guerra, atiravam-se com os seus aviões de encontro aos couraçados e objetivos inimigos. Morriam todos, mas o couraçado ia a pique ou o objetivo era atingido em cheio. Os nacionalistas de Albizú Campos são como «kamikases» civis, e foi precisamente há três anos e quatro meses que o mundo pela primeira vez tomou conhecimento de sua desesperada determinação. Naquele dia de novembro de 1950 a manchete dos jornais, no globo inteiro, fôra possivelmente uma só: «Quiseram matar o presidente Truman». E os telegramas, gritando em negrito na primeira página dos diários, contavam que dois nativos de Pôrto Rico, Griselio Toressola e Oscar Collazo, haviam tentado penetrar na «Blair House» (residência provisória do Presidente dos Estados Unidos, enquanto a Casa Branca sofria reparos), com o objetivo de eliminar Harry Truman. Do rápido e violento tiroteio estabelecido na porta no edifício, duas pessoas ha-

viam saído sem vida: um dos agressores, Torressola, e um dos guardas do corpo de segurança que interceptara os assaltantes. Também naquela manhã de 1950 o grito de guerra dos comandados de Albizú fôra o mesmo de Lolita Lebron, no atentado da semana passada: «Viva Pôrto Rico livre!».

A LIBERDADE CAMINHA DEVAGAR

Pouco mais de três anos antes do atentado frustrado, Truman, em 5 de agôsto de 1947, assinava um decreto, votado pelo Congresso, concedendo a Pôrto Rico dois privilégios importantes: o direito de eleger o chefe do seu Executivo, em eleições livres e indiretas; e o direito de escolher, pelo voto direto, os elementos do seu Legislativo, Câmara e Senado.

Antes da assinatura dêsse decreto, a situação política de Pôrto Rico passara por duas fases: primeira, a de simples colônia conquistada à Espanha pelas armas, conquista que fôra reconhecida pelo Tratado de Paris, assinado pelos governos norte-americano (vencedor) e espanhol (vencido) em 10 de dezembro de 1889. A pequena ilha manteve-se nessa situação de colônia até 2 de março de 1917, quando no govêrno de Wilson, foi garantida à sua população a cidadania americana e, por conseguinte, direito a voto nas eleições da metrópole.

Um ano e pouco após o decreto de agôsto de 1947, a gente de Pôrto Rico elegia (em 2 de novembro de 1948) a Luís Muñoz Marin chefe do Executivo; e escolhia os membros do seu primeiro Legislativo. Candidato novamente, Muñoz Marin foi reeleito há pouco mais de um ano. Sua ação administrativa e política é aparentemente absoluta; mas o fato é que ao seu lado o delegado nomeado pelos Estados Unidos é quem realmente tem a última palavra em todos os assuntos, questões e problemas que digam respeito aos interêsses ianques.

OS "KAMIKAZES" DO CARIBE



O líder da maioria, Joe Martin, examina, com o congressista Charles Halleck, um dos pontos, no plenário, alcançados pelos tiros dos assaltantes.

Em 1952 o govêrno norte-americano concedeu novos privilégios à ilha, e a Constituição que entrou em vigor a 6 de fevereiro daquele ano (aprovada por 80% dos eleitores) dava a Pôrto Rico uma quase autonomia, transformando-o num «estado livre associado». Mas o fato é que o «Resident Comissioner» nativo que representa a ilha no Congresso americano só tem direito à palavra, não a voto.

★

E' contra isso que se rebela e explode o ardor nacionalista de Albizú Campos: êle não quer a liberdade aparente; êle quer a liberdade de fato. Êle não quer ver a bandeira americana drapejando maior e mais alta, ao lado do pavilhão portorriquenho, nos mastros dos edifícios oficiais de sua pátria. O que o seu pequeno exército prega é o completo desligamento, político e material, de Washington. Para don Pedro Albizú Campos, Muñoz Marin, festejado pelos norte-americanos como um governante sábio, sereno e patriota, não passa de um traidor a serviço dos senhores detestados.

Albizú Campos não é comandante de um exército numeroso: os votos que êle deixou nas urnas, nas duas primeiras eleições realizadas na ilha, não passaram de alguns milhares. Mas o Partido Nacionalista justifica êsse mínimo quociente apontando as dificuldades e os perigos que tem de enfrentar e vencer na pequena ilha (ela foi descoberta por Colombo, em 1493), inteiramente dominada política e financeiramente pelos Estados Unidos e pelos seus agentes, delegados, industriais e comerciantes, donos da economia local e de todos os serviços públicos.

NOVEMBRO DE 1950: ALBIZÚ QUERIA A VIDA DE TRUMAN







Nos primeiros dias de novembro de 1950, dois portorriquenhos, Griselo Torressola e Oscar Colazzo, tentaram penetrar na «Blair House», residência provisória do Presidente norte-americano, com o objetivo de assassinar Harry Truman. Detidos pelos guardas do corpo de segurança, reagiram, e do violento tiroteio saíram mortos Torressola e um dos guardas; Collazo e outro guarda foram feridos gravemente, mas escaparam. As fotos lembram o episódio que, na época, espantou o mundo inteiro, denunciando, haver, nos Estados Unidos, conspiração contra o Govêrno.



Êste é um dos carros com que apresentaram-se os «Turunas de Monte Alegre». Aliás esta sociedade foi uma das poucas que desfilaram com algum bom gôsto e que mereceram maiores aplausos da multidão.

POBRE E SEM ANIMAÇÃO

O DESFILE DOS PRÉSTITOS

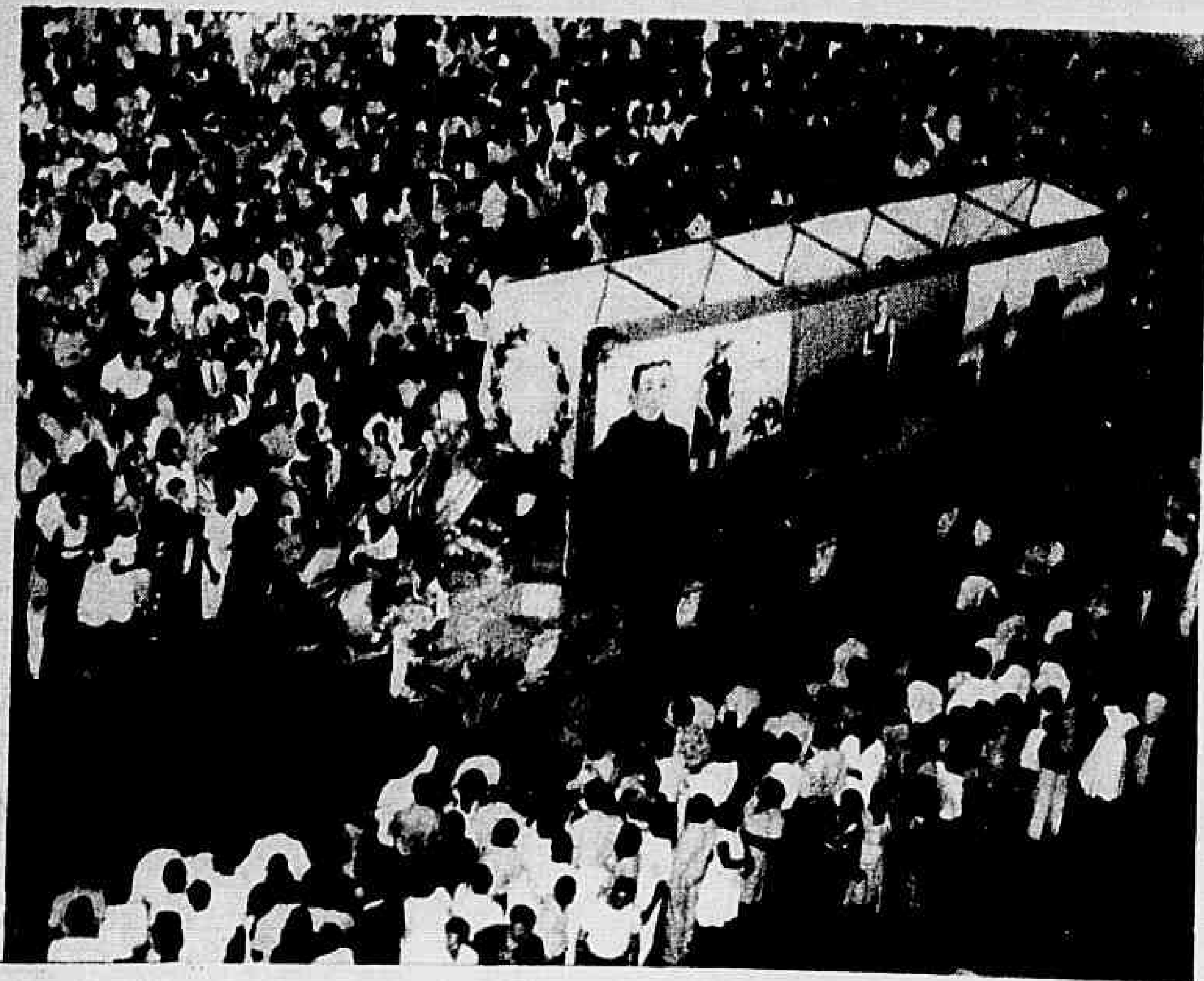
O POVO ASSISTIU, SEM ENTUSIASMO, A PASSAGEM DE POUCA COISA BOA E DE MUITO PAPELÃO MAL PINTADO E AMARROTADO.

JÁ não resta a menor dúvida de que o carnaval carioca está fugindo das ruas para os salões de baile. Uma prova disso, e das mais eloqüentes, foi o chinfrim e murcho desfile dos préstitos, que não despertou muito entusiasmo nem admiração. Poucos carros bem ideados, pouca imaginação, bom-gôsto quase nenhum. E uma grande fartura de papelão desbotado, amarrotado, com alegorias improvisadas e fáceis, uma tristeza tudo. A assistência, que no princípio do cortejo ainda era alguma, foi rareando gradativamente, e no fim da festa reduzia-se a alguns poucos foliões teimosos, que marcaram com a sua presença o "requiem" final de um desfile melancólico e sem brilho.



Foi um exagêro de papel crepon, tinta roxa e vermelha, numa arquitetura de papelão que, na maioria dos carros, pareciam postas de um «robot» desmontado.

O ÚLTIMO CARRO ALEGÓRICO DESFILOU POR UMA



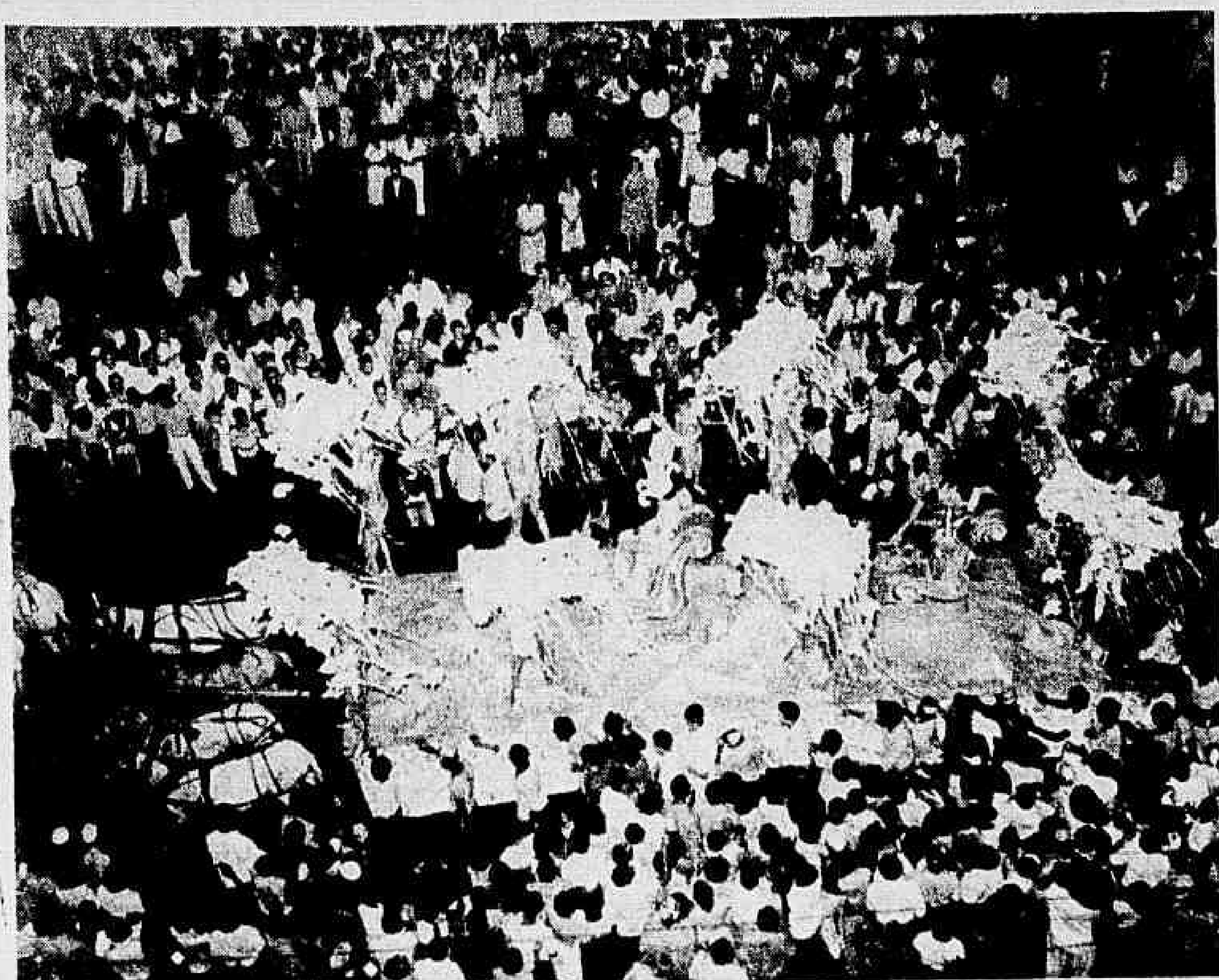


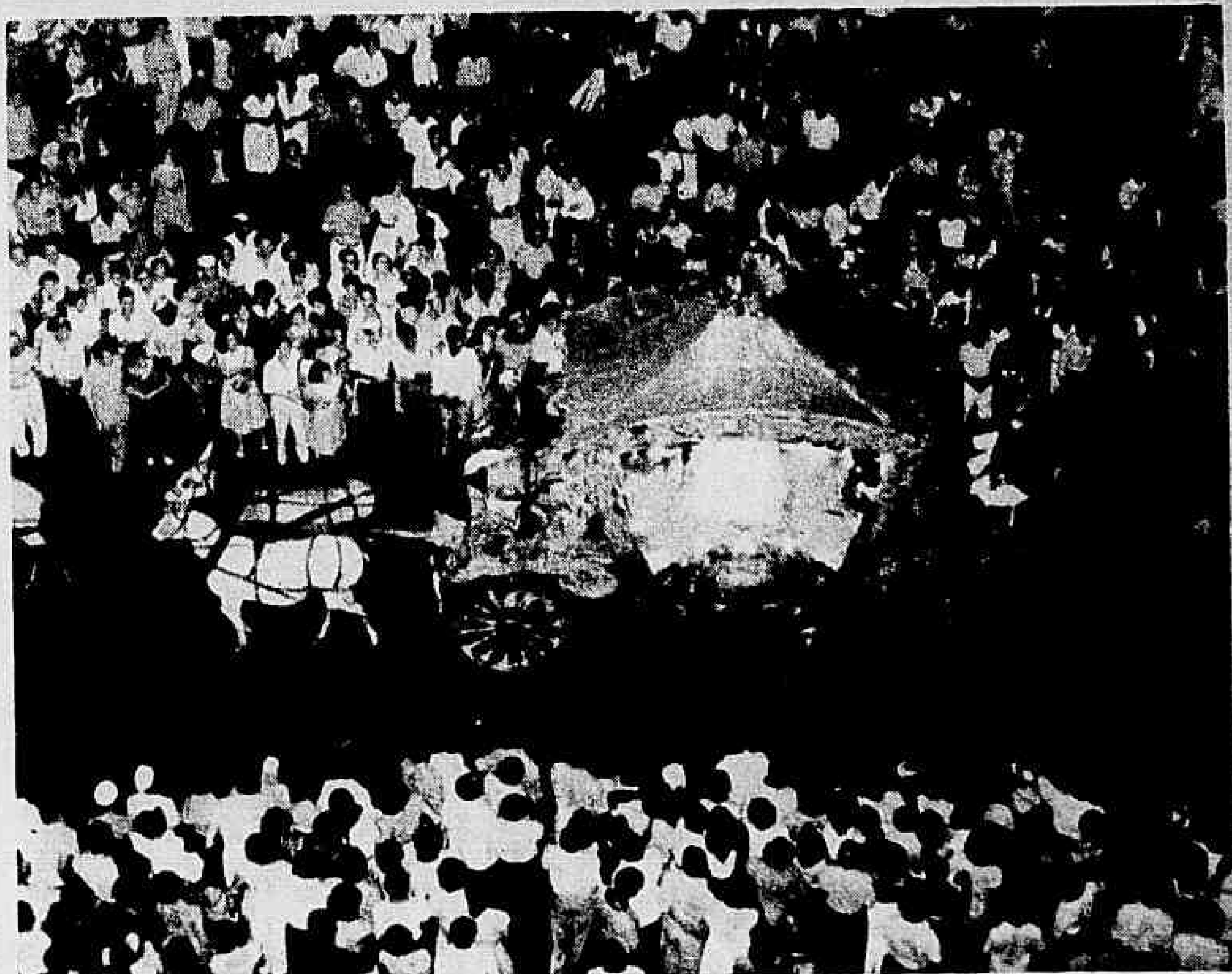
O povo no princípio ainda era muito. Mas o último carro a desfilar, já de madrugada, arrastou-se, triste e amarfanhado, por uma avenida quase sem ninguém.



As alegorias não tinham graça. E as figuras humanas que foram sentadas nos carros, tinham tôdas a cara triste de quem sofria mais do que se divertia.

AVENIDA PRESIDENTE VARGAS QUASE DESERTA





Palmas poucas. Entusiasmo nenhum. E já no dia seguinte ninguém se lembrava mais do que vira. E até agora poucos conhecem os nomes dos vencedores.





O DESFILE DAS

AS escolas de samba dão a nota bizarra ao carnaval carioca. E' um ritmo diferente, uma combinação de gestos e canções sem igual, e até as côres dos estandartes e as plumas dos índios pintam o retrato de um carnaval próprio, dentro de uma legitimidade espontânea que não se deixou contaminar nem sofrer as injunções do tempo. O desfile dêste ano não foi melhor nem pior do que o do ano passado. Quase que os mesmos arranjos, as mesmas fantasias; apenas,







ESCOLAS DE SAMBA SALVOU O CARNAVAL DE RUA





É SEMPRE DIFERENTE O CARNAVAL DOS RANCHOS



O ritmo do morro contagia com facilidade a todos. E' um ritmo seguro e autêntico.

como nota especial, algumas marchinhas de sabor autênticamente carioca, com suas combinações e suas rimas tão elas mesmas. E como marca sempre simpática, o bamboleio das gordas baianas metidas nas suas amplas saias, o pescoço enrolado nos fartos colares de ouro e prata. O povo tem sempre para elas um aplauso melhor. Assim tem sido, e assim foi no desfile dêste ano — um desfile que, de certa maneira, salvou um pouco o carnaval da rua. (Fotos de ALEXANDRE MIRANDA).







As porta-estandartes representam, com a graça dos seus passes, o melhor das escolas de samba.



Semana Literária

PÃODURISMO ESCOCÊS

Em «Europa 52» (crônicas de viagem, edição José Olímpio), Raimundo Magalhães Júnior chega à conclusão de que tudo quanto se conta da gente escocesa em matéria de economia é plenamente justificado pelos fatos. O que se repete como anedota não tem graça alguma na Escócia. Não faz rir. Será, quando muito, motivo de admiração. Não há gente mais avessa aos gastos evitáveis do que os escoceses. ....

Quando, em Paris, o autor de «Janela Aberta» se dirigiu ao escritório das estradas de ferro britânicas, a fim de comprar bilhetes ferroviários da França para Londres e de Londres para Edimburgo, o funcionário que o atendeu declarou logo:........

— De Londres a Edimburgo o sr. terá que viajar de terceira classe...

— Por quê?

— Porque os trens, muito simplesmente, não têm primeira nem segunda...

— Mas, há alguma razão para isso?

— Sim... Uma razão de fato. Os escoceses não pagam senão passagem de terceira... Seria inútil colocar na linha outra espécie de carros...

O RIDÍCULO FAZ PARTE

João Ribeiro, um dos mais ilustres que já ocuparam uma poltrona na Academia Brasileira, achava deploràvelmente ridícula a farda dos acadêmicos, cheia de dourados e enfeites, como a dos príncipes de opereta. Um dia comentou:

— Êsse fardão é ridículo. Mas, é claro que o ridículo faz parte integrante da glória acadêmica...

ANALFABETOS NAS CAPITAIS

Das seis grandes capitais brasileiras o Distrito Federal é que detém a melhor colocação com a mais reduzida quota de analfabetos: 15,1%. O segundo pôsto cabe a Pôrto Alegre, com 15,2%. Seguem S. Paulo com 15,5%. Belo Horizonte com 16,3%, Salvador com 26,2%, e Recife com 34%. Isso de acôrdo com o censo de 1950, e com referência aos habitantes de 10 anos e mais de idade, que não sabiam ler nem escrever.

MALÍCIA DE ESCRITORES

Numa roda de literatos, certo romancista conhecido por sua malícia contou recentemente o seguinte caso:

Alguém telefonou para a residência do acadêmico Aloísio de Castro.

— No momento, não está em casa, — respondeu uma voz.

— Mas, tenho urgência de falar com êle. Vai demorar?

E a voz, do outro lado do fio:

— Doutor Aloísio foi chamado para atender a um caso urgente de aplicação de pronome, aqui mesmo no bairro...

RONDA LITERÁRIA

★ A Coleção Saraiva (tiragem mensal 50.000 exemplares) distribuiu em fevereiro, aos seus assinantes, o romance de Leão Machado: «Iperoig», e em março, mais um volume de Júlio Verne: «As Atribulações de um Chinês na China». Anuncia para breve «A Rajada», romance de Amadeu de Queiroz, escrito especialmente para a Coleção. Para abril foi escolhido «O Moço Loiro», de Joaquim Manuel de Macedo.

★ «Usina do Sonho» é o título de mais um volume de poesia de Osvaldino Marques que ainda recentemente nos deu «O Poliedro e a Rosa» (ensaios de estética literária). Tem no prelo uma introdução à teoria da metáfora: «O Escudo de Perseu» (pelo Clube de Poesia, de S. Paulo). Osvaldino Marques escreveu também um romance, ainda inédito: «Ícaro Tombado», e é autor de dois dramas: «Ciméria» e «Um Homem na Cerração».

★ Há muito estava sendo aguardada a reedição das obras de Mário Barreto, prometida pela Organização Simões. Saiu agora um dos volumes: «Através do Dicionário e da Gramática». Prefácio de Joaquim Ribeiro.

★ Ainda pela Organização Simões: «Subconsciência e Afetividade na Língua Portuguêsa», por Jesus Belo Galvão.

★ Um punhado de novidades da Editôra José Olímpio: «Cabra-Cega», romance de Lúcia Miguel Pereira; «Assunção de Salviano», romance de Antônio Calado; «Igrejas de São Paulo», de Leonardo Arroio que oferece neste volume de 400 páginas uma introdução ao estudo dos templos mais característicos de S. Paulo nas suas relações com a crônica da cidade. Ilustram a bela obra vinhetas de Orlando Matos, além de 51 fotografias fora do texto.

★ «Novelas Completas», de Prosper Mérimée, em tradução de Mário Quintana, é o mais recente volume (580 páginas) que a Editôra Globo incluiu na sua Biblioteca dos Séculos. Excelente o estudo introdutório de Emile Faguet, traduzido por Elza Lima Ribeiro.

★ Henry Brooks Adams nasceu em 1838 em Boston, e morreu em 1918, em Washington. Homem de letras e professor, viajou por numerosos países. Em 1907 fêz uma tiragem particular (apenas 100 exemplares, destinados aos amigos) de sua autobiografia. Recusou-se a permitir que a obra fôsse publicada em edição maior. Esta só pôde ser lançada após sua morte, em 1918, e teve enorme sucesso. Agora, em tradução de Dalmo Jeunon, a Revista Branca, sob a orientação do escritor Saldanha Coelho, apresenta a obra em dois volumes, num total de 500 páginas.

★ Até agora só existiam compêndios estrangeiros sôbre filologia românica, o que dificultava o trabalho de professôres e estudantes. Para remover essa dificuldade, o prof. Antenor Nascentes escreveu e publicou: «Elementos de Filologia Românica» (Organização Simões, 110 páginas).

★ Depois de «A Muralha» em que Dinah Silveira de Queiroz nos dá um dos maiores romances históricos brasileiros (primeira edição de 6.000 exemplares já esgotada) descrevendo os primórdios do burgo anchietano, aparece agora outro romance sôbre os velhos tempos de S. Paulo: «A Visão dos Quatro Séculos», por Jorge Carneiro (Editôra Martins, 332 páginas).

★ Partiu para a Europa, em viagem de estudos, o médico-escritor Cláudio de Araújo Lima, autor de dois romances, um estudo sôbre Stefan Zweig e uma biografia de Plácido de Castro cuja primeira tiragem chegou a esgotar-se em 15 dias.

★★★★★★★★★★★★ Quando, ao crepúsculo... ★★★★★★★★★★★★

Quando, ao crepúsculo, nos apartamos um do outro
— Após nossas mansas confidências ladeados de espelhos —
E, na linha da ausência, agitas o braço num adeus,
O pêndulo do tempo imobiliza-se súbito
E teu gesto de asa se eterniza no azul.
Torno sôbre os meus passos e ante mim o regresso
Desenrola o itinerário da amarga soledade.
Pela divisa da espuma te evoco em segrêdo
Como quem rearticula os fragmentos de um sonho
Ou aprende baixinho uma canção de cor.

Sei que és apenas lembrança, mito temporário,
Mas, ai! não me conformo, e seguimos enlaçados.
O vento andarilho estira os anéis dos meus cabelos,
O frescor da noite me eriça de ternura,
No ápice da montanha equilibra-se a lua,
Acenam-me de tombadilhos para nevoentas viagens,
Mas nada vejo ou ouço, salvo a ti, meu amor,
Pois o ser me usurpaste de modo tão despótico
Que eu já não sou eu mais: sou Plurabelle!

OSWALDINO MARQUES em «Usina do Sonho»

O LIVRO DA SEMANA

"CURIOSIDADES BRASILEIRAS"

UM livro popular — e dizemos **popular** no melhor sentido têrmo — tem que reunir uma porção de qualidades. Precisa ser divertido, instrutivo, curioso, de fácil e agradável leitura, e geralmente bem ilustrado com desenhos.

Pois bem, acabamos de ler um livro dêste tipo. Chama-se «CURIOSIDADES BRASILEIRAS» e foi lançado há poucos dias pelos Editores Irmãos Pongetti. Em suas 200 páginas encontramos bem algumas centenas de assuntos, sempre muito resumidos, desde as mais remotas curiosidades históricas, até aos mais recentes dados estatísticos, entremeados de episódios de tôda natureza.

O livro foi escrito sem pretensões literárias, ou científicas. Em compensação é divertido, instrutivo e curiosíssimo.

Vejamos alguns exemplos. Você sabe, p. ex., se as primeiras mulheres que chegaram ao Brasil, eram

FRANCESAS OU PORTUGUÊSAS?

Afirma-se em geral que as primeiras mulheres que chegaram ao Brasil eram francesas, aqui aportando em 1557, no tempo de Villegagnon. Mas, a verdade não é bem esta. Já 22 anos antes, ou seja em 1535, chegaram ao Brasil Dona Brites de Albuquerque, espôsa de D. Duarte Coelho, donatário de Pernambuco. Não há notícia de outras mulheres. Mas, sendo Dona Brites uma dama fidalga, é provável que tenha trazido em sua companhia algumas criadas.

Quanto às francesas que Villegagnon mandou buscar na França, sabe-se que eram cinco, e aqui chegaram em 1557. O motivo? O grande militar francês era hostil à união das nossas índias com os seus comandados.

DEODORO E OS SOBRINHOS

O marechal Deodoro da Fonseca não tinha descendentes, mas estava muito ligado à família e tratava como seus os filhos de seus irmãos, os quais interferiram na sua vida com certa liberdade. Ajudavam-no em muitas coisas, mas também lhe causavam aborrecimentos. E sempre que um dêsses aborrecimentos lhe vinha, era fatal a frase de Deodoro:

— Qual! Quando Deus não nos dá filhos, o diabo nos dá sobrinhos!



O MENOR MUNICÍPIO

Você sabia que há no Brasil um município de dimensões tão reduzidas, que poderia caber dentro do aeroporto de Santos Dumont, na Capital Federal. Trata-se da estância balneária de Águas de São Pedro, E. de São Paulo, convertido recentemente em município autônomo, embora conte apenas 3 quilômetros quadrados de superfície. Sua população residente não chega a 400 habitantes.

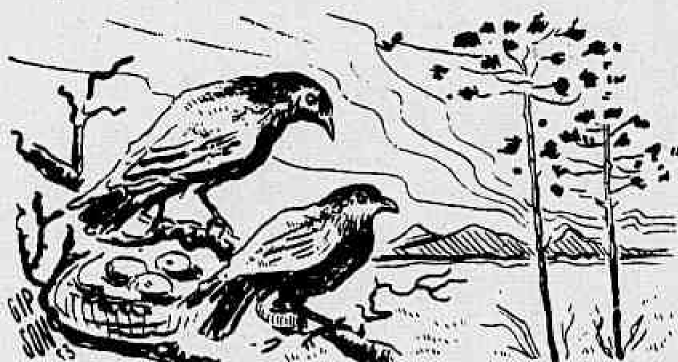
HONRA DE DONZELA

José Bernardino Pereira de Almeida Sodré, afastado da pasta da Fazenda em 1829, por incompatibilidade com o Imperador, vivia indiferente ao poder, quando Pedro I mandou-o chamar ao Paço:

— Quero que faça parte do novo ministério — disse o monarca. — Pode escolher a pasta que lhe convenha. Aceita?

— Não, Majestade! — respondeu altivo José Bernardino. E de pé, pronto para retirar-se:

— Senhor, honra de donzela e confiança de ministro, só se perde uma vez! Eu não posso, pois, tornar a ser ministro de Vossa Majestade!



OBRA DA GRALHA AZUL

Durante muito tempo não se sabia explicar como os pinheiros, ou melhor as araucárias do Paraná, apareciam aos grupos, em pontos afastados, sem que ninguém os plantasse. Hoje, já se sabe que êsse reflorestamento é obra de um pássaro — a gralha azul.

Essa ave, que vive nos planaltos paranaenses, tem no pinhão (semente do pinheiro) o seu alimento predileto. Previdente, enterra em diversos lugares boa quantidade de pinhões, para comê-los mais tarde, quando terminada a safra das pinhas. Ora, algumas gralhas morrem, e outras esquecem onde enterraram os pinhões. Essas sementes esquecidas brotam e produzem os grandes pinheiros que às vêzes alcançam 50 metros de altura.

MAIOR NÚMERO DE CIDADES

Minas Gerais é o Estado que conta maior número de cidades no Brasil. Excluídas Ataléia e Mantena, situadas na região litigiosa da Serra dos Aimorés, Minas contava, na época da último recenseamento, um total de 386 sedes municipais que reuniam 1.918.856 habitantes, ou seja a quarta parte (24,9%) de tôda a população mineira. No Brasil em geral, os moradores das sedes municipais correspondiam a quase um têrço da população total (31,3%).

ÚLTIMOS VERSOS

O grande Tobias Barreto, poeta, orador, político e professor de Direito, pressentindo a morte já próxima, ainda fêz êstes versos:

"Relógio da minha vida,
que a desgraça adiantou,
a hora da despedida
meu coração já soou.
Bate-me o peito, entretanto,
dos olhos corre-me o pranto,
cujo margor é tão bom!
Pois eu choro? Ó sorte crua!
Também o mármore sua,
também o bronze dá som!"

MAIS MULHERES

Em cada grupo de 10.000 nordestinos contavam-se 4.888 homens e 5.112 mulheres, na data do recenseamento geral de 1950.

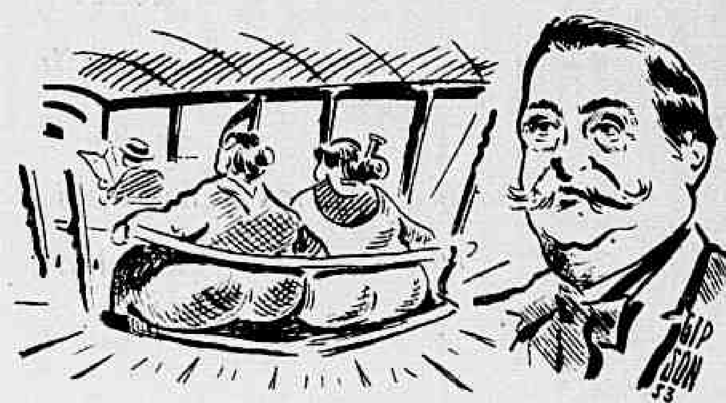
E' cada vez maior o número de mulheres que se lançam à competição nas chamadas «profissões liberais». A percentagem de diplomados do sexo feminino, que era de 6% em 1937, passou a 23% em 1951. As profissões liberais mais procuradas pelo belo sexo são: a Filosofia, Enfermagem, Farmácia, Odontologia e Medicina. Só ainda não se interessaram pela Veterinária.

ANOMALIA FINANCEIRA

Ia certa vez Emílio de Menezes num bonde, quando se sentaram no banco fronteiro duas senhoras de grandes banhas, que com dificuldade conseguiram entrar no veículo. Com o pêso das duas matronas, o banco range, estala, geme, estranhando a carga.

Emílio, observando o caso, levou a mão à bôca, e pôs-se a rir em silêncio. E como o companheiro o olhasse, o poeta explicou:

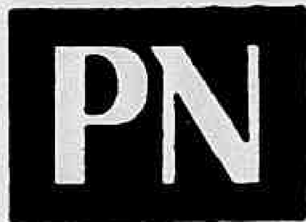
— Sim, senhor! E' a primeira vez que eu vejo um banco quebrar por excesso de fundos!



Circulará êste mês o

O ANUÁRIO DE PUBLICIDADE

com farto material de grande interêsse.
O senhor o receberá GRATUITAMENTE, adquirindo **agora** a sua assinatura de



Para isso, basta preencher e remeter o formulário abaixo.

A
Emprêsa Jornalística PN S/A
Caixa Postal, 3748
Rio

Desejando adquirir uma assinatura de **PN**, com direito a receber **gratuitamente** o Anuário de Publicidade, o Anuário de Imprensa e o Anuário de Rádio, estou remetendo por cheque (vale postal) a importância de

Cr$	200,00	para um ano
	350,00	para dois anos
	500,00	para três anos.

Nome: ....

Endereço: ....

Cidade: .... Estado: ....

Assinatura: ....

Semana Astrológica

● **Muitos dos nossos leitores têm estranhado o emprêgo que a REVISTA DA SEMANA vem dando às notações astrológicas, nesta seção, considerando, por exemplo, o Sol no signo do Capricórnio, entre 24 de junho e 22 de julho e não no signo do Câncer, como se admite geralmente. O signo do Câncer é oposto ao signo do Capricórnio. É justamente nessa oposição que o nosso processo se fundamenta. Os signos do Zodíaco representam as estações do ano. Câncer simboliza o verão e Capricórnio, o inverno.**

● **Ora, o nosso verão não chega em junho nem o nosso inverno, em dezembro. No hemisfério sul, as estações estão a seis meses, em relação ao hemisfério norte. Elas se opõem, portanto, no tempo, não obstante serem os mesmos, os seus efeitos. As nossas indicações são feitas tendo-se em conta a nossa posição meridional. Invertemos os signos para não fugir à realidade da sua fenomenologia.**

RESPOSTAS AOS TESTES DA PÁGINA 48

1 — Inauguração do tráfego da Central do Brasil ★ 2 — A Paulista ★ 3 — Minas Gerais ★ 4 — Estado do Rio e Espírito Santo ★ 5 — Cinco ★ 6 — Mãe de Pedro Alvares Cabral ★ 7 — Miguel Calmon Du Pin e Almeida ★ 8 — Grande educador baiano ★ 9 — Espiga ★ 10 — Cachoeira ★ 11 — Victor Hugo ★ 12 — Na «Réplica» ★ 13 — Goiás ★ 14 — A igreja de S. Francisco de Assis (Pampulha) ★ 15 — Salvador.

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 20 E 26 DE MARÇO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — O vazio da semana justificará a ausência de acontecimentos de relêvo, na vida do leitor, nos próximos sete dias. Não valerá a pena, qualquer tentativa visando a solução dos problemas do seu interêsse e de maior significação. Nada conseguirá.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Um forte concurso de circunstâncias propiciará, ao leitor, uma semana cheia, movimentada e bem favorável. Os acontecimentos o levarão, mesmo a contra gôsto, aos objetivos imediatos. Não ofereça resistência ao seu próprio destino.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Uma série de aspectos harmônicos beneficiará o seu planêta, permitindo-lhe a emissão de eflúvios os mais favoráveis. Sua situação vai ser muito aliviada. Haverá saldo apreciável no final do período.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — A situação não se modificará substancialmente, para o leitor, na semana entrante. O ambiente astral continuará favorável aos seus negócios e aos empreendimentos do seu interêsse. Poderá associar-se a alguém.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Um ótimo período terá o leitor, na próxima semana para tentar a cura dos males físicos que o aflijam, por acaso, no momento. Seu organismo viverá um período de intensas reações. É só ajudá-lo um pouquinho mais.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Não assine contratos nem firme documentos que importem em obrigações financeiras para o futuro. No seu caso, os atos praticados no novo período terão como conseqüência, desgostos, entraves, sérias complicações.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Apenas o dia 24 será desfavorável aos seus negócios, dando-lhe um caráter negativo às atividades que exercer. Os dias restantes muito o favorecerão, notadamente sob o ponto de vista profissional.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — A não ser em relação às viagens, a semana será inteiramente favorável ao leitor. Sua vida doméstica terá um ambiente de completa harmonia. Os negócios, do mesmo modo, se processarão normal e proveitosamente. Tudo calmo, como se diz.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Seus negócios sofrerão uma queda sensível na próxima semana. Isto resultará da sua indisposição física e mental para o trabalho. Não force a situação, querendo sobrepor sua vontade a uma determinante do destino. Acomode-se e não se arrependerá.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Viva tranqüilo o próximo período. Nada de anormal, especialmente de natureza desfavorável, poderá acontecer, pois o «Grande Maléfico», em retrogradação e em queda, nada de mal lhe poderá fazer.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Observe uma linha de conduta diferente da que lhe recomendamos na semana anterior. Não atue com desenvoltura nem confie demasiado. Poderá ser vítima de fôrças traiçoeiras que o espreitam numa das curvas do seu caminho.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — A semana terá um início muito favorável. A atuação harmônica dos astros, porém, declinará a partir do dia 19, caindo progressivamente até se tornar desfavorável. Aproveite o comêço e se desinteresse pelo fim.

OS NOMES DA SEMANA

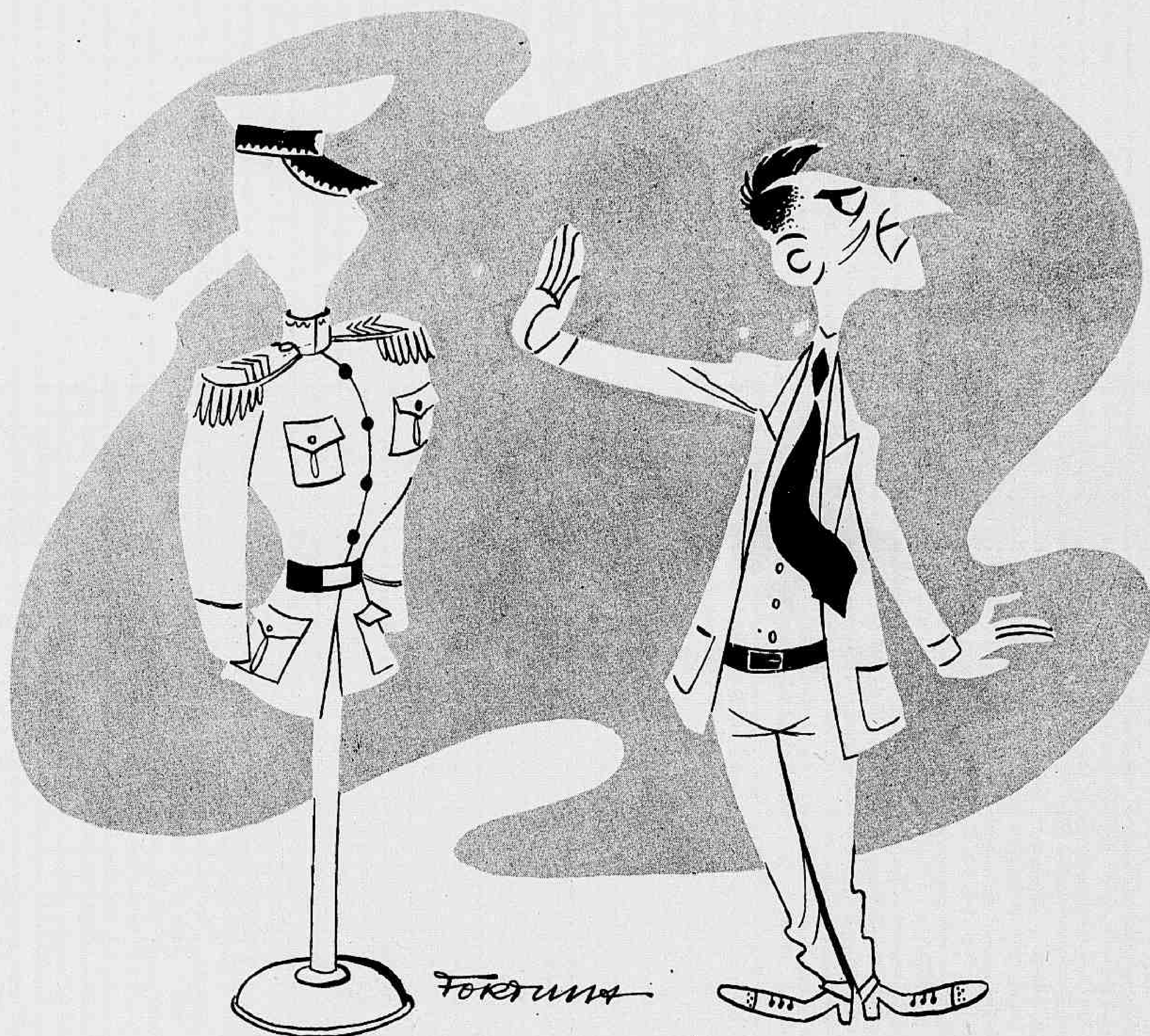
Março,	20	—	Romildo	—	Altina
"	21	—	Gilvo	—	Aída
"	22	—	Emídio	—	Otávia
"	23	—	Vitorino	—	Vitória
"	24	—	Marcos	—	Dália
"	25	—	Mário	—	Maria
"	26	—	Bráulio	—	Lídia

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Março,	20	—	29° - 20' - 33''	(Signo dos Peixes)
"	21	—	0° - 20' - 6''	(Signo do Carneiro)
"	22	—	1° - 19' - 38''	(" " ")
"	23	—	2° - 19' - 8''	(" " ")
"	24	—	3° - 18' - 36''	(" " ")
"	25	—	4° - 18' - 2''	(" " ")
"	26	—	5° - 17' - 27''	(" " ")

PÁGINA 19



O CIVILISTA

ADONIAS FILHO

TIPO curioso da República, que exige classificação urgente, é o que costuma inclinar a mão aberta e, com os olhos inundados de terror, exclamar veemente e solene: «Não, amigo, nada de militares. Eu sou civilista!» Hoje, é verdade, são pedras raras. Foram muitos ao tempo do velho Rui, na época da candidatura Hermes, foram tantos que lembravam as fôlhas das árvores. Mas, à proporção em que a República se foi bacharelizando gloriosamente, começaram a minguar, as legiões transformando-se numa espécie de fóssil e obstinada coluna. Talvez, neste momento, contemos os civilistas nos dedos dos pés. Ainda existem, porém, e sempre culpam ao ministro da Guerra o recrutamento dos filhos. Realmente pitoresca, nesses adversários da farda, é a ignorância que revelam quando discutem, o olhar em tôrno como se estivessem na Prússia. Se perguntamos — «mas por que o senhor é civilista?» —, extraordinário é o esfôrço civil para uma resposta: «A democracia pertence aos civis». Eis aí a pilhéria. Em princípio, o civilista divide a humanidade e como sua lógica é totalitária nega violentamente seja a democracia o regime do cidadão. Que diabo seja o cidadão, não importa. Importaria a classe do cidadão se, ao invés de uma organização democrática, sonhássemos com instituições corporativas.

● Seu caso, entretanto, é o brasileiro. Empolga-se, irrascível e intolerante, quando fala em «solução civil para uma duração democrática». Com enorme paciência explico que os militares, neste país, sempre foram os incensuráveis fiadores da democracia. O civilista empalidece, a raiva nos músculos, enquanto exponho os fatos.

Proclamaram a República — atendendo a uma situação inevitável desde a abolição da escravatura — e logo a confiaram às fôrças políticas, o civilista Rui influindo decisivamente na primeira carta constitucional. Em 30, vitoriosa a revolução militar que êles próprios subordinaram a uma chefia civil, passam o govêrno a um bacharel. Em 45, quando depõem a êsse bacharel convertido em ditador, à magistratura entregam as posições. O militar, que foi presidente até 50, no dia certo e na hora certa põe a faixa presidencial no adversário vitorioso nas urnas. Deodoro, o marechal, foi o único a renunciar em tôda a história da República. E Floriano, com todos os valetes na mão para impor a ditadura, deixa religiosamente o govêrno no minuto previsto na lei.

Sòmente então, muito calmo, pergunto:

E os civis?

O civilista silencia, têso e ofegante. A história, como o número, é incontestável. Mas, como estou apressado, concluo em duas palavras:

— Dutra é o marechal. Getúlio é o bacharel.



ROSÂNGELA MALDONADO, rainha da cabeça aos pés, agradece os aplausos dos seus vassalos.

TODO FAUSTO E TÔDA ALEGRIA NA COROAÇÃO DA



À meia-noite em ponto, a Rarinha era coroada por S.M. Momo I. que, no flagrante de baixo, é visto chegando ao João Caetano, comboiado de perto por uma turma da P.E.

Rainha Por Três Dias

ROSANGELA MALDONADO ESTÊVE À ALTURA DE SUAS (DELIRANTES) RESPONSABILIDADES ★ MELHOR QUE O DO ANO PASSADO O ESPETACULAR BAILE DO TEATRO JOÃO CAETANO.

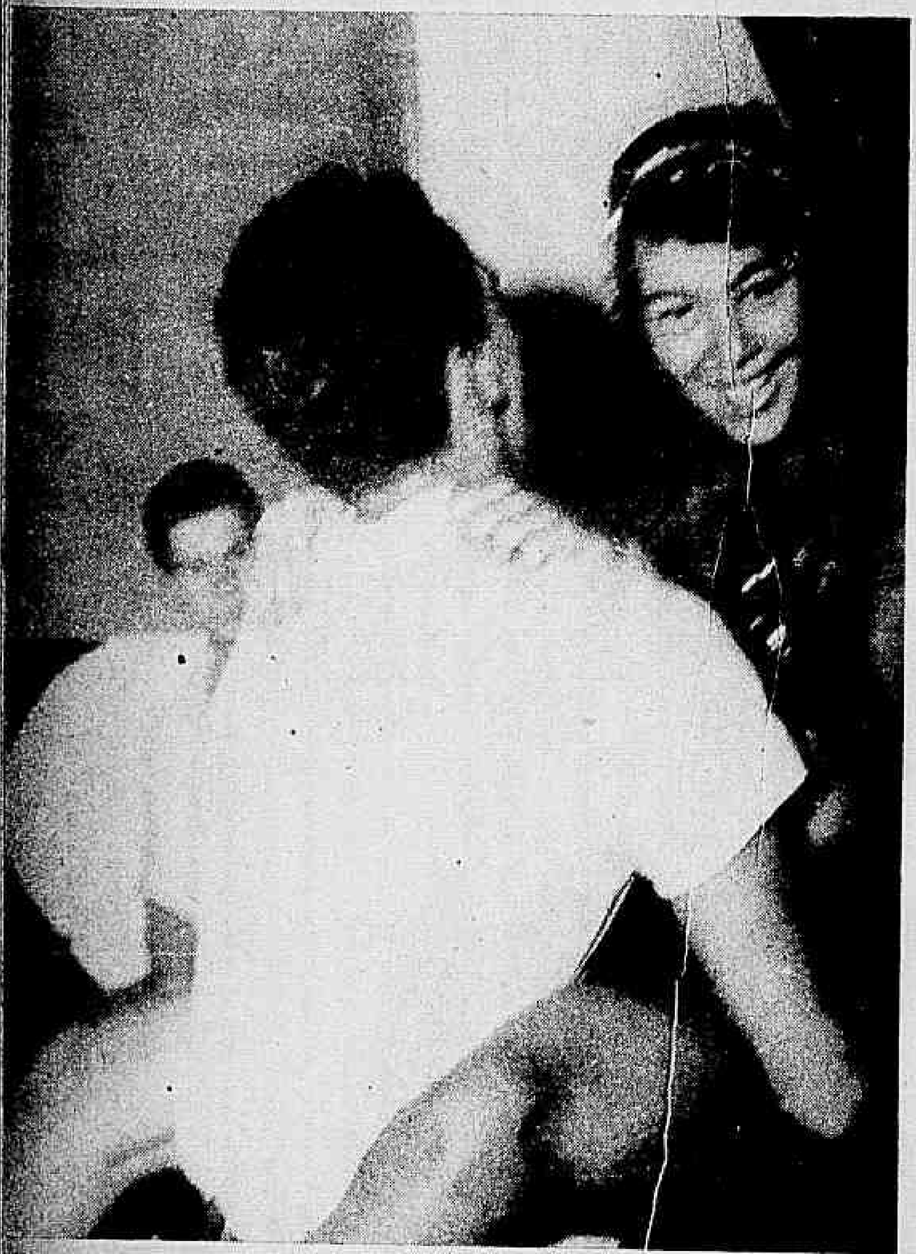
Fotos de ALBERTO FERREIRA LIMA e ALEXANDRE MIRANDA



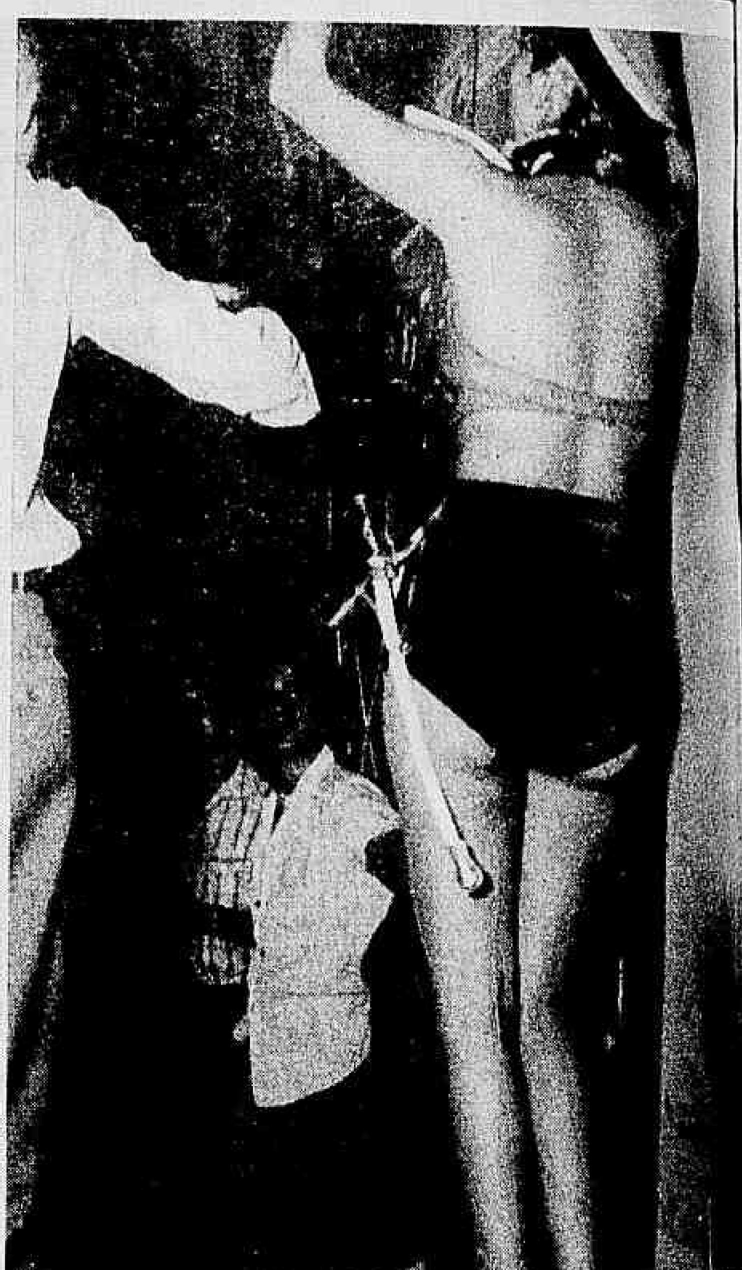




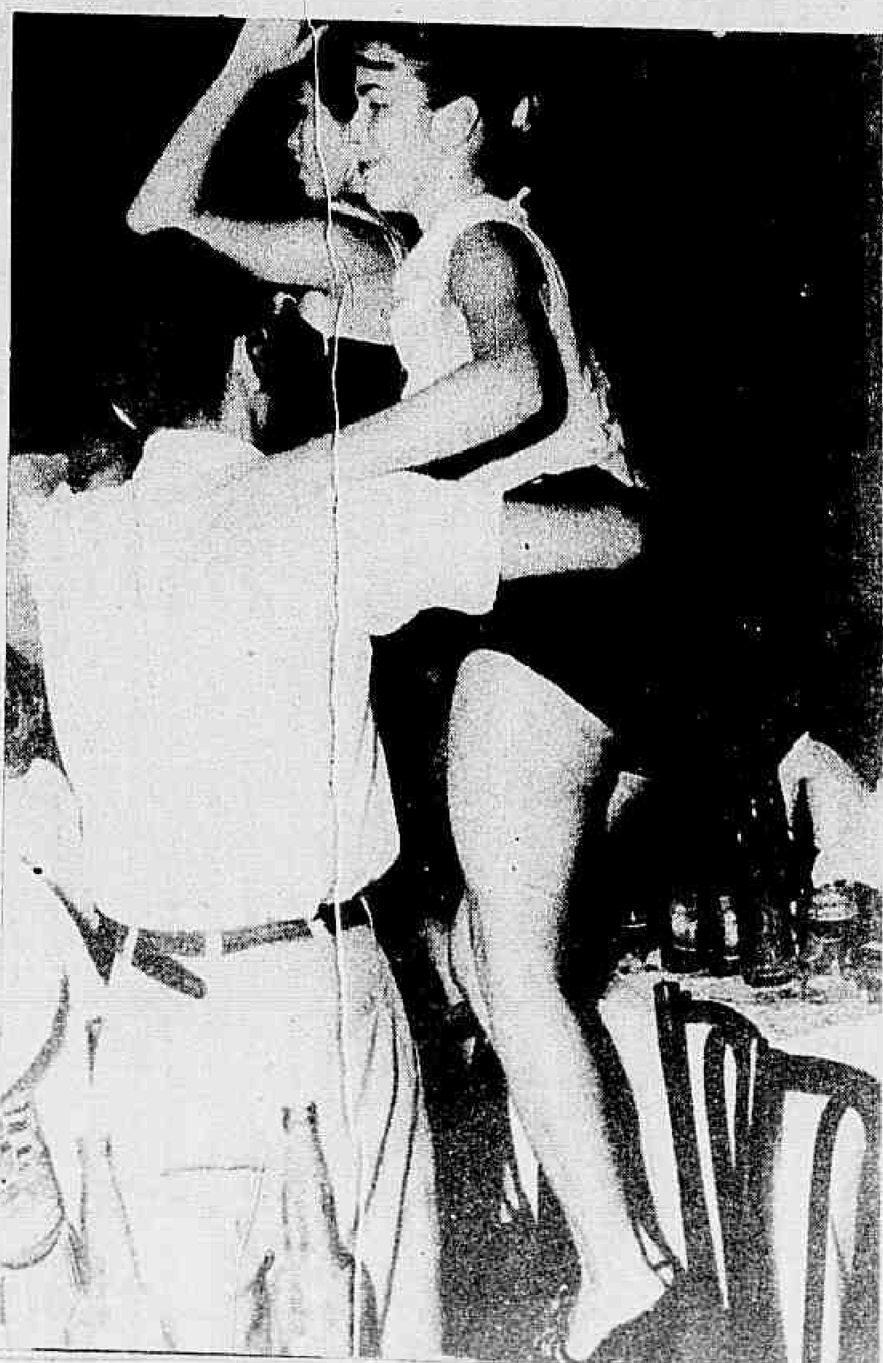








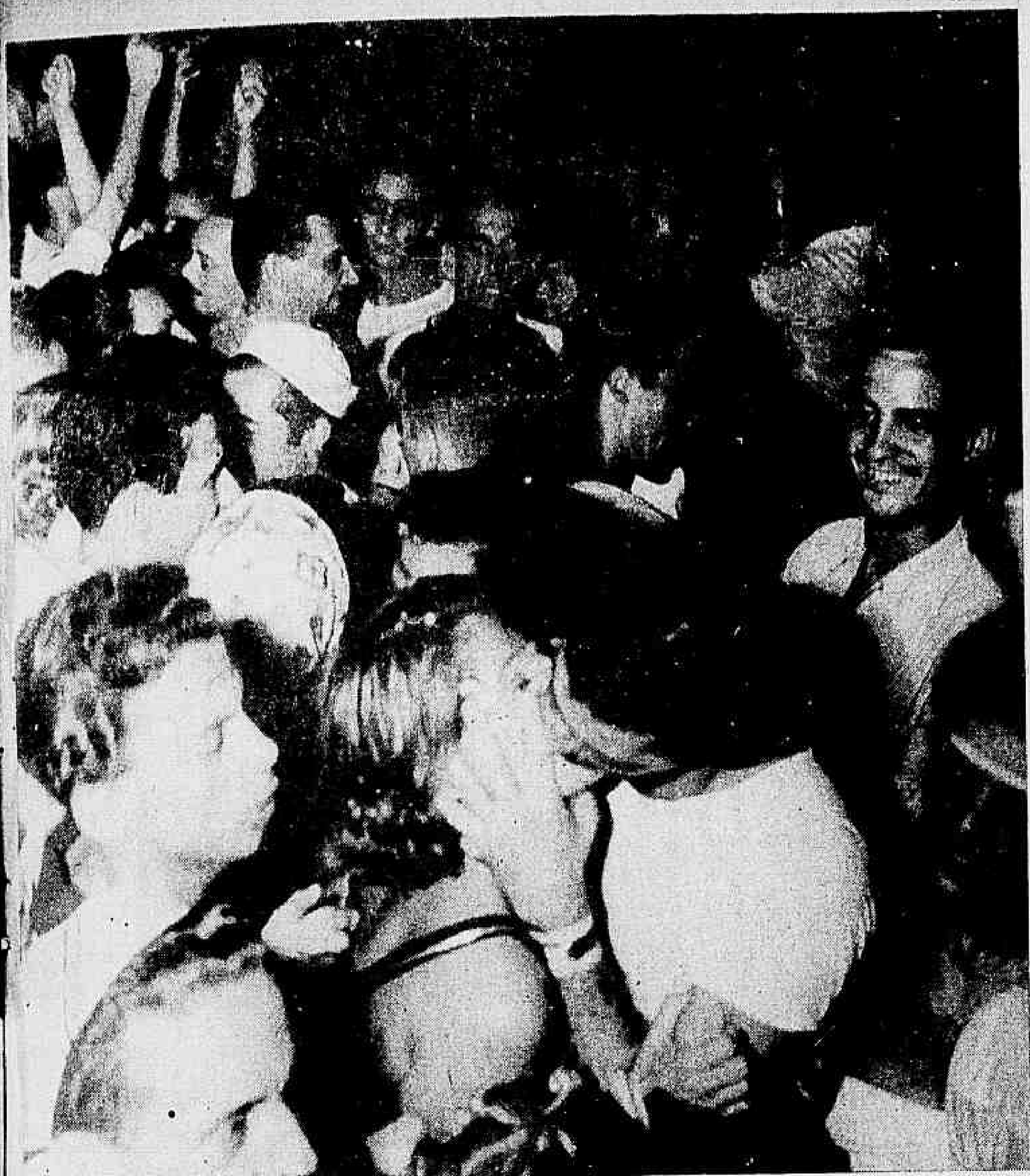






R

nada
A su
João
lia,
rico
por





O "SABBAT" COMEÇOU LOGO NA PRIMEIRA HORA

RAINHA incontestável do Carnaval, pelos sufrágios alcançados, que foram tantos, e também pelo porte e majestade, Rosângela Maldonado reinou gloriosamente durante os três dias consagrados a Momo. A sua entrada triunfal no reino da Alegria, naquela esfusiante noite do João Caetano, onde Momo I e Único coroou-a soberana absoluta da Folia, marcou um dos deslumbramentos do Carnaval. Transportada num rico trono, carregado por másculos suditos, a passagem de S. Majestade por entre a multidão de foliões foi feita sob aplausos delirantes, numa alegria que a todos contagiou, mesmo ao circunspecto prefeito Dulcídio Cardoso, que, aboletado no camarote oficial, só tinha olhos e ouvidos para as graças de d. Ester de Abreu, sua meiga noiva.

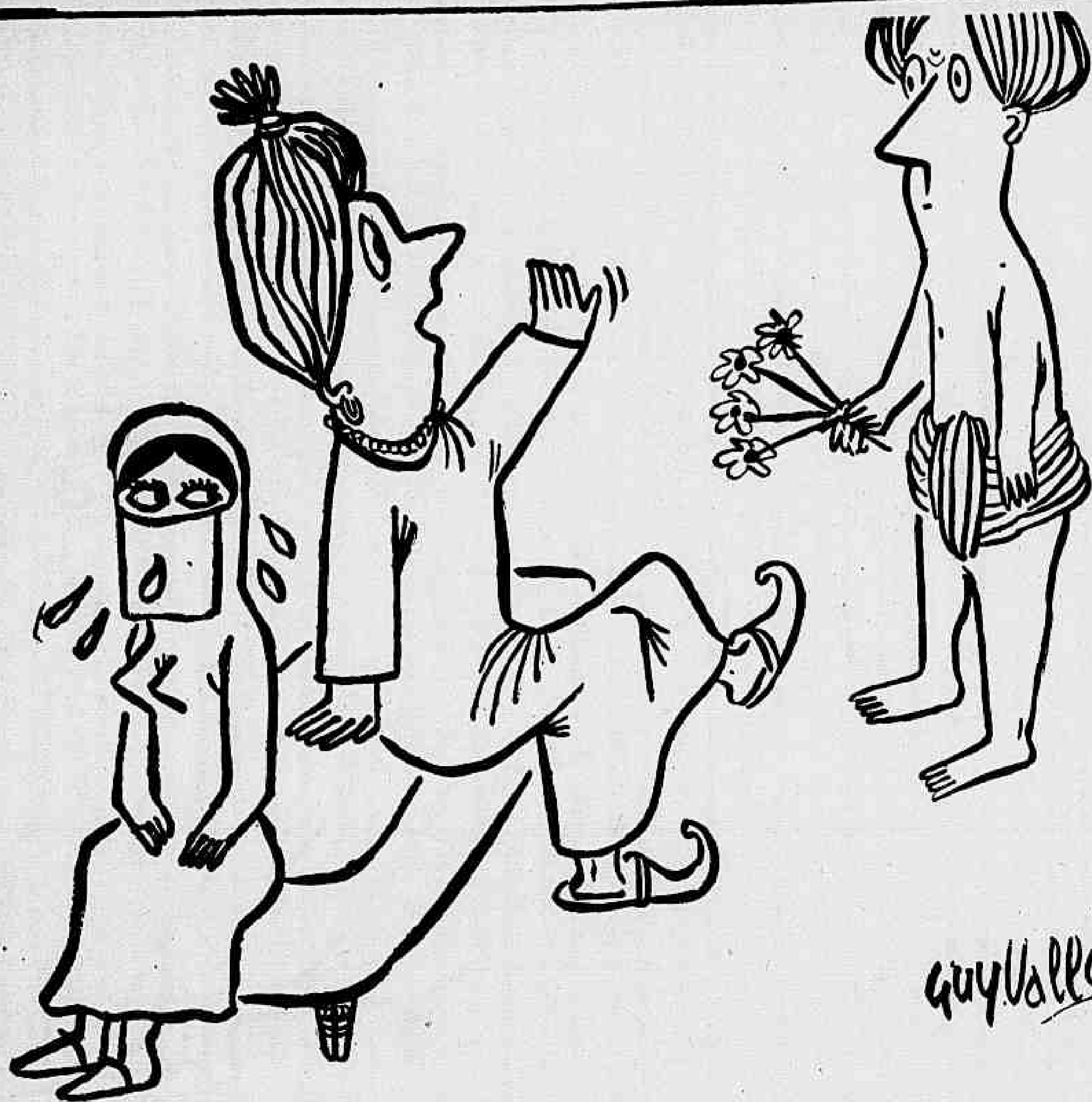
E um reinado efêmero, que a quarta-feira de cinzas já encontra velho, mas uma reinação que, enquanto existe, é intensa, completa, total. Rosângela, com a sua graça e a sua alegria tão espontânea, soube ser, com perfeição, o símbolo da Folia.



Uma chuva de «confetti» sôbre a cabeça da Rainha do Carnaval. Foi um instante da mais rasgada alegria.

O FAQUIR

NO RISO DOS OUTROS



— Nem me fale nisto! Jamais darei a mão de minha filha a um celibatário.



— Agora, vamos ver um pouco a linha do coração.



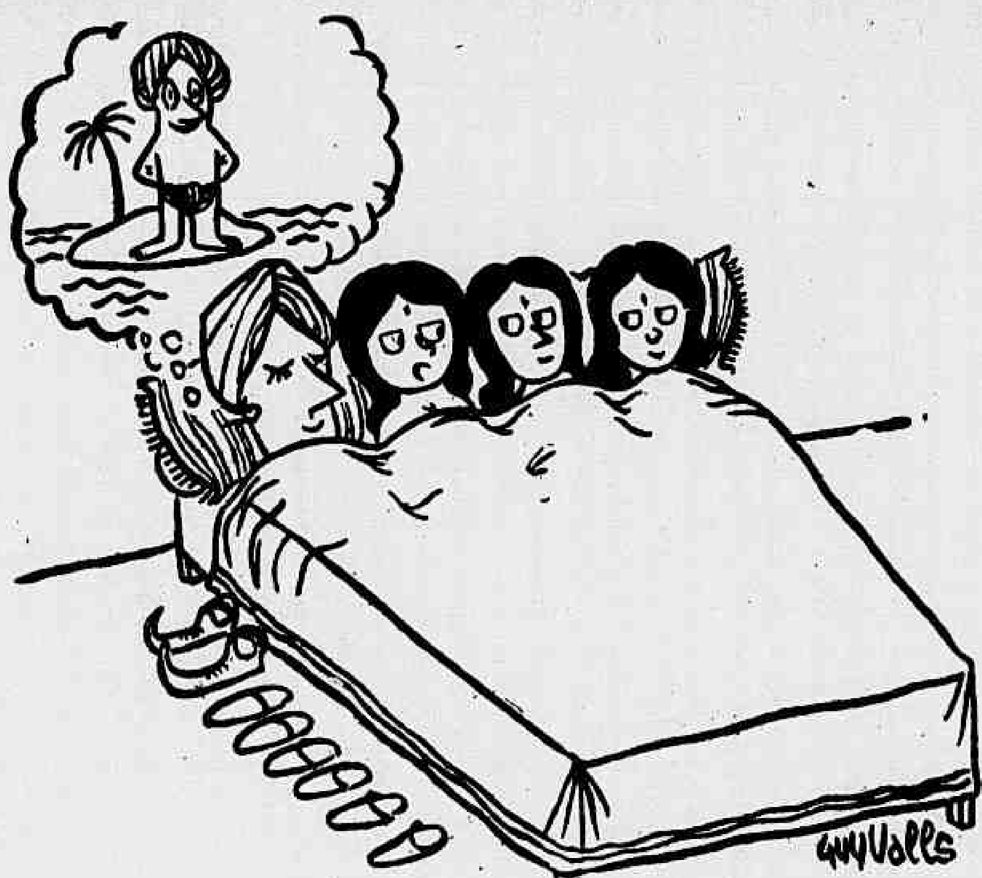
— A senhorita seria muito gentil se guardasse melhor seus pensamentos.



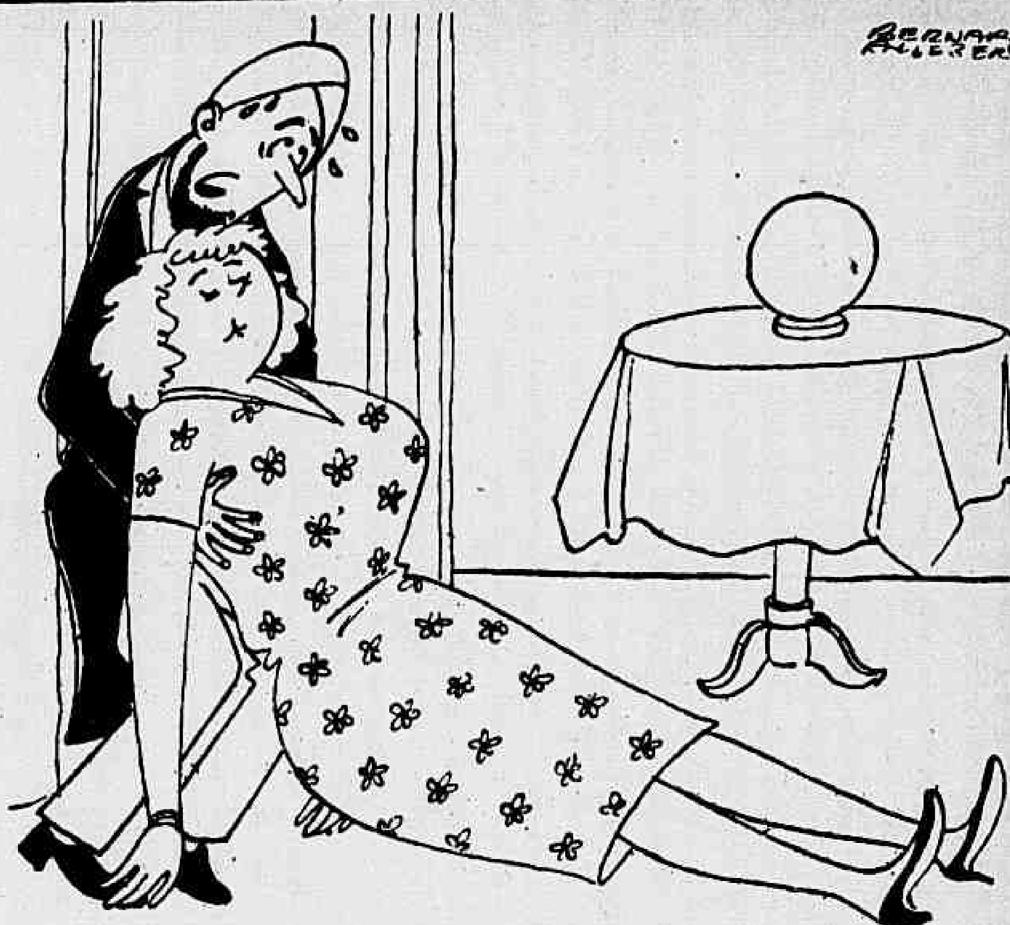


— Nosso marido!

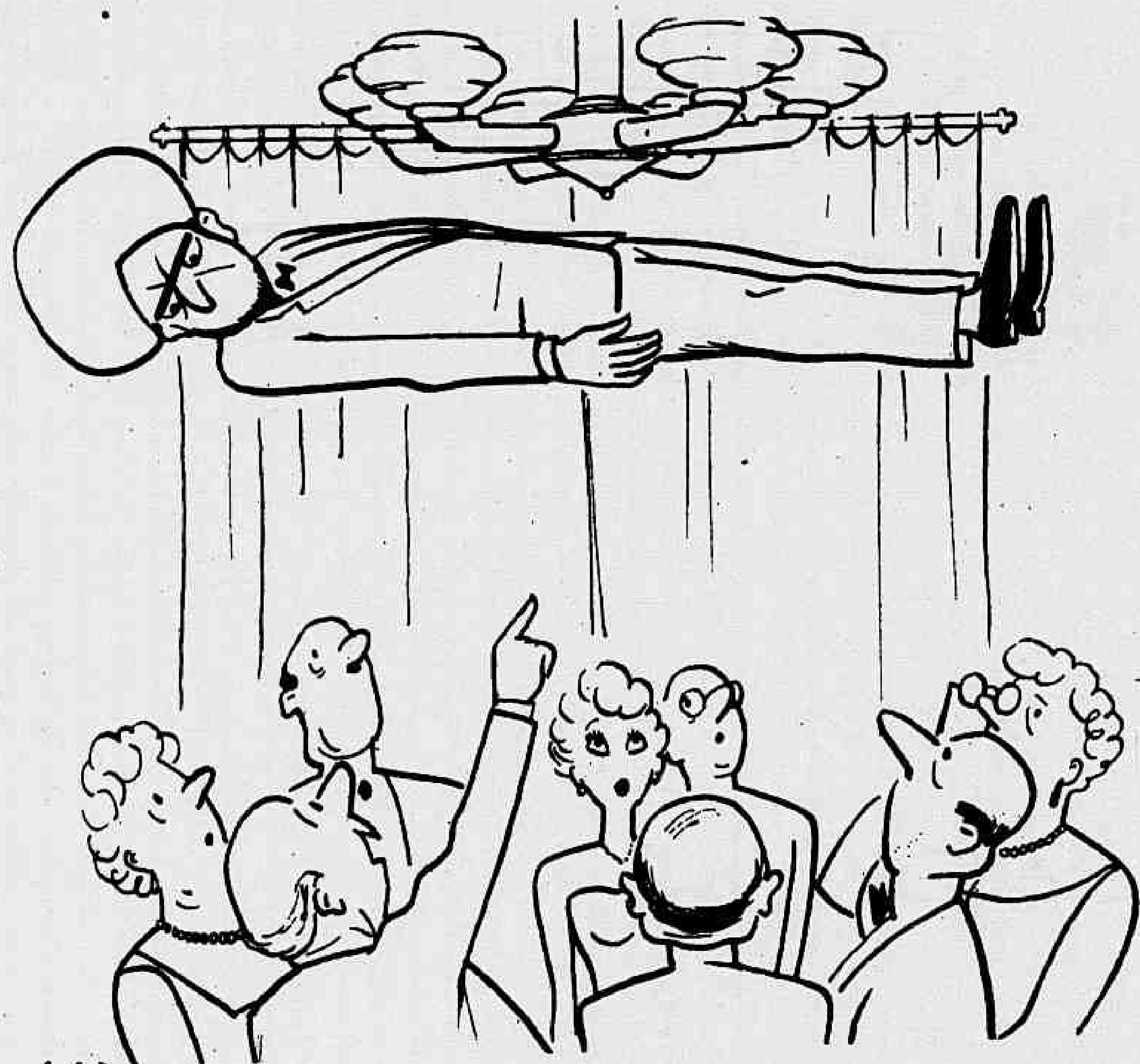




— E ainda por cima, êle deve sonhar que nos engana...



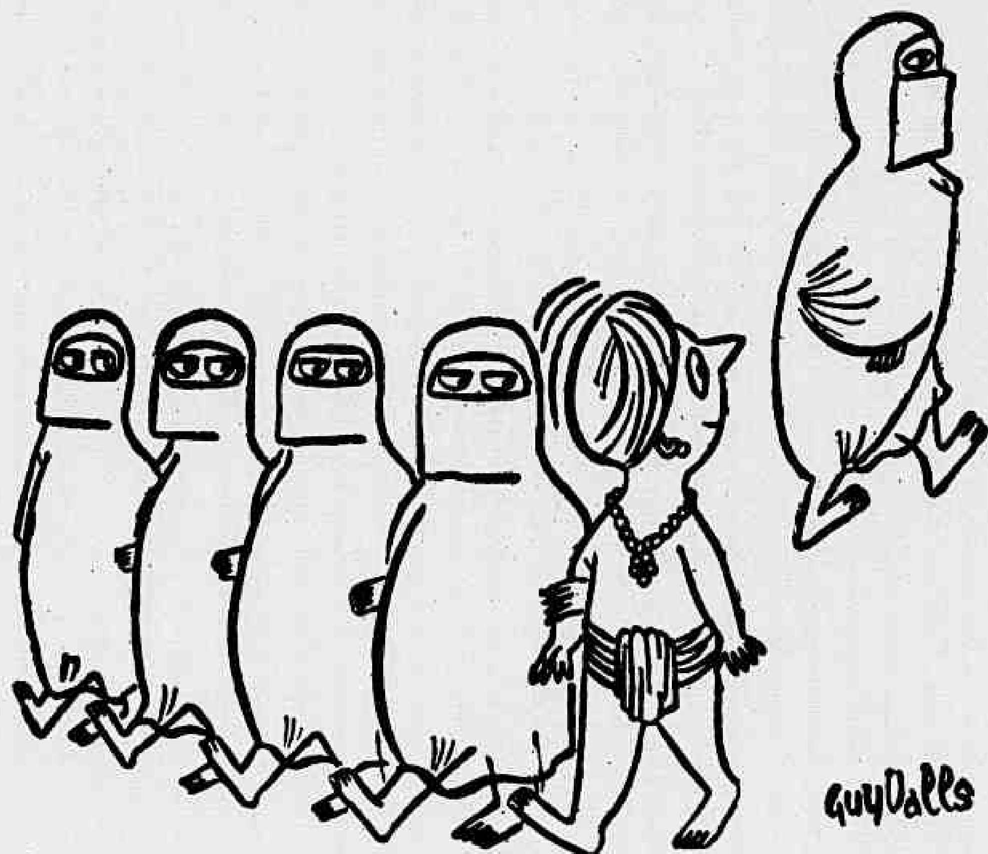
— Acorde! Ordeno-lhe que acorde!



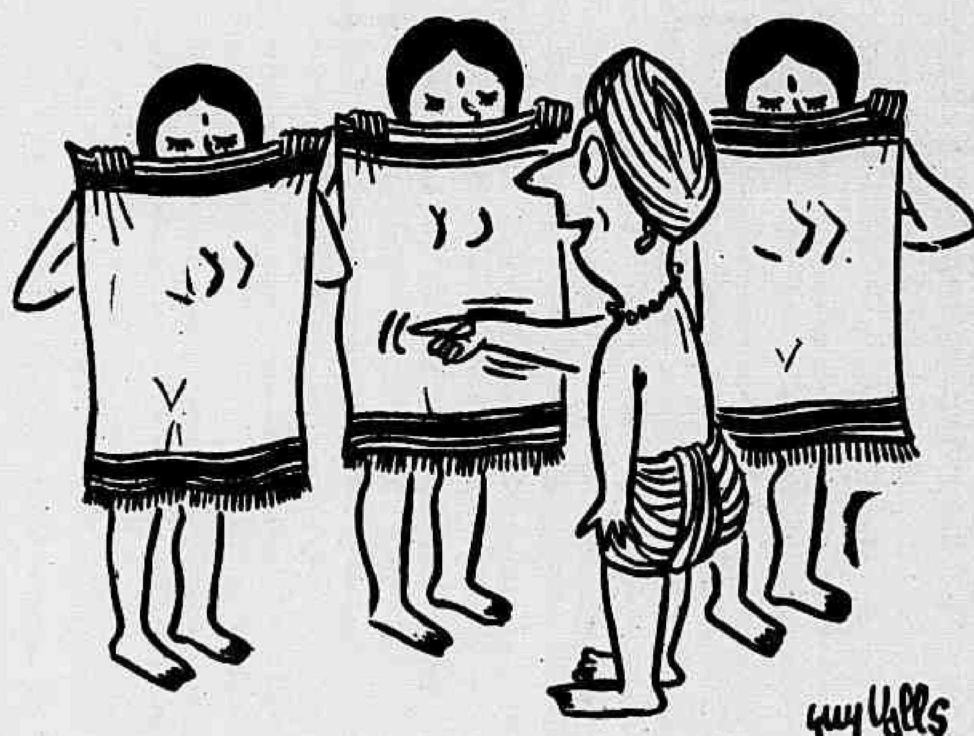
— Por gentileza, meu amigo, aproveite e veja se esta lâmpada aqui está queimada!



— Não se mexa, começo a vislumbrar qualquer coisa!



— Am... Stram... Gram...



SEM LEGENDA

Notas Carnavalescas

ANTONIO MARIA

FOI lançada, no carnaval de 1954, uma brincadeira das mais divertidas e inocentes: tirar a fantasia da próxima. Exemplo: no auge da dança, quando a moça fôsse mais feliz dentro da sunga, alguém chegava de mansinho e lhe puxava o pino do **fecho-eclair** até o fim. Em volta, vexames, incontinência de gestos, flashes fotográficos e o baile continuava sem motivos sérios para derramamento de sangue. Outra novidade introduzida no carnaval foi levar uísque de casa, em garrafinhas prêsas ao cinto. A repetição dos maus serviços dos bares, o mau humor dos garçons e os preços em uso, inspiraram essa inteligente iniciativa dos festeiros, que só sabem brincar com um pouco de álcool no sótão. As garrafinhas, depois de vazias, eram usadas em brigas, em função de «casse-tête», com imenso sucesso.

Desapareceram por completo as fantasias de muitas saias ou de saias compridas. As **baianas** e as **damas antigas,** além de fazerem muito calor, tomavam espaço. Aos poucos, a fantasia foi-se simplificando. Passou da saia à calça comprida, daí, encurtou, virou «short», até que chegasse ao «bikini», que cobre pouco e refresca muito. Nos bailes, o amor foi praticado às claras, sem essa hipocrisia antiga de sair um pouco para o jardim ou para a varanda. Tudo houve, sem preocupações de esconder, do beijo na testa ao «clinch» amistoso. A polícia assistia, com discrição e paciência.

Os ladrões vieram, em massa, do norte e do sul. O que há de melhor em batedor de carteira estêve nos bailes e circulou pela avenida nas horas em que a multidão foi mais compacta. Vi um homem gritar: «Roubaram meu dinheiro! Deve ter sido aquêle moço que vai ali, correndo»! A polícia correu atrás do fugitivo e êste, ofegante, defendeu-se: «Não senhor! Roubaram meu dinheiro também. Eu estou correndo atrás daquêle outro que vai ali». Virando a esquina, um «cow-boy» chamou a atenção de todos. A polícia resolveu perseguir o segundo suspeito que, com certeza, já estava querendo pegar um terceiro. Enquanto isso, durante as providências, tiraram a caneta de ouro do delegado.

● A proibição do lança-perfume foi uma idéia muito louvável, mas, na prática, fracassou por completo. De ano para ano, mais se cheira éter no Brasil. Antigamente, era Pernambuco o Estado mais cheirador de éter da União. Foi-se descuidando e, aos poucos, perdeu a liderança. Hoje, no Rio de Janeiro, só não toma sua **prisezinha** quem não tem nariz. E, como de um modo ou de outro (chato ou apapagaiado) todo mundo tem o seu narizinho, sonhou-se o sonho bom de leveza e sabedoria, que os jatos de cloretila inspiram. A meu ver, a marcha mais bonita foi a do Zé da Zilda mesmo: «Deixa as águas **rolad».** Em samba, o que houve de melhor, foi o que dizia: «só na hora da sêde, é que procuras por mim... a fonte secou». Lembro-me de que o autor desta canção, desde o carnaval de 53, andava de cantor em cantor, implorando, pedindo pelo amor de Deus que gravassem sua musiquinha. Sou testemunha de que Emilinha Borba e Linda Batista recusaram. Êste ano foi a mesma coisa. Ninguém queria o samba e seu autor — que se chama Mansueto — teve que inventar um cantor novo (Não sei que Moreno) para cantar essa beleza de verso popular: «Eu não sou água»... etc...

Estamos envelhecendo mais depressa do que podíamos supor. De ano para ano, mais o carnaval vai perdendo em graça. No de 53, ainda havia um restinho de vontade festeira (pelo menos, vontade de cantar e beber). Fomos para Quitandinha, fizemos uma espécie de fantasia (com um boné e um colar de despedida havaiana) e ainda nos demos ao desplante de fazer certas gracinhas. Êste ano, não. No domingo, no primeiro gesto mais carnavalesco que tivemos, botaram lança-perfume no meu ôlho e voltei à base. Todo mundo achou graça, disseram que era velhice, riram de mim... mas, riram porque lança-perfume nos olhos dos outros é refresco.

Quarta-feira de cinzas... um dia marcado para se sentir arrependimento. Eu não me sinto culpado de nada. Se pequei, foram pecados venais. Comungaria agora mesmo, se não houvesse almoçado bacalhau de côco e fritada de mariscos.

Desenho de DAREL

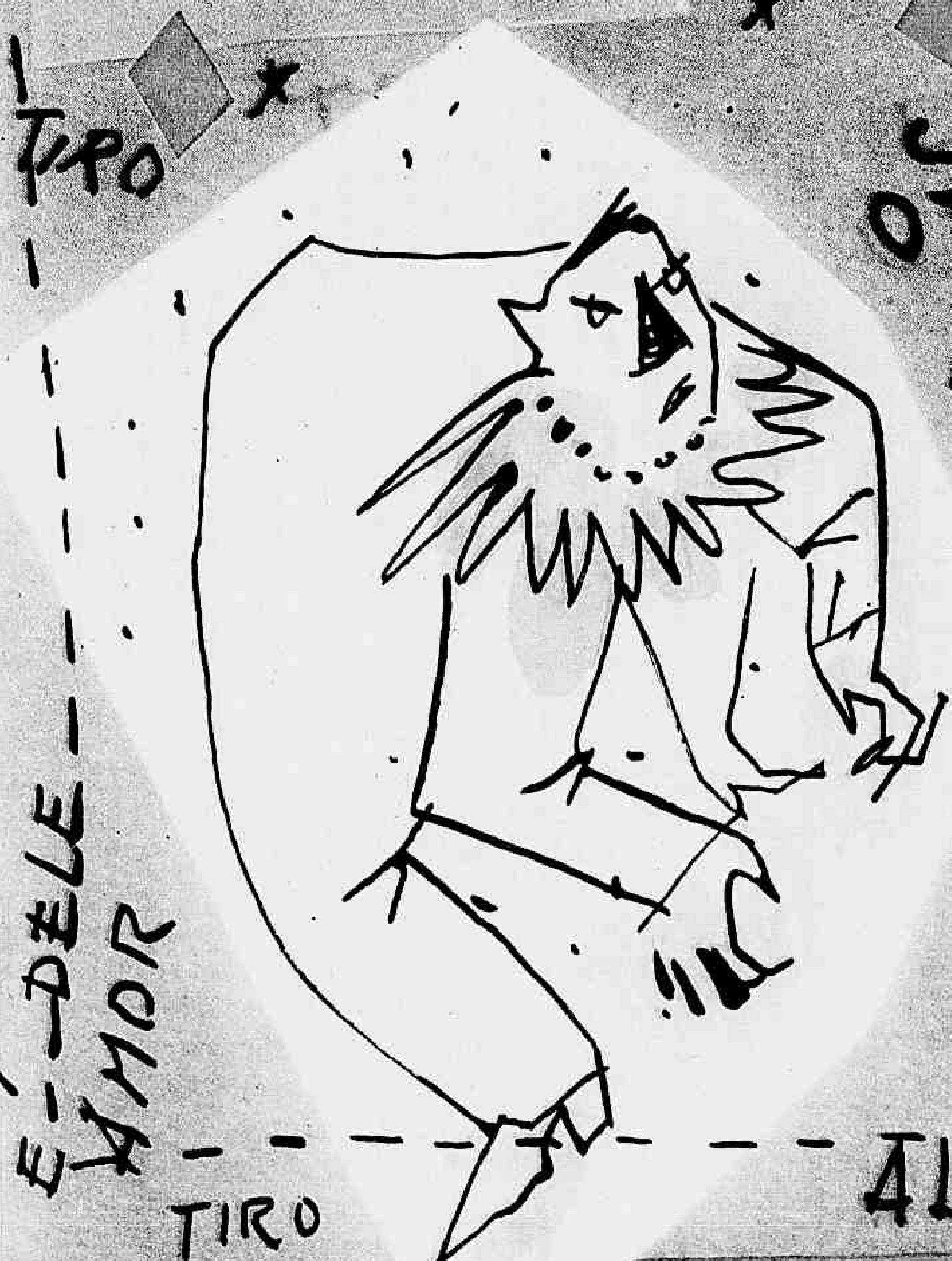






BIKINE

WHISKY



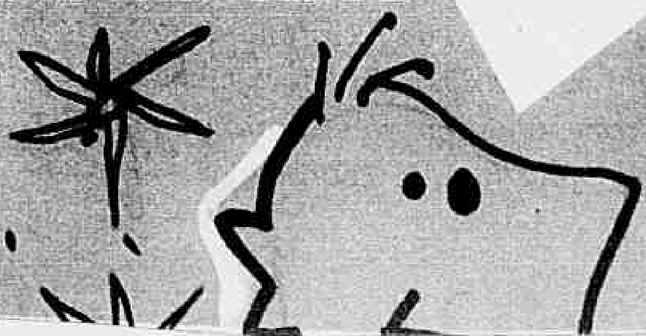
OS TIRA

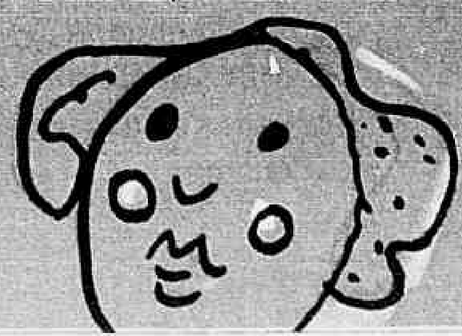
QUEM

ALCOOL

BIKIN

BRIG











MUITO RITMO E MUITA CÔR NO

DESFILE DO FREVO



FOI no domingo do carnaval, às 16 horas. O prefeito apitou fino, no seu apito de prata, e teve comêço o desfile dos blocos e cordões de frevo. Foi uma loucura rítmica, saltitante e colorida, como uma farândola harmoniosa inquietando o asfalto e os tablados da av. Presidente Vargas. Foi um torneio medonho — com os «Lenhadores» querendo, a tôda fôrça, disputar um galardão que tudo indicava ir para as mãos dos «Vassourinhas». Outros duelos se seguiram, emocionantes e harmônicos, diante da admiração de milhares de pessoas que lá ficaram durante três horas seguidas, a seguir as mágicas dos «passistas». Além dos «Vassourinhas» e dos «Lenhadores», ambos premiados, destacaram-se o «Frevo Brasil», o «Toureiro», os «Batutas da Cidade Maravilhosa». E o grande motivo do desfile foram aquelas fabulosas garôtas dos «Lenhadores», belas, airosas, verdadeiras borboletas de fogo.


CLUBE
CARNAVALESCO
FREVO
PERNAMBUCO
MISTO
TOUREI
1959





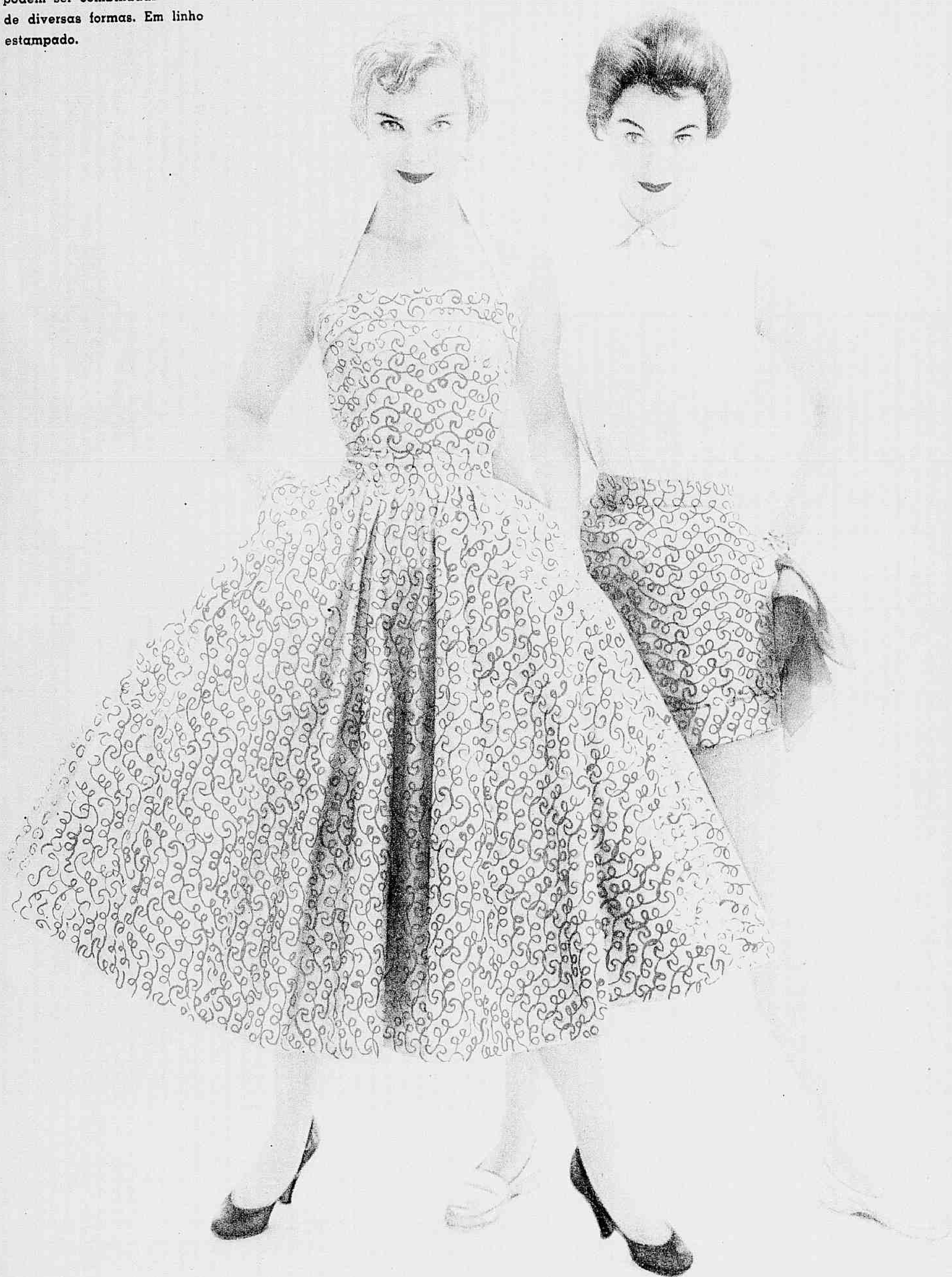

no DESFILE DO FREVO ganharam mesmo os melhores





NA quarta-feira de cinzas já eram conhecidos os vencedores do desfile do Frevo, no domingo último. A comissão, presidida pelo prefeito Dulcídio Cardoso, não demorou muito em selecionar os melhores, apesar do quase empate entre «Lenhadores» e «Vassourinhas», ambos candidatos ao primeiro lugar. A seleção final apresentou o seguinte resultado: 1º lugar — «Lenhadores», com 189 pontos; 2º lugar — «Misto Vassourinhas», com 186 pontos; 3º lugar — «Batutas da Cidade Maravilhosa», com 160 pontos; 4º lugar — «Brasil Frevo», 138 pontos; 5º lugar — «Misto Toureiros», 130 pontos; 6º lugar — «Prato Misterioso», com 97 pontos. Foi uma classificação justa que agradou a todos e não levantou protestos de ninguém.

JONATHAN LOGAN—
Quatro peças separadas que podem ser combinadas de diversas formas. Em linho estampado.



Fim de Verão

Los Angeles — Março (por Gay Lombard — correspondente exclusiva da REVISTA DA SEMANA, nos EE. UU.)

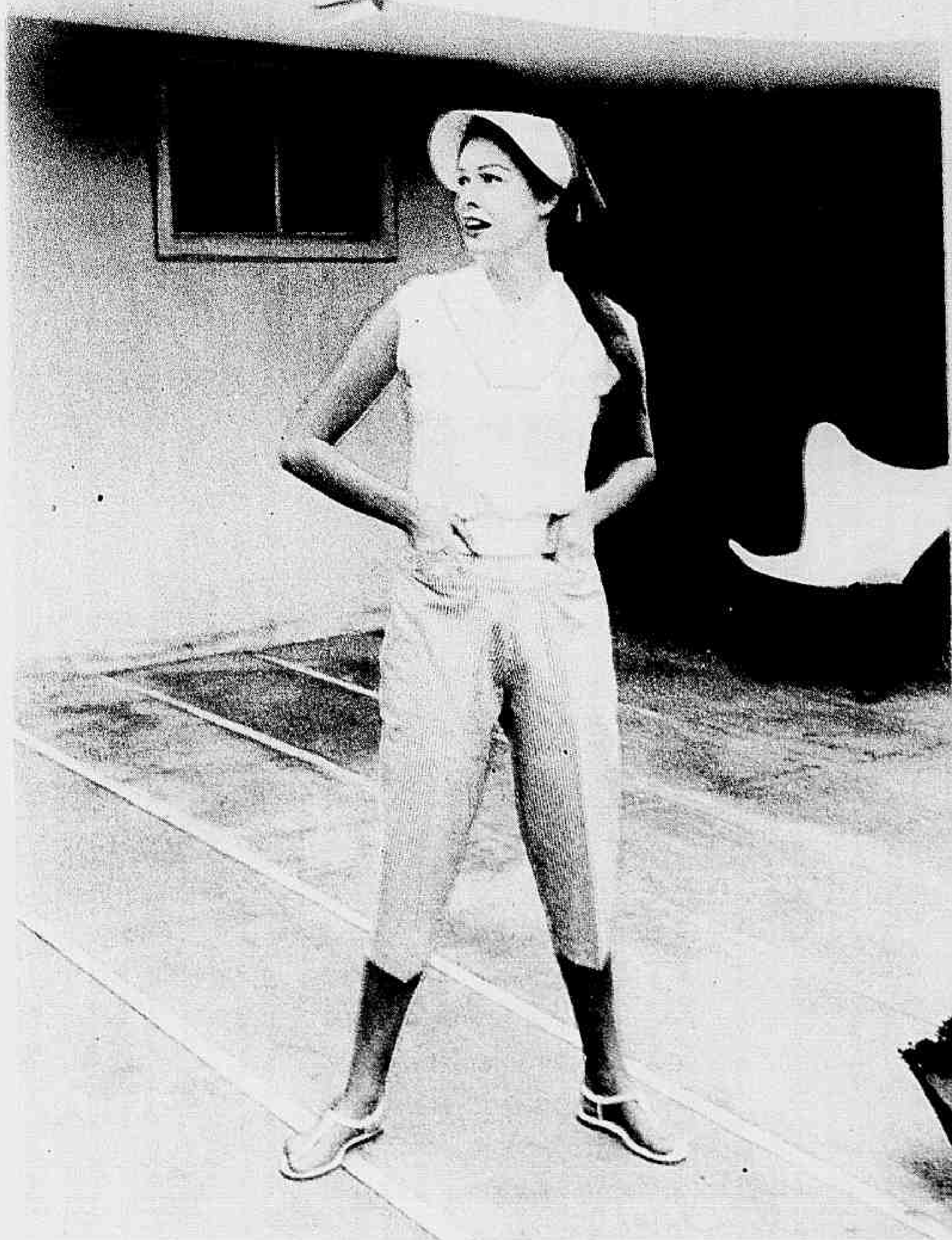
ASSISTINDO aos primeiros desfiles do ano de roupa de praia e de férias, organizados pelas grandes firmas de confecções da Califórnia, lembrei-me que para as leitoras da REVISTA DA SEMANA o verão está no fim, e que ainda lhe poderão ser de utilidade alguns dos interessantes modelos exibidos. De um modo geral, nota-se a predominância absoluta das calças três quartos ou dois têrços sôbre os "slacks" compridos. Aquelas são mais femininas, tornando mais graciosa a silhueta, principalmente quando usadas por jovens. Apresentam-se em lonita, fustão ou linho, algumas vêzes bordadas ou enfeitadas com galões vistosos. Uma outra novidade , é a profusão de conjuntos com três ou quatro peças que se combinam e que possibilitam uma porção de variações para o fim de semana, sem que se seja obrigada a viajar com uma mala muito grande. Em geral constituem-se de duas blusas (uma fechadinha e outra mais aberta), uma saia e um "short" ou umas calças três quartos. As fotografias ilustram algumas das mais práticas e interessantes criações, que hão de servir para orientar a leitora na confecção de seu último traje esportivo do verão que finda, no Brasil.



ROBERTS — Conjunto para fim de semana, em linho grosso, com aplicação de galões largos em bordado búlgaro.



F. B. HORGAN — Original conjunto esportivo, em lonita branca e verde. Notem o corte amplo da jaqueta.



GRAFF — Fustão de cordonê, listradinho de branco e marinho, para as calças três quartos. Blusão de malha esponja.



WEEK-END NA COZINHA

ALGUNS PRATOS FRIOS PARA ALEGRAR O VERÃO

GELATINA DE PERU DEFUMADO COM MOCOTÓ, POR EXEMPLO, É CAPAZ DE ABRANDAR O GÊNIO DE QUALQUER MARIDO

ESTA é a época do ano em que os maridos costumam chegar em casa com o ânimo exaltado, gritam com a mulher, empurram as crianças, e dão um pontapé no cachorro. Não é nada, no entanto, para se alarmar, apenas o resultado de um dia de trabalho encalorado e cansativo. Muitas vêzes a mulher também passou um dia pouco agradável diante do fogão, mas se o fêz foi por culpa própria. A solução para ambos os problemas está nas mãos dela, com a preparação de um tipo de comida que não só despertará o apetite do marido como acalmará a fome dêle, fazendo-o ficar de tão bom humor que fará questão de levar a família tôda ao cinema.

....e no bar

Eis uma bebida refrescante, ótima para os dias de verão. Não é alcoólica, e por isso recomenda-se igualmente para crianças e adultos.

1/2 xícara de suco de limão
1 1/2 xícara dágua
6 garrafas de guaraná ou soda. (Como preferir). Rodelas de limão.

Misture o caldo de limão com a água: ponha para gelar na bandeja do congelador, com meia rodela de limão dentro de cada cubinho. Quando virar gêlo, ponha os cubos em copos altos, derrame por cima o guaraná ou a soda gelados. Sirva com biscoitinhos salgados.

NOTA: — Tenha sempre em sua geladeira duas bandejas de gêlo com êsses cubinhos de limão, e garrafas de guaraná ou soda, para servir esta original bebida a qualquer momento, a suas visitas.

UM prato que certamente dará ótimos resultados é o **peru defumado.** Além de ser delicioso exige pouco esfôrço na sua preparação. Experimente: Passe água numa fôrma simples e cubra o fundo da mesma com uma camada fina de mocotó ainda líquido. Deixe assentar e ponha uma camada de presunto defumado salpicando por cima com o mocotó. Coloque depois outra camada, dessa vez de rodelas de clara de ôvo cozido. Outra de mocotó bem fininha e finalmente uma de peru defumado em pedacinhos, mas sem pele e sem gordura. Continue alternando essas camadas na mesma ordem até encher a fôrma tôda. Ponha a fôrma na geladeira e deixe ficar bastante tempo, se possível a noite tôda. Na hora de servir desenforme sôbre um prato gelado e enfeite com azeitonas, tirinhas de tomate, e cebolinha picada bem miúda. Verá como a temperatura na sala de jantar descerá consideràvelmente.

★

NA realidade êsses bolos ou gelatinas, conforme você quiser chamar-lhes, podem ser adaptadas ao gôsto da família e sua variedade é infinita. Qualquer dona de casa inteligente pode usar o tipo de carne e outras coisas de que a família mais gosta para fazer as substituições necessárias. Se é de galinha que todos gostam, como acontece com a maioria, aqui está uma receita de **salada em gelatina de galinha** que garantimos trará o amor e união no seio familiar. Experimente:

Cozinhe 10 ovos até ficarem duros. Pique-os bem miudinhos, depois de tirar a casca, naturalmente. Adicione quatro xícaras de carne de galinha cozida e picada. Logo em seguida acrescente meia xícara de pimentões verdes picados, meia xícara de pimentão vermelho também picado, e uma xícara de aipo picado.

Numa vazilha separada bata meia xícara de queijo creme até ficar fôfo e adicione uma xícara de maionese. Amoleça quatro colheres das de chá de gelatina em pó, num têrço de xícara dágua. Deixe endurecer e dissolva novamente em água fervendo. Misture isso no queijo com maionese.

Derrame tudo em cima da galinha, mexa bem e tempere com sal a vontade. Junte finalmente 250 gramas de presunto picado bem miudinho e frito na própria gordura. Misture tudo muito bem, e deixe ficar na geladeira durante umas 7 ou 8 horas. Quando estiver bom para servir cubra tôda a superfície com maionese e salpique com quatro gemas de ôvo, cozidas e passadas na peneira.

★

PARA mostrar a versatilidade dêsse tipo de prato, vai aqui outra receita de **salada de carne** (em gelatina), na qual poderá usar vitela, presunto ou simplesmente rosbife frio. Experimente:

Misture quatro xícaras de carne cozida com duas xícaras de aipo cortado em pedaços de 1 cm. mais ou menos, seis ovos duros cozidos, cortados ao meio, um quarto de xícaras de pimentão vermelho picado, meia xícara de amêndoas tostadas, uma colher das de chá de sal, um quarto de colher das de chá de pimenta malagueta, um quarto de xícara de pimentões verdes picados e duas xícaras de maionese. Dissolva duas colheres de gelatina em pó em meia xícara dágua e misture com o resto dos ingredientes. Se a família gosta de cebola, ponha também duas colheres de sopa de cebola fresca picadinha. Depois de tudo bem misturado ponha numa fôrma untada com óleo e deixe gelar. Sirva depois com môlho de rabanetes cuja receita é a seguinte:

Misture meia xícara de rabanete moídos com uma xícara de maionese, duas colheres das de sopa de açúcar e meia colher das de chá de sal. Junte ainda uma xícara de creme de leite batido e depois prove para ver...

★

OS homens, em geral, principalmente aqui no nosso país, têm cisma contra os pratos preparados com frutas, e não sem razão, devido às imitações que as espôsas costumam servir-lhes. Aqui está no entanto uma **gelatina de frutas** que, embora simples, tem sabor e substância especiais. Enfim, um prato que pode ser saboreado pelo da casa, nos dias quentes de verão, com verdadeiro prazer. Dissolva uma colher das de chá de gelatina em duas colheres das de sopa dágua, derreta em banho-maria e bata junto três quartos de xícara de maionese. Adicione uma colher das de chá de açúcar e duas xícaras de creme de leite, e bata até ficar fôfo. Misture com a maionese e ponha finalmente uma xícara e meia de frutas picadas, da sua preferência, de um tipo só ou misturadas. Deixe gelar e sirva sôbre fôlhas de alface.

Desânimo
Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dôres de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando êstes órgãos não funcionam normalmente, o génio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma bôa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sôbre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se

Use *Regulador* **Gesteira**

Regulador **Gesteira** é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

Comece hoje mesmo

a usar *Regulador* **Gesteira**

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

conversa de MULHER

● **NÃO QUEIRA SE FAZER DE VALENTE!**

É muito comum entre as mulheres a pouca resistência diante do sofrimento físico alheio. Se você é do tipo que desmaia quando vê uma ferida aberta, ou quando ouve a descrição de uma operação, não queira se fazer de valente, pois poderá lhe acontecer o mesmo que a italianinha Franca Lupezza. Franca acompanhou ao hospital uma sua companheira de trabalho, a qual, devido a um acidente, teria que amputar um dos dedos, que ficara imprensado numa máquina da fábrica em que trabalhavam. Ao começar a operação, Franca empalideceu e desmaiou... Na queda bateu com a cabeça numa saliência da sala de operações e morreu instantâneamente.

● **O VELHINHO SE CASOU...**

Na Carolina do Norte, nos Estados Unidos, um velhinho de **111** anos (disse 111!), Alec Ogburn, apresentou-se a uma funcionária da repartição encarregada de tirar as licenças de casamento. Desejava uma, para si e para sua noiva, uma jovem de 22 anos.

A empregada que o atendeu olhou-o estupefata, o que Alec percebeu. Mas não titubeou em explicar:

— Não ria, minha senhora... se não der certo eu me divorcio imediatamente e me caso com outra!!

● **TRABALHA DE GRAÇA**

Suyala nasceu na ilha de Ceilão. É uma bonita jovem, alta, delgada, de pele quase clara. Tem grandes olhos profundos e lábios carnudos. Tendo-a visto um diretor de cinema alemão, convidou-a imediatamente para um papel num filme que pretendia rodar na Europa. Suyala disse que sim, mas com uma «condição»... O diretor, que esperava exigências monetárias enormes, pediu que a atriz se explicasse...

— Aceitarei o papel, mas não posso aceitar nenhuma paga. Minha religião não o permite.

O diretor, apesar de ser um senhor muito controlado, quase desmaiou. Nunca ouvira proposta semelhante!

Naturalmente a jovem aceitou que a companhia pagasse as despesas suas e de sua mãe até a Baviera, onde o filme está sendo rodado.

Outros diretores de cinema andam pensando em dar um pulinho até Ceilão para arranjar artistas da «formidável» religião de Suyala.

● **CASA SEM MICRÓBIOS**

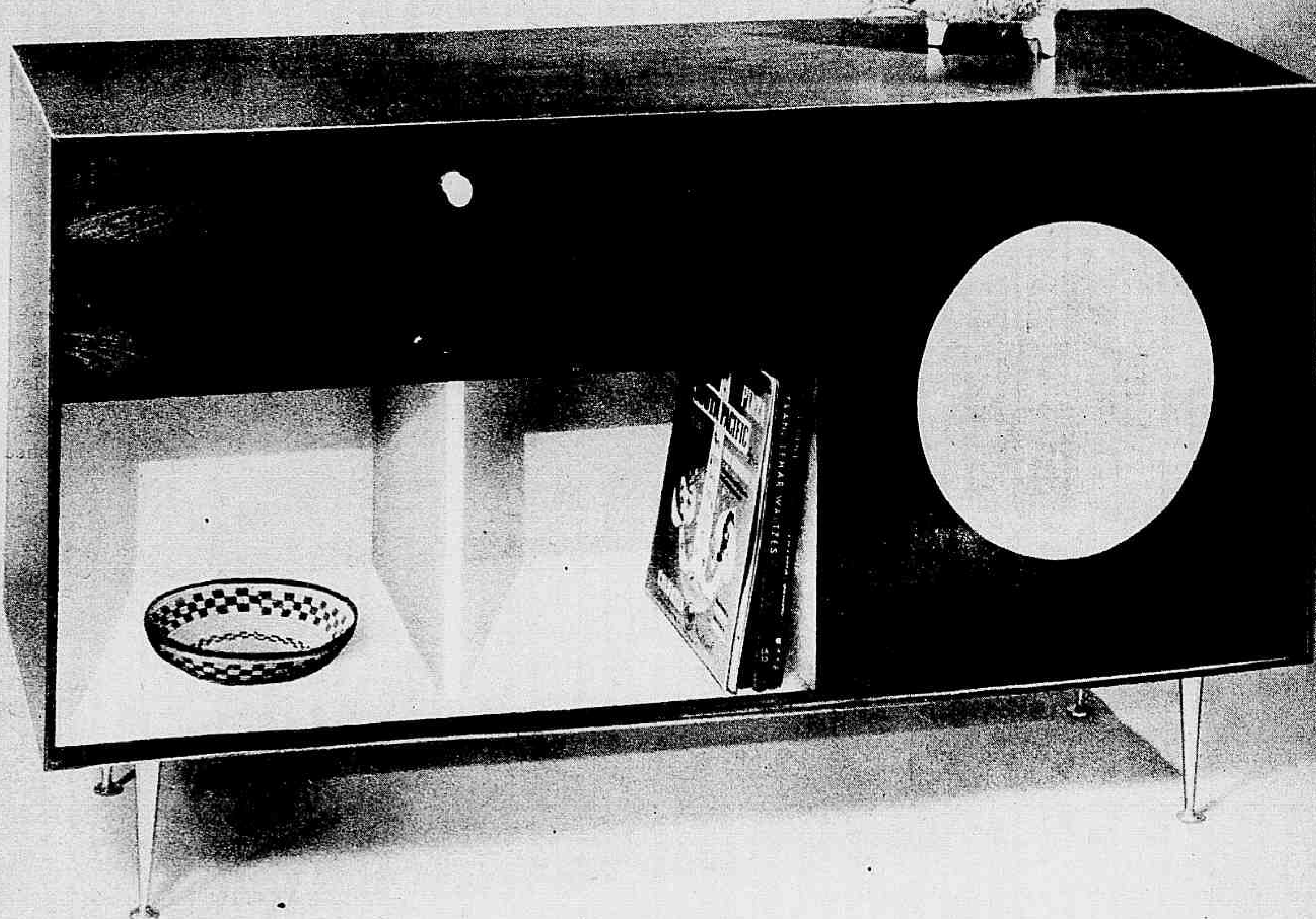
Pode ser que daqui a alguns anos você se veja dizendo para a empregada: «Cate o arroz no chão», ou «ponha o bôlo para esfriar no chão mesmo»...

É que o dr. Guilherme Knapp (da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos) conseguiu fabricar um novo tipo de cimento que impede o desenvolvimento de micróbios em sua superfície. Êsse cimento contém uma substância chamada pentaclorofenol, e que antes já era usada para conservar dormentes de trilhos e postes telefônicos.

Se o seu uso fôr generalizado, o chão de cimento das casas será a coisa mais limpa dêsse mundo, pois o cimento matará imediatamente todos os micróbios que com êle tiverem contato.

★ ★

sugestão para o LAR



● O conjunto de rádio-vitrola está tão divulgado em nossos lares, faz parte de tal forma de todo mobiliário de sala-de-estar que são muitos aquêles que mandam fazer um móvel especial para o aparelho, de forma que combine com a decoração geral. O modêlo que apresentamos na fotografia, criação de Herman Miller, estará bem de acôrdo com uma mobília de linhas modernas (na realidade, vem atender ao pedido de um dos leitores desta secção, que nos remeteu fotografias de sua sala-de-estar).

De um lado, uma ampla caixa para um alto falante, de 48 polegadas, bem possante, portanto. A caixa foi planejada para que produza boa ressonância. À esquerda, na parte superior, ficam, de um lado o aparelho de rádio e do outro o «pik-up» de três velocidades. Quando fechado — como aparece na foto — assemelha-se a uma gaveta. A parte de baixo é destinada à coleção de discos, e tem altura suficiente para tal. O móvel pode ser confeccionado em sucupira, como no modêlo, ou em outra madeira de lei. Os pés são em metal cromado, mas poderão também ser confeccionados em ferro esmaltado, ou metal amarelo. NIKE

um pouco de
BELEZA

ABC da ginástica

"Fazer ginástica é aconselhado pelas especialistas em beleza feminina, no entanto, quando chega a hora de pôr em prática os conselhos fico sempre indecisa sôbre quais os exercícios que devo executar, pois são tantas as indicações que me confundo".

O trecho foi retirado da carta de uma leitora, pedindo que lhe indicasse os exercícios básicos de ginástica, para quem não tem nenhum defeito especial a corrigir. Êstes exercícios — que se poderiam chamar o "A B C da ginástica", visam manter o corpo em forma, dar-lhe vivacidade, contrôle e bem estar.

EXERCÍCIO Nº 1

Esta ginástica ajuda a firmar os músculos de baixo do queixo que demonstram a idade da mulher ou negligência.

Deite-se num sofá ou cama sem cabeceira. Deixe a cabeça pender para fora da cama. Depois, vagarosamente, levante a cabeça de modo que quase toque o peito. Vagarosamente abaixe de novo a cabeça. Repita isto 5 vêzes o primeiro dia, passando gradativamente para 10 vêzes.



EXERCÍCIO Nº 2

Coloque um cobertor dobrado no chão e deite-se nêle, de costas.

Levante o joelho direito puxando-o para sua frente com as mãos cruzadas. O puxão deve ser vagaroso, forte e firme. A perna esquerda deve se manter inteiramente estendida no cobertor. Torne a estender a perna direita. Agora, levante a perna esquerda ao mesmo tempo que estende a direita. Repita: perna direita, perna esquerda, 10 vêzes.

Depois de completar parte dessa ginástica, volte à posição inicial para uma segunda variação. Mexa o tornozelo, apontando os dedos do pé para cima e depois para baixo. Êste exercício melhora os tornozelos dando-lhes mais flexibilidade e firmeza. Se fôr feito fielmente, melhorará o contôrno das pernas.

Uma massagem profunda, com óleo ou creme, ajudará a fortalecer as carnes enquanto a ginástica fortalece os músculos.

EXERCICIO Nº 3

Deite-se sôbre o cobertor, de costas, com os braços inteiramente estendidos ao longo do corpo. Aponte os dedos do pé para baixo. Agora, vagarosamente, levante a perna direita até ficar na posição vertical, depois, devagar abaixe-a novamente. Repita isto 5 vêzes com cada perna. Esta ginástica estimula os órgãos vitais e dá flexibilidade às cadeiras e às pernas. Agora, como segunda parte dêste exercício levante, vagarosamente, ambas as pernas até a posição vertical, depois abaixe-as, juntas até o chão. Movimente-se com cuidado e vagarosamente. Não permita a queda brusca das pernas ao solo, abaixe-as, vagarosamente. Se não puder levantar as pernas na posição vertical logo nas primeiras vêzes, levante-as o mais alto que puder, e, se tiver necessidade, pode curvar os joelhos ao abaixar as pernas. Treine êste exercício até que o faça sem dobrar os joelhos. Conservar os músculos tensos, durante os movimentos de abaixar.

Todos êstes exercícios devem ser seguidos de um banho de chuveiro e de uma rápida fricção com água de colônia. Depois fique, um pouco, em repouso.

JÚLIA DE MIL

PARA SUA BELEZA

Leve sempre para a praia um pedaço de camurça fina e um vidro de água de colônia. Quando sentir o rosto quente e não puder refazer a maquilagem, umedeça o pedaço de camurça na água de colônia e passe-o no rosto.

Antes de usar o pó de arroz, já no fim da maquilagem, cubra o rosto com uma fôlha de tecido de papel que atuará como um mata-borrão sôbre algum excesso de maquilagem que possa ter ficado

Para bem dos olhos use um lápis macio de sobrancelha com a ponta afiada e faça um risco fino na raiz das pestanas ou uma série de pontinhos intercalados com a raiz dos fios. Êste sistema é mais fácil para principiantes.

"AMARALINA"



(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

Já se encontra à venda em tôdas as farmácias, drogarias e perfumarias. Se, entretanto, não existe na cidade, não perca tempo, pedindo imediatamente pelo Reembôlso Postal — O preço de "AMARALINA" é, em qualquer parte do Brasil, de Cr$ 35,00 e pelo Reembôlso Postal custa Cr$ 45,00, livre de porte.

"AMARALINA", certeza absoluta de que os cabelos tornarão a nascer. Na paralisação da queda de cabelos é francamente extraordinário êste produto descoberto por brasileiro e fabricado com erva nacional. Centenas de pessoas atestam suas nunca igualadas qualidades.

Pedidos a M. M. BURLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME.......................
RUA.................. Nº.....
CIDADE.....................
ESTADO.....................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

HOTEL WINDSOR

Rua Guaianazes, 10
(esq. rua dos Timbiras)

TELEFONE: 35-4195
(rêde interna)

TELEGRAMAS:
"WINDSORHOTEL"

S. PAULO ★ BRASIL



QUÊDA DOS CABELOS
Calvície precoce
JUVENTUDE ALEXANDRE
INSUPERÁVEL
Há cinqüenta anos

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO ....
CIDADE .... ESTADO ....

Puxe pelo CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 **Que grande acontecimento lembra a data de 6 de novembro de 1875, para cariocas e paulistas:**

— A inauguração do tráfego da Central do Brasil?
— O primeiro campeonato de futebol?
— Abertura da primeira estrada de rodagem?

2 **Qual destas vias férreas a que maior quilometragem eletrificada possui:**

— Sorocabana?
— Santos a Jundiaí?
— A Paulista?

3 **Qual dêstes Estados tem maior quilometragem ferroviária:**

— São Paulo?
— Minas Gerais?
— Rio Grande do Sul?

4 **O rio Itabapoana divide:**

— Alagoas, de Sergipe?
— Rio Grande do Sul, de Santa Catarina?
— Estado do Rio, do Espírito Santo?

5 **De quantas ilhas se compõe o grupo dos «Abrolhos»:**

— Oito?
— Cinco?
— Sete?

6 **Quem foi Isabel de Gouveia:**

— Mãe de Pedro Álvares Cabral?
— Uma das rainhas da Espanha?
— Espôsa de Pero Vaz de Caminha?

7 **Quem era o Marquês de Abrantes:**

— Daniel da Silva Lisboa?
— Duarte de Araújo Gondim?
— Miguel Calmon Du Pin e Almeida?

8 **Quem foi Abílio César Borges:**

— Grande educador baiano?
— General do exército brasileiro?
— O iniciador da navegação a vapor na Bahia?

9 **Que nome tem a estrêla, que, na bandeira nacional, fica isolada acima do lema «Ordem e Progresso»:**

— Antares?
— Espiga?
— Sírius?

10 **Qual destas cidades da Bahia tem o cognome de «Heróica», dado pelo Imperador Pedro II:**

— Maragogipe?
— Cachoeira?
— Nazaré?

11 **De quem é esta frase: «O dever é um deus que não admite ateus»:**

— José do Patrocínio?
— Rui Barbosa?
— Victor Hugo?

12 **Em que obra literária Rui Barbosa mostrou conhecimentos gramaticais:**

— Na «Réplica»?
— No «O Papa e o Concílio»?
— Nas «Cartas de Inglaterra»?

13 **Em que Estado nasce o rio Tocantins:**

— Pará?
— Goiás?
— Mato Grosso?

14 **Qual o templo católico mais original do Brasil:**

— A Candelária, no Rio?
— A igreja do Bonfim, na Bahia?
— A de S. Francisco de Assis, em Belo Horizonte (Pampulha)?

15 **Qual destas cidades foi a primeira capital do Brasil:**

— Ouro Prêto?
— Rio de Janeiro?
— Salvador?

(Respostas na página 18)

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as ÁGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recântos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilena»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radicativa cóm 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

★

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

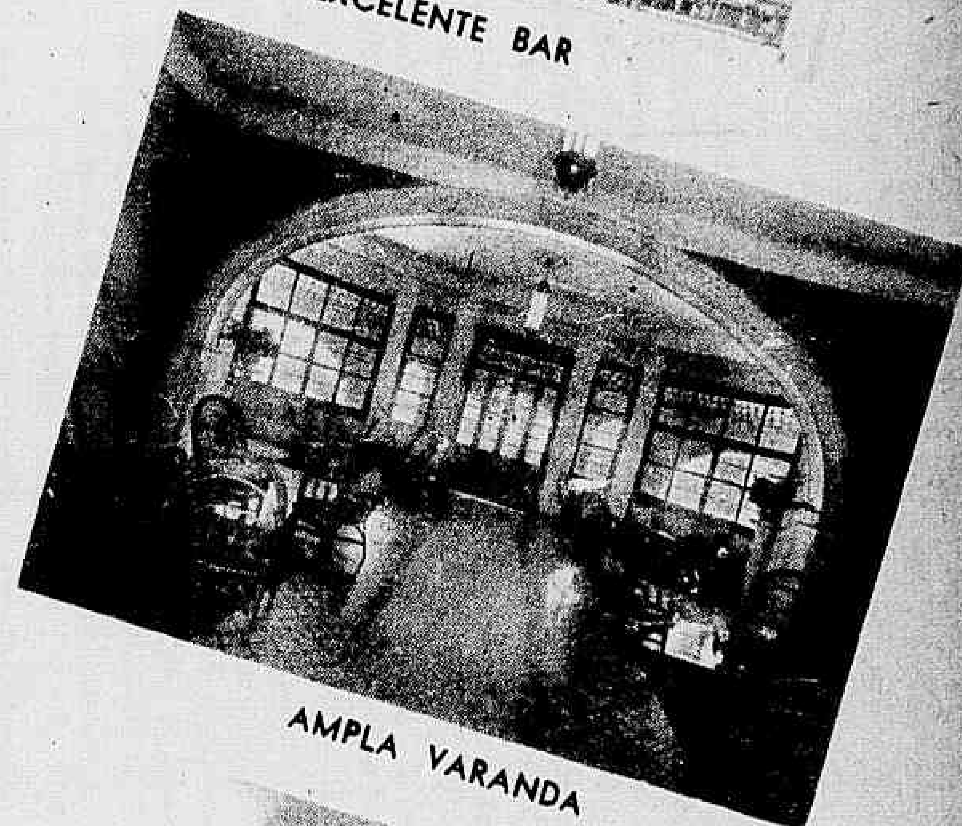
★

RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Aguas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20. Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela. AGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.



EXCELENTE BAR

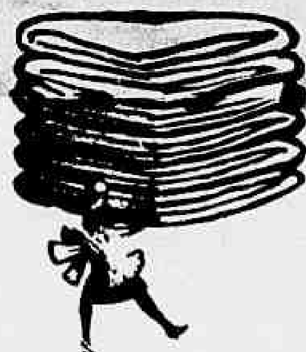


AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES

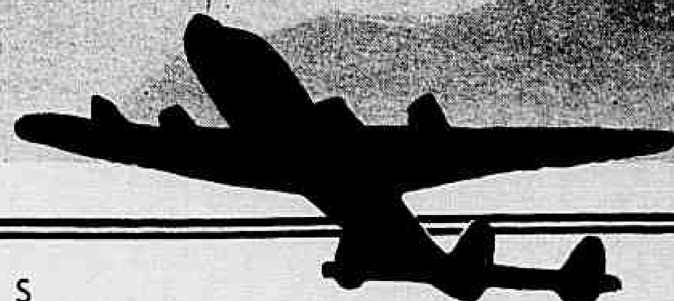




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Calda — via São Paulo
★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte
(do aeroporto a Águas da Prata
30 minutos de automóvel)

TÔNIA CARRERO NÃO TEM MÊDO DE TARADOS

EMBORA UM TANTO OFUSCADO PELA SUA BELEZA, O REPÓRTER CONSEGUIU ARRANCAR DA LOURA «ESTRÊLA» NACIONAL CONFISSÕES E DEPOIMENTOS MAIS OU MENOS SENSACIONAIS.

Reportagem de CARLOS MARIA DE ARAÚJO

SE Platão tivesse sido convidado para estas festas do Quarto Centenário de São Paulo e lhe perguntassem: o que é o Belo? a resposta poderia muito bem ser: Tônia Carrero. Porque ela é linda de fazer parar o trânsito. Não o fôsse e nós nunca pensaríamos sequer em subir, a pé, oito andares de um edifício, em São Paulo, onde ela mora. Faltava a luz e por isso, batemos à porta do apartamento com os nós dos dedos, assim ao jeito de amorosos furtivos. Eram «las cinco de la tarde». Toninha apareceu, linda, mas ensonadíssima, e foi logo advertindo: você me fêz saltar da cama, portanto, se pensa que eu lhe vou dar respostas engraçadas, está redondamente enganado. Perguntamos e ela respondeu dêste jeito:

P — Tônia, estamos em São Paulo, no Carnaval e no Festival do Cinema. Por isso diga: você crê no Carnaval?

R — Está aí, nos ouvidos da gente.

P — E que acha você do lança-perfume?

R — Uma delícia, se não fôsse o dia seguinte...

P — E que acha você do Festival do Cinema?

R — Uma badalação entre paulistas e cariocas com umas senhoras estrangeiras e idosas, no bôlo.

P — Se você fôsse convidada para escolher entre fazer um filme em Hollywood, em Roma, ou de Londres, que decidiria?

R — Já decidi. Roma. Em maio.

P — E qual o seu diretor ideal?

R — De Sica.

P — Quer dizer que é De Sica quem dirigirá você?

R — Talvez... quem sabe... não posso dizer...

P — Tônia, você vive os papéis que interpreta?

R — Evidentemente.

P — Então, se você fôr beijada... você vive o beijo?

R — Vivo o beijo e viva o beijo. E' uma delícia.

P — Toninha, me diga, o que é o amor?

R — O amor? O amor... o amor... o amor... oh! o amor...

P — Que pensa você dos homens?

R — São ótimos, porque são o sexo oposto. Já alguém disso isso, mas ao contrário, a respeito das mulheres. Parece que foi Shaw.

P — Qual o seu tipo ideal?

R — De cachorro?

P — Não, de homem.

R — O que gostar mais de mim.

P — Você sente ciúmes do homem de quem gosta?

R — Imensos.

P — E que faz você?

R — Disfarço.

P — Você admite que, por ciúmes, mulher bata em homem?

R — Há homem que bate em mulher...

P — Então, que acha você do Porfírio Rubirosa?

R — Quem é?

P — Mas Tônia, todos os jornais e revistas falam nêle...

R — Não é mais um candidato a governador de São Paulo?

P — Bom. Vamos a outro personagem em evidência. Que acha você da Marylin Monroe?

R — Acho que recebeu mais do que deu...



Tônia Carrero tem quase tôdas as superstições; e já teve alguns sonhos inconfessáveis.

P — Como assim? Com aquela pose, tôda nua?

R — Refiro-me a talento. Aliás, em minha opinião, a Marylin é uma «invenção» dos americanos para combater a Gina Lollobrigida, mais bela e mais atriz.

P — Bom, falemos dos homens de São Paulo. Quem acha você o mais elegante?

R — À frente de todos, René Thiollier. Depois, Caio Furtado, Carlão Mesquita e Paulo Assunção.

P — E quem são os mais desengonçados?

R — O primeiro de todos é o Vavá. Depois, o Jorginho Alves de Lima (é o maior pirão de São Paulo) e o Matos Pacheco, ou então, o Vavá mais uma vez.

P — Tônia, você costuma sonhar?

R — Sempre sonho.

P — Que espécie de sonhos?

R — Inconfessáveis.

P — Mesmo a um padre?

R — A um padre muito mais que a qualquer outro homem.

P — Você acredita em sorte?

R — Imenso. Por exemplo as músicas do Antônio Maria dão sorte. As do Caymmi, também. Pelo contrário, aquela que a Araci canta e diz assim: «sofrer foi o prazer que Deus me deu», — é terrível para mim.

P — Você tem mêdo?

R — De assombração, sim. De outra coisa qualquer, não.

P — Então, se você estivesse sòzinha num táxi, de noite, e o «chaufreur», de repente, ficasse tarado, você não tinha mêdo?

R — Não.

P — E como é que você saía dessa?

R — Pela porta. Engraçado...

P — Que tal está achando esta entrevista?

R — Você parece uma menina no colégio perguntando a outra: com que idade você beijou pela primeira vez? E sua mamãe viu?

P — Boa idéia. Como é que foi e quando foi?

R — Você, além de engraçadinho, é impertinente. Foi aos treze anos e mamãe não viu.

Agora, fim.

Encabulamos e fomos embora.



CONTEMOS AQUI UM POUCO DA HISTÓRIA DE SETE

Diaristas da imprensa

CADA UM DÊLES TEM O SEU PÚBLICO E OS SEUS DESAFETOS. A MAIORIA QUER SALVAR O BRASIL. UM DÊLES APELIDOU PRESTES DE «CAVALEIRO DA ESPERANÇA» E DE UM OUTRO VINGA-SE GETÚLIO VARGAS NÃO LENDO OS SEUS ARTIGOS.

Reportagem de FRANCISCO RIBEIRO

"Diarista" aqui não vale no sentido burocrático que o Dasp lhe dá. Diarista, nesta reportagem, é quasi sinônimo de "colunista" — e colunista é aquêle que mantém uma seção diária em qualquer jornal. No Brasil há dezenas de colunistas escrevendo em dezenas de jornais. Não seria possível escrever sôbre todos. Selecionamos sete — cala um dono do seu estilo ou dos seus cacoêtes próprios, e cada qual interessando a um determinado grupo de leitores. Outra razão porque escolhemos os sete: todos são federais, lidos no Brasil inteiro.

O leitor, naturalmente, não estimará os sete em conjunto. Mas, entre os sete, há de ter algum de sua preferência. Daí o axioma: diga-me qual o seu diarista, e eu direi em quem você votará.



ADRIENNE MONNIER,

autora e livreira

... te do sitio onde viveu tantos anos, donde retirou os elemen-

Augusto Frederico Schmidt

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT:

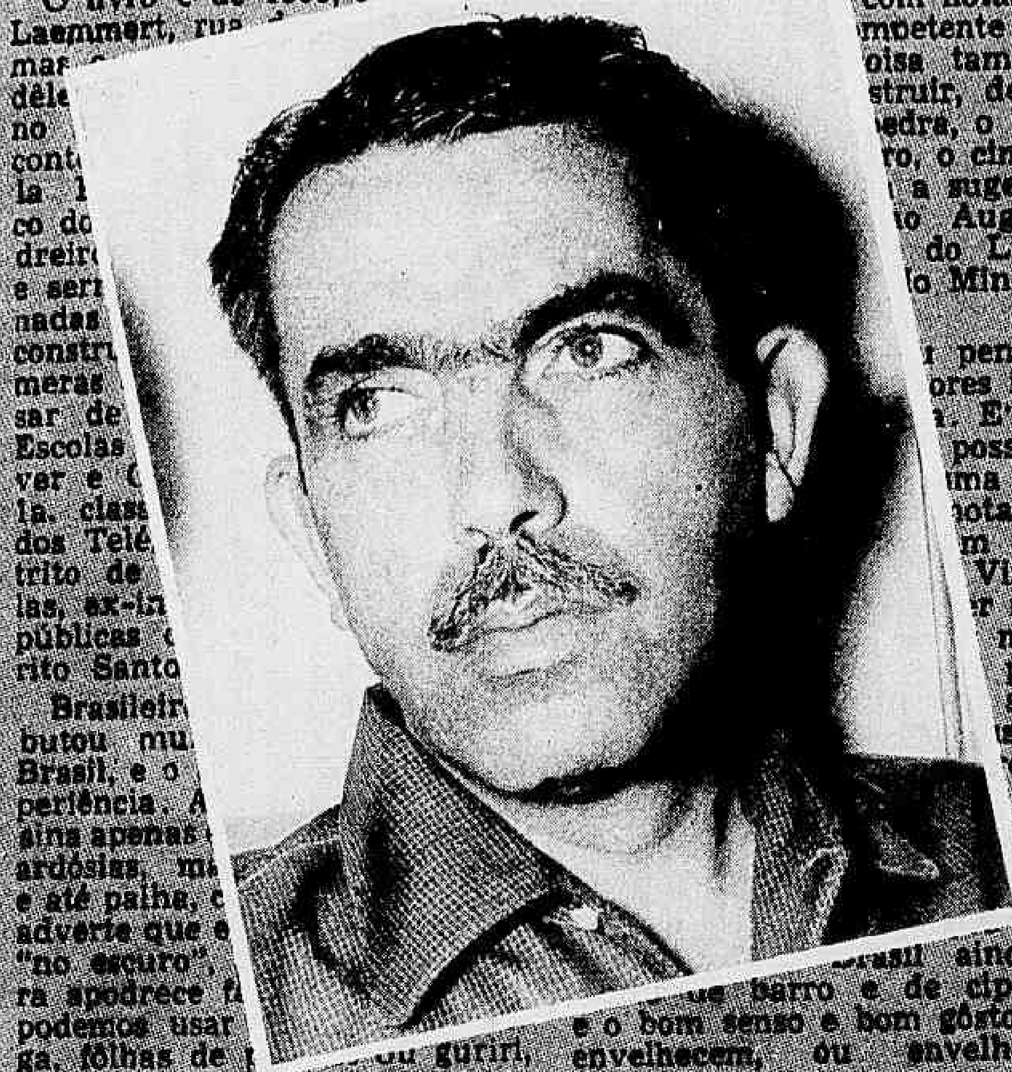
Nada teria a dizer se a Pátria não estivesse à beira do abismo

OS tormentos cívicos do poeta Augusto Frederico Schmidt datam de seis ou sete anos atrás. Mas dêles é que nasceu o aflito e amargo colunista do «Correio da Manhã», que vive a chorar, num tom de Jeremias verde-amarelo, os desatinos e os tropeços da Pátria. Como exegeta da política temporal, Schmidt é plangente, pouco seguro do que diz e dono de um estilo que se aperta entre a frase feita e a advertência conselheiral. Claudel, Deguy, Leon Bloy, Maritain entram, nos seus artigos de cambulhada com melancólicas dissertações sôbre os casos da Cexim e os entraves ao capital estrangeiro (que Schmidt condena bìblicamente), tudo se estirando num copioso pranto que, excessivamente patriótico, lembra uma bandeira a meio pau. Entrementes, enquanto a Pátria se esfalfa e definha, os negócios do poeta prosperam, se multiplicam, ganham ramais e raízes. E, paralelamente, a sua lira — outrora poderosa e profética — desafina e começa a valer-se, nos seus cantos finais, de fórmulas poéticas fáceis e gastas.

Mas o poeta Augusto Frederico Schmidit já foi grande — e naturalmente há de ser o grande poeta, e não o próspero homem de negócios ou o gemebundo patriota, que ficará na história da poesia brasileira como um dos seus marcos mais autênticos.

Em 1931 Schmidt ainda não tem trinta anos e é um modesto editor, com loja montada na então rua Sachet (hoje travessa do Ouvidor). Mas Schmidt-Editor, apesar de sua pobreza, teve a glória e a coragem de lançar alguns dos nomes mais expressivos da nova literatura do Brasil: José Lins do Rêgo («Menino de Engenho»), Raquel de Queiroz («João Miguel»), Jorge Amado («Cacau»), Graciliano Ramos («Caetés») e muitos outros. Com a insolvência da editôra, Augusto Frederico Schmidt atira-se a negócios mais certos e rendosos, liga-se a amigos poderosos, os amigos o empurram, aproxima-se do então ministro Francisco Campos, afirma-se como intelectual da direita, quase entra para o integralismo e apoia o Estado Novo. Mas o 29 de outubro encontra-o já do outro lado, partidário fervoroso do Brigadeiro e militante sem ficha da UDN. Eleito Dutra, Schmidt aproxima-se de Dutra; cai Dutra, retorna Getúlio, o poeta, que tanto combatera a candidatura de Vargas, volta a subir as escadas do Catete, levado pela mão, tão manhosa, do seu amigo Lourival Fontes.

Pessoalmente, Augusto Frederico Schmidt é homem brilhante, de gestos largos, teatral (pode chorar a qualquer hora), amante do brilho mundano e muito vaidoso dos seus talentos. Cultiva os literatos moços e tem sempre uma queixa para fazer a um amigo de um outro que já não o é. Mora num andar da av. Atlântica, defronte ao mar, onde dispõe sempre de ótimos vinhos para oferecer aos asteróides do seu sistema solar. É rico, mas seguro; em matéria de promessas, porém, sempre mostrou-se de uma prodigalidade espantosa. A diabete não lhe deixa comer ou beber, como gostaria; e o seu grande sonho é vir a ser, sob qualquer govêrno, ministro da Educação ou, se não fôr possível tanto, embaixador em Washington ou Lisboa.





RUBEM BRAGA:

O brilho enxuto

UM sol agoniza e morre, em 34, no Largo do Machado: Humberto de Campos. Lágrimas pingam dos olhos dos seus admiradores, tôda uma legião de sensibilidade fácil que o maranhense empolga e domina com o seu martiológiro literário. Mas já um sol novo vem nascendo, lá para as bandas de Belo Horizonte: Rubem Braga. Braga é o anti-Humberto de Campos por natureza: sincero, enxuto, sem truques nem passes de mágica.

Capichaba («Sou, modéstia a parte, de Cachoeiro do Itapemirim»), o adolescente Braga muda-se para Belo Horizonte, em 32, e já na Revolução Constitucionalista é repórter de um jornal mineiro na frente de combate. Trabalha no «Diário de Minas», o «Associado» local, assina as primeiras crônicas, vai para São Paulo, já é glorioso em 35, em 36 está no Rio, como pensionista das pensões do Catete (numa delas encontra o mestre Graciliano Ramos, recém-saído da cadeia), sofre prisões, é seguido por «tiras» e atravessa todo o Estado Nôvo sem rendição, escrevendo aqui e ali, em revistas e jornais. Está no «Diário Carioca», em 44, quando é enviado à Itália como Correspondente de Guerra. O então coronel Lima Figueiredo não quer que êle vá, o general Dutra também não, mas afinal dá-se um jeito e o Braga vai. Fica oito meses na guerra, bate furioso na «hermes baby» da vanguarda, bebe o conhaque falsificado da retaguarda, piora da bronquite, vê de perto a tomada de Montese e a rendição da 148ª Divisão Alemã às tropas brasileiras, e, no penúltimo dia da guerra, vem pela estrada num jipe, com Raul Brandão (do «Correio da Manhã»), quando é alvejado pelos alemães; o jipe capota, o Braga quebra um dedo e Brandão parte o fêmur.

De volta da Itália, o correspondente Braga reúne as crônicas num livro, «Com a FEB na Itália», muda-se do «Diário Carioca» para o «Diário de Notícias», transfere-se depois para o «Correio da Manhã», onde continua até hoje. De uma conversa grandiloqüentemente cívica que Joel Silveira mantém, na varanda do Jóquei Clube, com Danton Coelho, nasce a idéia do semanário «Comício», imediatamente apoiada, aos arroubos, por Rafael Correia de Oliveira. Rubem Braga adere ao plano, e logo os três estão semanalmente de pé pelo Brasil nas bancas de jornais. «O Comício» se aguenta seis meses, viaja por mares procelosos, é atingido mortalmente a bombordo pelo impacto de uma gerência airosa, vai a pique no 23º número — mas não antes do Braga pôr abaixo uma lenda que a ligeireza nacional tecera a seu respeito: a de que não se podia contar com êle como «pé de boi» ou homem de responsabilidade. Trabalhando no «Comício» das sete da manhã às sete da noite, Braga provou suficientemente ser um bovino responsável e cioso.

Cronista, Rubem Braga diz exatamente o que a maioria de nós quer dizer e não sabe; é de um equilíbrio de matar de inveja; e tem sempre, a propósito de tudo (desde um «show» do Casablanca ao último desatino do govêrno) uma palavra justa e exata. Escreve à máquina, numa velocidade sincopada e num jeito meio irritado que lhe arranca suspiros, fuma meio «caporal douradinho» para cada frase, e gosta de parar no meio da escritura para conversar fiado. A sua maior invenção: morar no Leblon e trabalhar em casa, sem precisar ir à cidade. O seu maior desespêro: amar e não ser amado, o que raramente acontece.

PAULO MENDES CAMPOS:

Há três anos no primeiro plano

PAULO Mendes Campos começou a colaborar na imprensa aos vinte anos, escrevendo artigos sôbre poesia (ainda hoje escreve, além de fazer a poesia pròpriamente dita), a morte e a solidão em «O Diário», o por vêzes feroz órgão católico, apostólico e mineiro de Belo Horizonte. Mas o fato é que «O Diário» era o único jornal de Minas que por essa época procurava burlar a pastosa e intolerante censura do sr. Benedito Valadares. (Foi nessas turras com a censura que João Franzen de Lima perdeu o lugar de diretor do jornal, e Edgar Mata Machado o de secretário. Paulo Mendes Campos não tinha muito a perder a não ser a paciência, de vez em quando). No «Diário», Paulito fazia de tudo e de graça: tópicos, tradução de telegramas (um dos telegramas traduzido por êle, em 1943, dizia assim: «Os alemães perderam definitivamente a batalha de Stalingrado», notícia atéa que o órgão católico botou na manchete), dava também uma mãozinha na revisão. Começou depois a colaborar remunerado para a «Fôlha de Minas», cinqüenta cruzeiros por artigo, tabela quase federal, passando logo em seguida a dirigir o suplemento literário dêsse jornal. Colaborou também semanalmente, por êsse tempo, para o suplemento de «O Estado de Minas». Paulito rememora tais dias e tais remunerações com suspiros da mais funda saudade: «Época feliz, em que com 600 da «Fôlha», 200 do «Estado», 300 de um emprêgo de bibliotecário da Saúde Pública e mais uns 300 no escritório de um tio, vivi os mais prósperos dias de minha vida, morando em casa do meu pai e tomando uísque a dez cruzeiros». (Datam dessa época os seus primeiros poemas e a tarde, hoje histórica, em que ensinou Oto Lara Rezende a provar e gostar do netar escocês).

Paulo Mendes Campos transferiu-se para o Rio em 1945, embora por cá já tivesse aparecido, esporàdicamente, em visitas ao mar ou em caravanas lítero-burocráticas. Apresentado pelo poeta Augusto Frederico Schmidt ao jornalista Paulo Bittencourt, teve de fazer um teste para entrar no «Correio da Manhã»: teste do qual se saiu com nota 8 — o jornal nunca dá 10 — com um comentário sôbre a imprudência dos homens do 29 de outubro concedendo 48 horas a Getúlio para arrumar os seus terens. O artigo, não assinado, foi publicado com destaque, em um quadro. Por dois anos escreveu tópicos para o «Correio da Manhã, em uma sala (que será «tombada» em 1970) onde trabalhavam Graciliano Ramos, Mário Pedrosa e Álvaro Lins.

Mas arranjou uma namorada, adstringente, tornou-se, por fado dos amôres, redator relapso, e acabou perdendo o emprêgo, não antes de ser por inúmeras vêzes assim cavamente advertido pelo doutor Costa Rêgo: «Sr. Mendes Campos, saiba que nunca aturei de ninguém o que aturo do senhor...»

Escreve há três anos, no «Diário Carioca», o «Primeiro Plano», uma das melhores seções diárias da imprensa do país. Escreve também na «Manchete» (sôbre assuntos literários) e começou a colaborar na nova fase da «Revista da Semana». Publica reportagens com pseudônimo, (é ótimo repórter), torce pelo Botafogo, bebe uísque no «Vilarinho» e é uma alma de anjo capaz de ser tomada, quando é preciso, de todos os furores do Purgatório e do Inferno. Casado com uma inglêsa de belos e enormes olhos, é pais de dois filhos.

Introdução ao "Memorial dos Coronéis"

Rafael Corrêa de Oliveira

I

AS causas políticas, econômicas e sociais que determinaram o «Memorial dos Coronéis» persistem. Essas causas são graves e indicam fatores internos de depressão que podem atingir proporções de catástrofe se acontecimentos internacionais vierem sacudir uma vez ainda a estrutura das sociedades humanas. Pediríamos, por isso, ao leitor, que nos acompanhasse pacientemente na tentativa que vamos fazer aqui, — um esbôço de causas e efeitos que podem num futuro bem próximo perturbar profundamente a vida brasileira.

A grande crise de 1929 nos Estados Unidos, foi determinada por um êrro indefensável dos grandes comerciantes que governavam o país com o Partido Republicano no poder. O êrro consistia nisso: enfrentar a queda no mercado consumidor diminuindo a produção, diminuindo o trabalho, sem cas. A recuperação da crise norte-americana, sob Roosevelt, impediu a revolução social, em parte, mas não evitou os imperativos do rígido dirigismo econômico que nos conduziria inevitàvelmente à segunda guerra mundial.

Hoje, a posição dos Estados Unidos no funcionamento da vida civilizada é muito mais importante do que em 1929-1932. Uma depressão como a daquela época, nos dias presentes, significaria o rompimento de tôdas as represas postas atualmente à inundação revolucionária. Seria a paralisação de um sistema cujo objetivo final só pode ser a solução justa de todos os problemas do homem moderno. Não ficaríamos, porém, nos abalos de 1929-1932 porque as fôrças políticas que combatem a sociedade atual são hoje muito mais fortes e tirariam da emergência as vantagens possíveis com a propaganda, que os meios de comu-

● Em 1911 Rafael Correia de Oliveira tem 15 anos e vai trabalhar no primeiro jornal: o «Pernambuco», diário a serviço de uma política fumegante, que não dura muito. O jornal é atacado em pleno dia, Rafael consegue escapulir pulando de um primeiro andar, mas igual sorte não teve o diretor, Trajano Chacon, que é alcançado e assassinado a cacete.

A primeira experiência, como se viu, não é amena — mas Rafael insiste. Faz biscates em jornaizinhos, andou pelo «Diário de Pernambuco» e pelo «O Norte», da Paraíba, e em 1919 funda, na capital paraibana, o «Correio da Manhã», jornal de barulho que dirigiu até 1923. Passa o

RAFAEL CORREIA DE OLIVEIRA

Inventou o "Cavaleiro da esperança e lançou Getúlio

jornal ao cunhado, o hoje senador Rui Carneiro, muda-se para o Recife, onde vai ser, de 23 a 24, secretário do «Jornal do Comércio». Em 1926 está em São Paulo, é secretário do «Diário da Noite» («associado») e diretor da sucursal paulista de «O Jornal». Mete-se pelo Brasil a dentro, em 1927, chega até a localidade de Gaiba, na fronteira com a Bolívia, onde encontra o capitão Luís Carlos Prestes e os homens de sua Coluna, que acabam de internar-se em território estrangeiro. Rafael entrevista Prestes e remete para o seu jornal uma reportagem de sensação na qual chama o capitão revoltoso de «Cavaleiro da Esperança», título que pegou. Em 1928, Rafael Correia escreve a política em Santos, assume a direção da «Praça de Santos», adere aos revolucionários e levanta, pela primeira vez no Brasil, a candidatura de um gaúcho 'baixo e sorridente à presidência da República: Getúlio Vargas. Quando rebentou a revolução de 30, Rafael estava na Paraíba, aonde chegara fugido e de barba grande, após uma rápida passagem pelo xadrez em Pernambuco. Volta a Santos, encontra «A Praça» pràticamente falido. Liquida o diário com prejuízo total, vai ser diretor do «Tempo», o órgão do então grupo revolucionário da esquerda em S. Paulo. O «Tempo» também não durou, a situação em S. Paulo estava crítica, a solução era vir para o Rio; mas como não havia dinheiro para as passagens do trem, o jeito foi vender o piano das filhas. É nessa ocasião que o sr. Osvaldo Aranha lhe oferece o emprêgo de ajudante de tesoureiro na Delegacia do Tesouro em Londres. De Londres, Rafael segue para Nova York, promovido. Mas em 44 rompe com o govêrno, abandona o cargo em comissão nos Estados Unidos, volta ao Brasil, alia-se ao grupo (chefiado por Virgílio de Melo Franco) que começava a pensar no 29 de outubro, é prêso com Virgílio e outros em dezembro daquele ano e começa a escrever no «Diário de Notícias». Assumiu em 1946 a direção da sucursal do «O Estado de São Paulo», é fiscal do consumo no interior do Estado do Rio, mora num amplo e belo décimo andar do Flamengo e vai disputar, com a ajuda de muita descompostura brilhante, uma das próximas senatórias paraibanas.

Rafael Correia de Oliveira é pai e avô. Escreve a máquina, martelando ferozmente o teclado com os dois indicadores, emenda pouco o que escreve e não guarda nada do que publica nos jornais. Foi da Esquerda Democrática, foi da UDN, é agora do Partido Libertador. Produz diàriamente para «O Estado de São Paulo», sem assinar, e duas ou três vêzes por semana para o «Diário de Notícias», artigos assinados. E em matéria de espinafração política ninguém ganha dêle.

MACEDO SOARES

Vargas mandou tirar o sofá

● José Eduardo é (e sempre foi) o mais famoso e atuante dos Macedo Soares. Veio de duras lutas republicanas, trocou a Marinha de Guerra (onde fêz curso brilhante) pelo jornalismo artilhado, sofreu empastelamentos, surras, prisões, terríveis campanhas de confrades e desafetos, mas um defeito físico lhe deu, no auge de suas ardentes atividades, êsse jeito aristocrata e soberano de quem está a olhar sempre para cima, quilômetros e quilômetros além da «patuléa das suburras» (a expressão é sua) e de tôdas as suas vis e desprezíveis necessidades. Rui Barbosa tinha-o no rol dos seus melhores amigos e a êle dedicou páginas alcandoradas e entusiastas. José Eduardo mereceu tais homenagens, pois foi, ao lado de João Mangabeira, dos mais ardentes e combativos guerreiros da Campanha Civilista.

Aderiu à Revolução de 30 e já no dia 25 de outubro embarcava para Belo Horizonte, na companhia do então capitão Canrobert Pereira da Costa, levando a missão (alcançada) de anular as desconfianças do presidente Olegário Maciel, que não via com bons olhos a Junta Militar (Leite de Castro, Mena Barreto e Isaías de Noronha) que assumira o poder. Mais tarde, no entanto, os «tenentes» empastelaram o seu jornal. A partir de 31, J. E. aproxima-se e afasta-se de Getúlio, apoia e desapoia o Estado Novo, delira com o 29 de outubro (que considera uma das mais significativas datas da República), inflama-se com o Brigadeiro, alia-se ao general Dutra e desde 45 vem bombardeando sem pena, da valente casamata do «Diário Carioca», Vargas, parentes e aderentes.

Prosador nato, José Eduardo de Macedo Soares é, sem dúvida, o nosso melhor articulista

★ O carnival dos Vargas ★



O sr. Getúlio Vargas tem a paixão do Poder do Estado, mas contenta-se com suas aparências. O seu grande empenho foi sempre afastar de suas vistas o têrmo inevitável do seu Govêrno. Por isso, enquanto pôde, repeliu a figura política do sucessor. Resistiu vitoriosamente, no fastígio do mando, à previdência de um sota que em tôda eventualidade mantivesse o princípio da encarnação da suprema autoridade do Govêrno. Todavia, na loucura ambiciosa que o atacou, o homem das novas concepções do Estado discricionário quis o Poder a todo preço. Ajoelhou-se diante dos ídolos da Democracia, submeteu-se aos postulados de um regime odiado e com cujos princípios e imposições sabia-se totalmente incompatível.

Êsse é o drama odioso do velho Vargas. Vai declinando aos empurrões. Sente-se decifrado nas suas mais ocultas intenções. Ninguém acredita na sua palavra ou nos seus compromissos. Todos enxergam, bem claramente, a insinceridade, a hipocrisia, a mistificação de suas atitudes, que na realidade cifram-se no seu irreprimível egoísmo.

Os brasileiros já sabem, pois, que se confiaram longo tempo, sacrificaram gerações, consagraram a incompetência e desonestidade de um mito, cuja revelação final é a espantosa ruína e degradação do país. Evidentemente são os brasileiros os principais fautores das próprias desgraças. São êles, o número e a fôrça; poderiam portanto resistir vitoriosamente. Mas nas sociedades humanas as coisas não acontecem com tal simplicidade. O sentido gregário da humanidade não é o fruto de um instinto imutável, nas leis da natureza. Sòmente o tempo guarda a chave das soluções, que não se podem prever, nem adivinhar. Do que necessitamos é de tirar os ensinamentos dos fatos presentes, os quais vão construindo a memória e a consciência da nação, isto é, vão descobrindo sua maturidade política.

O Carnaval — 1954, visto por êsse prisma, deve descobrir o Brasil, confrontado com sua verdadeira imagem. A solução militar do projeto em andamento da guerra de classes promovida artificialmente pelo Govêrno que se diz republicano e democrático, mostra que um milagre interferiu, salvando o Brasil. Ninguém sabe, evidentemente, até que ponto os próprios chefes militares, que decidiram a intervenção, estão capacitados dos seus papéis históricos. Aí está a pasta do Trabalho para ser preenchida. Que decisão vai tomar o Vargas? Que acomodação, o calor do Poder induzirá aos homens que entretanto investiram-se em compromissos de honra para a defesa à mão armada das instituições jurídicas e políticas, do regime democrático e da ordem legal?

Leonel Brizola, que partilha no Rio Grande do Sul da política dos parentes, é pouco menos que um débil mental, mas Deus às vêzes fala pela bôca dos dementes. Esse Brizola fêz peremptórias declarações, de volta a Pôrto Alegre, segundo as quais a subida do general Zenóbio à pasta da Guerra só foi possível graças a uma *"campanha movida pela fôrça do dinheiro a que se juntou o pronunciamento de um grupo de militares que o poder econômico hàbilmente soube explorar em seu benefício, tal a forma como encaminhou e procurou interpretar o chamado memorial dos coronéis"*.

Essa é a moralidade dos fatos, segundo o Brizola. A interpretação do Jango Goulart é outra, porque lhe foi tirada do couro. A idéia sindicalista é do Getúlio, não tanto para ser o patriarca da revolução social, como para se reconciliar com os trabalhadores, que aliciou mediante promessas mentirosas para os atirar finalmente na miséria a mais infame, que é a resultante dos erros e dos abusos dos governantes. Segundo a interpretação Jango, o Vargas mais uma vez capitulou perante a resistência do Exército. Viu-se abandonado mas preferiu (como da outra vez) contemporizar à espera de que Deus se amerceie do velho. Por isso o sr. Getúlio Vargas apareceu tão doente nos pagos. Quase de rastros, suando frio, estêve na porta do recinto em que se realizava a festa da uva, mas não entrou. Adiante fêz um diagnóstico benévolo de seus males. Mas no que estava pensando realmente, não disse a ninguém.

Contudo, o sr. Getúlio Vargas voltou ao Govêrno cônscio de que já não o exerce mais. Sabe que vai ser por quase dois anos um trambolho, quando não seja uma bomba-relógio. O seu dia, neste caso, sòmente êle saberia. Em todo caso, desta vez haverá quem não seja pegado de surprêsa. Sua família está prevenida e vai segurando as últimas casquinhas. Pela primeira vez os filhos do Vargas agem de concêrto. O Maneco, cabeça dágua está aqui, farto da Sirei. As damas divertem-se à la gaúcha, isto é, com certo destempêro. Os fluminenses estão muito contentes com a primeira Dama da velha e gloriosa Província.

Eis aí o acêrvo que puseram nas costas do general Zenóbio. Os 84 coronéis ainda não sabem o bem ou o mal que fizeram ao Brasil. Tudo depende da inteligência dos fatos e de como os aproveitar, tirando as conseqüências.

J. E. DE MACEDO SOARES

político. Conhecedor profundo do vernáculo, possui o dom miraculoso de ressuscitar velhos vocábulos e expressões e incorporá-los, vivos, à semanica do dia. Mas não sabe colocar vírgulas nos originais (escritos sempre a mão), tarefa de que se encarrega no «Diário» o secretário Pompeu de Sousa. Brilhante e capcioso ao mesmo tempo, já se disse dêle que é «um estilo a serviço da contrafação». Mas o certo é que pelo menos 50% dos leitores do «Diário Carioca (um jornal versátil e incoerente, mas bravo sempre) são leitores dos artigos da primeira página de José Eduardo.

A virulência de J. E. de Macedo Soares contra «o velho Vargas» vai num crescendo, mas Getúlio encontrou, contra ela, um antídoto tipicamente tira-sofá: não lê o «Diário Carioca»...

CHATEAUBRIAND

Já foi antológico

● Francisco Assis Chateaubriand Bandeira de Melo — mas o Chateaubriand não existia no princípio. Foi acrescentado depois, como homenagem do jornalista brasileiro ao escritor francês. É um homem pequeno (1 metro e 56), inquieto, falador e a quem a vida na capital e as longas andanças pelo mundo inteiro não tiraram o carregado sotaque nordestino. Quando morrer, Assis Chateaubriand poderá ser personagem de uma grande e movimentada história; um romance inteiro (romance de aventuras e de capa e espada) que começa em Recife, na pessoa de um inteligente e culto professor de Direito Romano, e terminará com o derradeiro suspiro daquele que conseguiu montar no Brasil a mais formidável cadeia de informações de todo o continente.

A revolução de 30 encontrou Assis Chateaubriand com dois jornais («O Jornal», no Rio e o «Diário da Noite», em S. Paulo), mas já na revolução paulista de 32 o seu poderio era muito maior. O império «associado» cavou seus alicerces com a ajuda de amigos devotados e entusiastas, que acreditavam nos mirabolantes planos do jornalista paraibano — e entre êles vale citar o nome de Alfredo Pujol, a quem Chateaubriand deve o impulso inicial. Hoje o mundo «associado» — um mundo meio confuso, desorientado e de finanças não muito equilibradas — se divide em perto de 30 jornais, dez emissoras, duas emprêsas de televisão, um laboratório, fazendas, duas revistas e uma porção de coisas mais, tudo morando a casa dos milhões. Centenas de diretores, subdiretores, secretários, gerentes e subgerentes botam êsse mundo em funcionamento diário — mas, pairando sôbre todos, e a todos e tudo dominando com a sua vontade e os seus caprichos, só uma pessoa manda de fato: Chateaubriand.

Como jornalista, Assis Chateaubriand já foi o nosso melhor articulista (alguns dos seus artigos, como aquêle «O Monstro», em que traçou magistral perfil do Getúlio Vargas de 1934, fatalmente farão parte de uma antologia do jornalista brasileiro), revelou-se grande repórter, em 1919 e 1920, quando foi ver de perto o teatro da recém-finda Grande Guerra, mas hoje o seu estilo é desleixado e os vários compromissos e interêsses em que se enleiou lhe tiraram muito da combatividade, da imparcialidade e do brilho. Chateaubriand escreve à mão (de preferência a lápis, numa terrível letra que só um linotipista especial consegue decifrar), costuma datar os seus artigos dos lugares mais inesperados (embora muitas vêzes escreva de Londres ou Paris sem ter saído da av. Venezuela, aqui no Rio), já cruzou cem vêzes o Atlântico e desde o fim da última guerra que vem devotando um exagerado e pitoresco culto à nobreza do mundo inteiro, desde o falecido Duque de Alba (que trouxe ao Brasil) à morenissima e amplíssima Rainha de Tonga (que convidou a visitar a Bahia). Gasta e ganha milhões, não obedece a nenhum horário fixo, tem espantado o Senado e a Nação com declarações as mais ousadas.


DESABAFOS INJUSTOS

ASSIS CHATEAUBRIAND

RIO, 4.

Na fórmula Juarez-Juscelino, o general seria udenista

E o PSD continuaria com o governo de Minas — Apoio e resistencia mineiras — Cleofas não fará acordo, em Pernambuco, contra Vargas — Sugerido o nome do senador Apolonio — Etelvino encontra duras resistencias domesticas e nacionais

Murilo Marroquim

RECIFE, 6 (Meridional) — O caso pernambucano se tornou realmente mais singular, no quadro politico brasileiro, em face da posição do sr. Etelvino Lins. Governador que terá o seu mandato findo nos proximos poucos meses, assumiu entretanto uma curiosa caracteristica dentro do seu partido: obrigou o PSD a definir-se, com antecedencia, sobre se fará a politica sucessoria de Vargas ou contra Vargas. De modo que

MURILO MARROQUIM

A gravidade no chinfrim

● Murilo Marroquim é alagoano, filho de banguezeiro, e começou a fazer jornalismo lá mesmo na província: primeiro em Maceió, depois em Recife. Veio para o Rio, em 40 ou 41, foi trabalhar na «United Press», como tradutor, e nos «Associados», como repórter — e era, então, bom nas duas coisas. Depois aceitou um daqueles contratos de fome da BBC e, em plena guerra, seguiu para Londres. Viu a capital inglêsa arder com os bombardeios dos «stukas», escreveu reportagens para os «Associados» contando isso, mas ganhava muito pouco. Ao assumir a direção da «Meridional» e a secretaria de «O Jornal», Carlos Lacerda melhorou o seu ordenado e começou a publicar com destaque as suas reportagens de Londres. Logo depois Murilo Marroquim está metido num elegante uniforme de oficial inglês e feito Correspondente de Guerra «associado» na frente ocidental — função que desempenhou durante apenas dois meses, porque a guerra acabou logo. Mas, mesmo sem guerra, Marroquim deixou-se ficar em Paris, com farda e tudo, gozando da euforia e desafôgo dos primeiros dias de paz.

Voltou ao Brasil e encontrou uma coisa que, entre nós, é chinfrim e enfática ao mesmo tempo, e que se chama «política nacional». O repórter ágil engrossou o estilo, adotou um jeito gravebundo e torneado, virou exegeta e escafandrista das profundezas abissais dos srs. Vargas, Dutra, Gomes, Benedito, Cirilo e restantes. Seus artigos diários são contínuas e severas advertências à Pátria e aos seus condutores, todos no tom de quem está adivinhando hoje os desastres de amanhã. De tanto tratar de coisas graves e privar com tanta gente importante, Marroquim acabou, êle próprio, grave e importante: é hoje homem de poucas intimidades (em relação ao rebanho comum) e de ótimos empregos. Alguns dêles: secretário do vice-presidente Café Filho; sócio de uma usina de açúcar do Nordeste; chefe do Departamento de propaganda do Instituto do Café, chefe da reportagem política dos «Associados», etc.

De qualquer maneira, Murilo Marroquim é um dos jornalistas mais lidos do país inteiro. E em qualquer cidadezinha do interior você poderá perfeitamente ser surpreendido, numa conversa com o farmacêutico, o padre ou o chefe político, com uma pergunta assim: «E o Marroquim, que acha de tudo isso?» Ou com uma afirmação assim: «É como dizia o Marroquim: o Getúlio tem que dar uma guinada para o PSD, do contrário não se aguenta».

Pessoalmente, Murilo Marroquim tem um jeito de artista de cinema (embora um tanto Fernando Lamas), veste-se de branco no verão e de azul-marinho no inverno, escreve a máquina, não é um purista e se faz terrìvelmente confuso quando tenta definir as tendências ideológicas e sociais dos nossos líderes políticos. O sr. Gustavo Capanema, que é um notório apreciador de nebulosidades, tem nêle o seu jornalista preferido.



NINGUÉM PODIA VER A CÔR DO CHÃO NOS BAILES DO

QUITANDINHA

OS ARTISTAS DE CINEMA FORAM BARRADOS, VANJA ORICO GANHOU O TÍTULO DE «RAINHA DO CIRCO» E A FESTA TERMINOU QUANDO O SOL JÁ IA BEM ALTO.

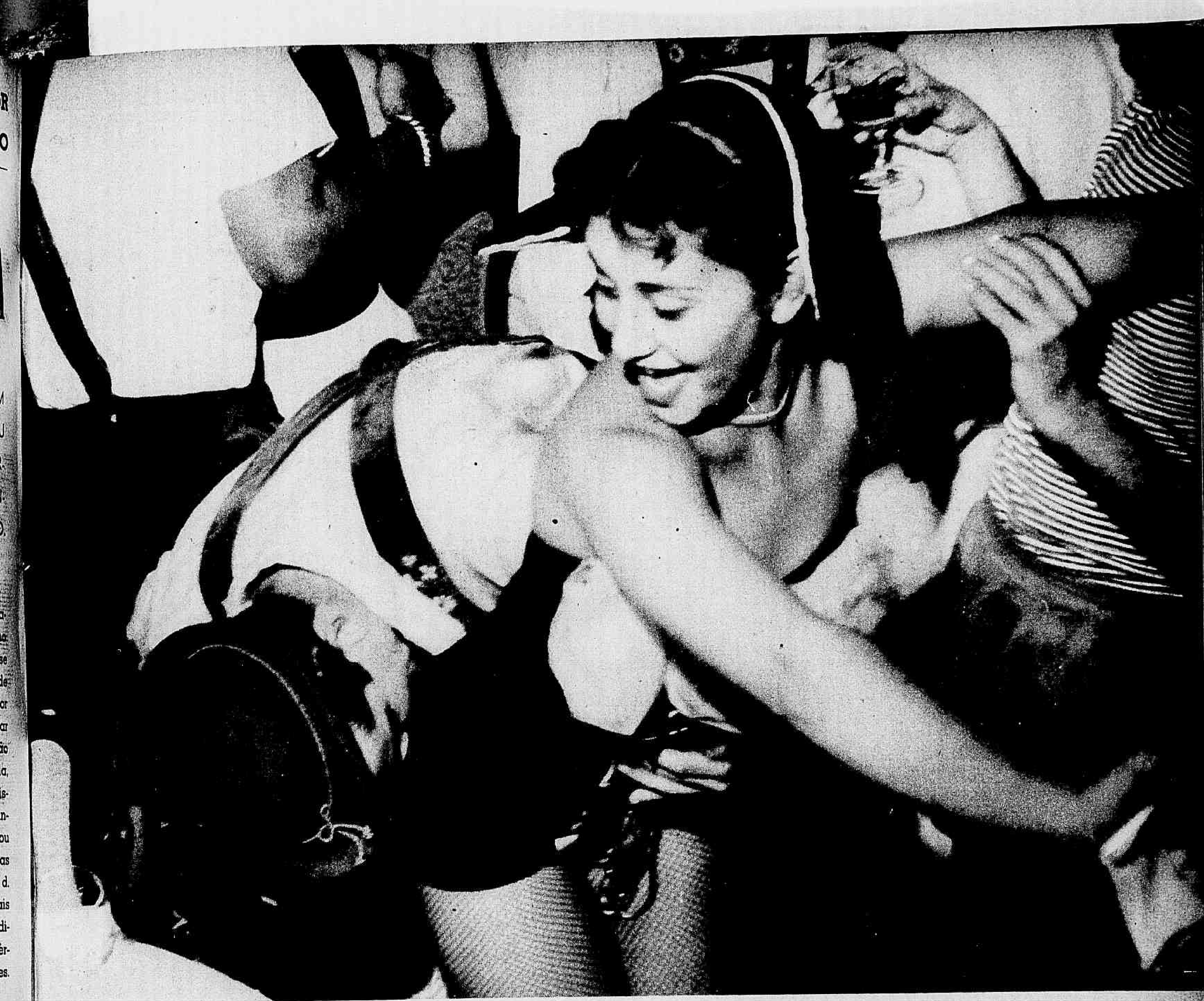
ANIMADÍSSIMOS, todos os bailes carnavalescos no Quitandinha, mas como no Municipal a metade do povaréu que lá se encontrava, tinha ido atrás dos artistas de cinema, que, afinal de contas, acabaram por não aparecer. Alguns ainda tentaram forçar a «cortina de tiras» do Barão Stuckart, não o conseguindo, porém. E a própria — e bela, e límpida, e meiga — Joan Fontaine foi vista, em meio a uma numerosa côrte, nos fundos do hotel, à procura de qualquer vão ou porta que a levasse ao salão de festas. Mas lá dentro a coisa estêve absoluta. Desde d. Alzira Vargas do Amaral Peixoto até o mais humilde e anônimo dos foliões, todos se divertiram a valer. E alguns até que se divertiram de mais. A polícia tomou conta dêles.

A PRESENÇA DE VANJA ORICO "RAINHA DO CIRCO"





Vanja Orico, fantasiada de bailarina, foi a «Rainha do Circo». E o circo era o próprio salão onde a festa explodia. A trapezista, à direita, também



FOI A NOTA PREDOMINANTE DA ALEGRE NOITADA





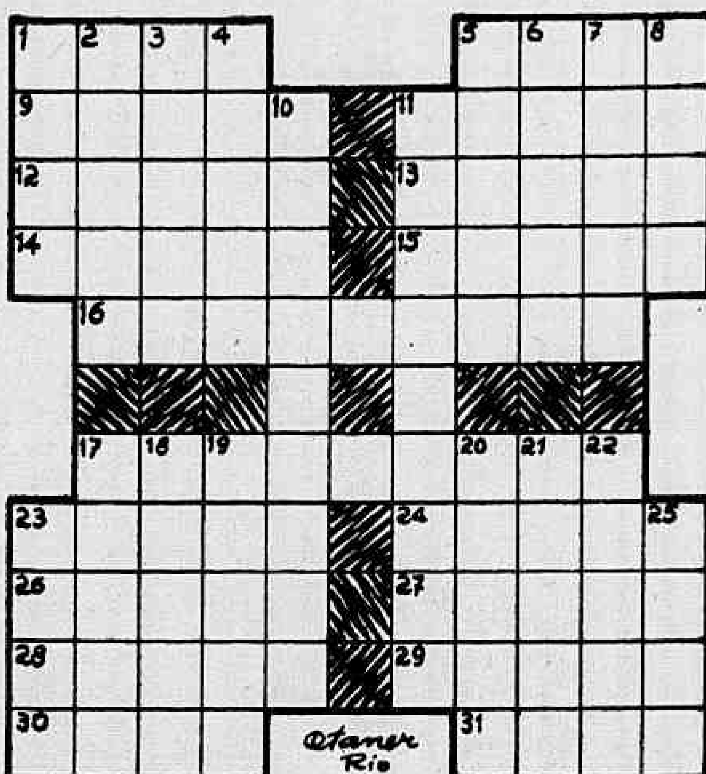


foi muito aplaudida. As brigas até que não foram muitas. A senhora, ao centro, nem chegou a desembainhar a espada. E Vanja estava linda.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 8

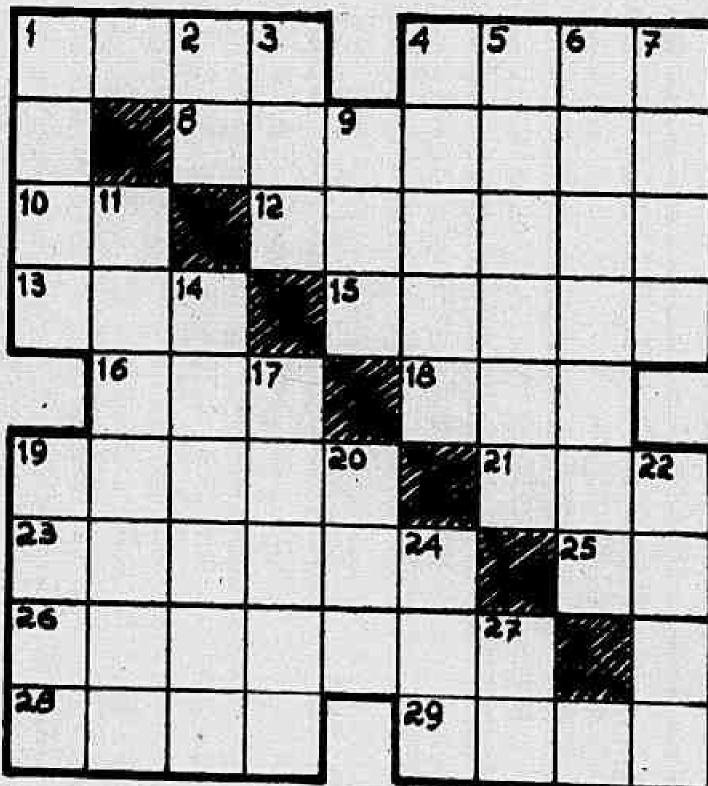
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Vento forte — 5. Disponha de outro modo — 9. (Lope de), célebre autor dramático espanhol (1500-1568) — 11. Constelação austral — 12. Põem em dificuldades — 13. Pessoa perspicaz — 14. Grave — 15. Vento fresco de monção — 16. Pessoa feliz nos negócios e nos amôres — 17. Horror às ciências — 23. Que é tido em grande valor ou estima (pl.) — 24. Energia — 26. Arroje — 27. Irritais — 28. Pedras cujas arestas corroem a amarra do navio — 29. Canoa de casca de madeira (pl.) — 30. Índios do rio Iraí — 31. Coisa ridícula.

VERTICAIS: — 1. Idades — 2. Levam descompostura ou repreensão — 3. Tabuleiro de terra — 4. Nome de mulher — 5. Nódoa que o calor do fogo produz na pele — 6. Perseguir de perto — 7. Idosa — 8. Nome de mulher — 10. Gôta serena (pl.) — 11. Grande confusão — 27. Destruir — 18. Iridite — 19. Esporângios, plantas criptogâmicas vasculares — 20. Formar — 21. Cidade do Estado do Paraná — 22. Expedes —23. Pessoa que se não conhece — 25. Namorada.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Animal doméstico, da família dos Felídeos — 4. Gostar — 8. Gradeara com arame — 10. Ali — 12. Amerissar — 13. Rezo — 15. Polvilho — 16. Pedra do altar — 18. Reflexão do som — 19. Recebe (coisa atirada) — 21. Nome de homem — 23. Espécie de gado bovino — 25. Brisa — 26. Respeitara — 28. Planta têxtil da família das Urticáceas — 29. Nome de homem.

VERTICAIS: — 1. Macho da galinha — 2. Basta! — 3. Reza — 4. Cavalo que tem duas côres: branca e preta — 5. Cidade do Estado do Rio de Janeiro — 6. Aquela que ara — 7. Pouco comum — 9. Quer bem — 11. Armadilha para apanhar passarinhos — 14. Discursaram — 17. Nome que se dão a si mesmo os índios Parecis — 19. Ligar — 20. Nome de mulher — 22. Irritar — 24. Rezo — 27. Sigla automobilística do Amazonas.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 7

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — **aguarda — acalmia — mu — oas — ba — asa — rosal — raro — sara — edito — iam — lo — ira — ta — amainar — adornar.**

VERTICAIS: — **acusado — Ga — ulo — amar — risos — dá — amarelo — calamar — baratar — Ari — sai — ótimo — orar — Ain — ad — na.**

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — **via — irá — enregelados — seduz — coprófago — ária — aboé — aber — urco — iara — amou — aracambus — remia — relambórios — Toe — fis.**

VERTICAIS: — **vez — in — Ar — ledo — id — ro — Asa — espirrara — gera — lufa — azabumbar — cabia — orear — gorou — oecus — acém — amio — ambé — ort — Oss — eo — lé — If — oi.**

NINGUÉM PODIA VER A CÔR DO CHÃO



Êstes diamantes devem ser falsos (remember Ninon Sevilla!). Mas a madame se esguelava como uma faliã autêntica.



O cordão não tinha princípio nem fim. E era impossível ver a côr do chão. Há quem diga que o do Quitandinha foi o mais alegre baile do Carnaval.

NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

Por MICHEL DUCHEMIN

Tradução de SÍLVIA JAMBEIRO

COMO aperitivo vimos dois empregados corpulentos obrigarem gentilmente um freguês alcoolizado a deixar o recinto, carregando-o por entre os pares dançantes, entre os quais eu e Colette que neste momento solta uma exclamação de espanto. Viro-me e vejo Léna imperturbável, ladeada por Montenegro e Peter, todos à nossa já bem concorrida mesa. Convido então Léna para o «blue» e dançamos maravilhosamente.

— Estou triste porque vou perder a minha décima pequena (digo).

A iluminação agora azulada do ambiente convida a confidências mas Léna posa em mim seu olhar frio e inflexível:

— Talvez você não precise perder a décima pequena, creio que vou continuar com vocês.

— Ficarei muito contente mas quando terá a certeza?

— Ainda hoje (responde ela lacônica).

E continuamos dançando em silêncio. Procuro um assunto:

— Você está satisfeita por terminar êste ano os seus estudos?

— Talvez não termine êste ano. Algo aconteceu que veio mudar tudo.

E ela volta ao silêncio tumular característico.

Procuro sorrir despreocupado enquanto observo que um décimo freguês indesejável acaba de ser excluído dali. Convido agora Nicole para dançar e lhe conto palavra por palavra minha conversa com Léna o que não foi fácil pois Léna e Montenegro que dançavam também não tiravam os olhos de nós. Procuramos disfarçar enquanto vou falando e quando voltamos à mesa notamos que os três iugoslavos novamente se foram e Giséle informa impressionada:

— Montenegro vai tomar o avião da manhã para Belgrado!

Ficamos atônitos. Nisto Denise se curva para mim dizendo:

— Michel, quer me fazer um favor?

— De que se trata (pergunto já um tanto alarmado).

— Convide-me para dançar quando eu fizer um sinal. É que está ali um iugoslavo muito impertinente (explica corando) e eu não quero dançar com êle.

— Pode contar comigo (respondo com ar protetor).

Mas logo a seguir recebo o mesmo pedido de Giséle e Nicole. Só penso agora em descansar um pouco pois não perdi uma só dança desde que a música começou. Aproveito uma trégua para beber qualquer coisa e acender um cigarro mas a orquestra começa a tocar uma valsa inglêsa... e Nicole, Denise e Giséle se precipitam para mim como para um noivo que volta da guerra.

— Depressa, Michel (gritam a um tempo) vamos dançar!

Vejo três rapazes bigodudos que se aproximam. Um especialmente tem uma expressão assustadora, é o pretendente de Denise e eu escolho esta para salvar. Nicole e Giséle me atiram olhares corrosivos.

De volta encontro Catherine que diz um tanto preocupada:

— Notaram como estão todos apreensivos? Acho que a situação se está agravando!

— Que situação?

— A internacional, ora essa!

Ficamos também preocupados. Uma delas pergunta:

— Que pensa você fazer se estourar a guerra, Michel?

— Nada de afobações. Procuraríamos os outros cinqüenta e dois franceses que há nesta cidade (respondo com serenidade).

E saímos da tal buate imediatamente.

A noite está belíssima mas ninguém pensa em apreciá-la, só pensamos em como encontrar os cinqüenta e dois franceses espalhados pela cidade. Observamos os tipos esparsos pela rua até que um nos pergunta: Que horas são? E as nove pequenas perguntam a um tempo:

— Tem notícias da França?

— Como? Como? (pergunta o homem aturdido).

— Queremos saber (explica Nicole) se o senhor está a par da situação internacional.

— Ora, está claro ou pensam que sou algum idiota?

Gastamos um bom quarto de hora para explicar do que se trata e afinal êle informa que conhece um tipo que traduz as notícias dos jornais para êle, por alto, e que nada há de extraordinário e que o deixem dormir em paz. E acomodando-se novamente no banco começa a roncar. A falta de novidades não me tranqüiliza muito pois continuo e continuarei sem saber porque Léna chorou.



Eu devia me considerar o mais feliz dos homens pois conseguira afinal encontrar alguns rapazes, compatriotas para companheiros. Mas os homens nunca estão satisfeitos e cheguei mesmo a maldizer a intromissão daqueles intrusos na vida pacata do meu harém. E além de tudo êstes meus companheiros de quarto pareciam sentir prazer em perturbar as sagradas horas do sono dos outros entrando cada um a uma hora diferente o último dos quais chegava sempre lá para as seis da manhã. Acordava-me sobressaltado pensando tratar-se de algo grave mas era apenas uma brincadeira barulhenta dos rapazes, como por exemplo jogar água uns sôbre os outros dentro do quarto e pondo a minha paciência a dura prova; ou então era a sociedade anônima de todos os meus pertences, lâminas de barbear, sabonete etc... E nestes momentos cheguei à conclusão de que não estava dando o devido valor às gentilezas de Colette, Denise, e de tôdas as pequenas das quais muitas vêzes me queixei.

Desci ao saguão para encontrar as pequenas que me receberam calorosamente. Léna afinal não partira e as olheiras e a preocupação não mais estavam em seu rosto.

— Como passou a noite, Michel?

— Péssima. E estou radiante de me desvencilhar daqueles indivíduos.

— Não diga isso, Michel. Êles seguirão conosco para Dubrovnik.

— O quê? Êles vão conosco o resto da viagem?

— Perfeitamente. Vamos todos no mesmo navio. Assim vai ser mais barato. Achamos que foi uma sorte encontrar êstes rapazes, principalmente por você.

Mas eu que compreendi tudo muito bem estava furioso. Pobre navio carregado de rapazes franceses. Os dos outros grupos já rondavam por ali como as andorinhas sôbre os fios telegráficos. Outros como «cow-boys» num rodeio já haviam laçado umas quatro das minhas meninas e eu devia intervir enèrgicamente.

— Devo adverti-los para que deixem estas jovens em paz (disse eu com voz firme como que aceitando o desafio dêles).

— Ora, nos estamos divertindo.

— Pois guardem as brincadeiras para as moças do seu grupo e deixem as minhas em paz.

— As dêle... as dêle. Ouçam isso. E quantas são as suas?

— Ah! (fêz um dêles que não me deixara dormir com tanto barulho). Logo vi. Já conheço êste pão-duro, não me quis emprestar o pente hoje de manhã!

Escutei tudo com ar superior e ciente de estar no meu papel mas êles insistiram em assediar as pequenas contando e dizendo graças, algumas bem salgadas e o pior é que elas acolhiam tudo com amplos sorrisos. Que desapontamento, eu as julgava mais sensatas e me espusera ao sarcasmo sem compensação. Nenhuma delas compreendeu nem compensou o papel de mártir que fiz aturando tôdas nove! Mas estava acostumado e por preço nenhum queria perder uma delas. Queria o grupo de minhas nove pequenas ou nada!

É verdade que eu aguentara a concorrência dos iugoslavos mas fôra diferente, êles passavam, mudavam, mas os franceses ao contrário, ofereciam o risco de serem encontrados a qualquer instante e minha posição de pachá estava sèriamente em perigo, êles moravam em Paris e tinham nomes fáceis de guardar e de pronunciar, endereços também acessíveis e eu já me via roubado de minhas nove pequenas, seguindo sòzinho o resto da viagem, coração partido, inconsolável!

É verdade que eu poderia aplicar a lei do «toma lá dá cá» mas na verdade eu sentia que nenhuma nem tôdas as outras juntas valeriam uma sequer das minhas pequenas na troca; não, nenhuma tinha a graça, o encanto e a inteligência de qualquer uma do meu grupo.

Voltamos para jantar. O mar cintilava mas ninguém lhe dava importância. Tôdas as pequenas tinham o ar manhoso de colegiais tramando alguma coisa que me parecia mais misterioso que o misterioso ar de Léna.

— Afinal em que é que vocês estão achando graça? (perguntei).

Risadinhas acolheram a minha pergunta e uma delas disse:

— Michel, você deve ser mais discreto. Estamos fazendo confidências!!

E elas entraram para os respectivos quartos sem sequer um olhar, uma palavra.

Uma hora se passou. Eu já havia trocado algumas vêzes de lugar. Fui até o «hall». Depois até a frente esperando ver uma delas chegar à janela e nada. Que fazer? Recolher-me ao meu quarto? De modo nenhum, além do mais o meu nem tinha janela com vista para o mar e mas ainda uma fome selvagem me devorava. Resolvi subir e gritei batendo à porta de um dos quartos:

— Se vocês não resolverem sair logo eu arrombo a porta!

O vozerio delas tôdas seguido de risadas veio em resposta.

— Mas, Michel, você é um tolo! Estaremos prontas em cinco minutos. Vamos já.

Cinco minutos! Eu já conhecia aquela canção. E conheci a situação do marido que espera que a espôsa se considere pronta para o jantar na casa do patrão.

Eu representava ali o papel daquele marido sendo que as espôsas estavam multiplicadas por nove!

Uma das pequenas apareceu no corredor. Corri para ela e quis saber por quanto tempo zombariam de mim. Respondeu:

— Ora, Michel, zombar de você por quê? Deixe-me ir que estou quase pronta.

Oh! as mulheres. Ela estava de «peignoir», de chinelas, com os cabelos presos numa rêde e dizia estar quase pronta!

Estava já disposto a tirar uma soneca quando as portas se abriram e nove pares de olhos brilhantes pousaram em mim com insistência. Achei melhor no entanto comer primeiro e decifrar os olhares depois. De passagem pegamos Peter que cochilava no «hall» e fomos todos para o Argentina onde o jantar nos esperava.

Era um lugar reservado aos diplomatas e de grande luxo. Sentamo-nos em confortáveis cadeiras e as meninas me contemplavam sempre com insistência e sem dizer palavra. A minha modesta pessoa começou a ficar pouco à vontade sob aquêles olhares ardentes que me faziam lembrar a cena da estação da nossa partida. Discretamente me olhei no espelho em frente e êste me devolveu a imagem de sempre. Finalmente Denise começou:

— Michel, será que você não...

— Shhhh, (fêz Marie Anne) espera...

E tôdas queriam falar e fazer calar as outras numa confusão que me fazia cada vez mais sem jeito.

— Afinal o que é que há com vocês?

— É, afinal você não vê nada mesmo, não é (disse Colette)?

E ela se levanta bruscamente quase virando o prato que o garção acabava de trazer e perguntou:

— Será que você não notou o meu vestido novo?

A pergunta foi feita lentamente, sílaba por sílaba. Só então regalo os meus olhos com a visão magnífica do belo vestido novo de Colette.

— Encantador (digo com tôda ênfase) realmente encantador e digno dos mais expontâneos cumprimentos, querida Colette!

— Não é a mim que você deve cumprimentos (responde ela) mas a Catherine...

— Oh! perdão... eu não havia reparado.

Todos os olhos se cravam em mim ante aquela confissão horripilante. Fico ainda mais atrapalhado e o garção que vem trazendo uma garrafa de água parece compartilhar da minha atrapalhação e quase derrama o conteúdo nas costas de um velho sentado ali perto.

— Mas, afinal de que se trata. Bem que eu notei vocês com cara de conspiradoras mas não pensem que me fazem de bôbo.

— Ora você é mais bôbo do que se pode imaginar. Está conosco há tanto tempo, vendo-nos todos os dias e noites e nem sequer percebe que, para lhe fazer uma surprêsa, nós resolvemos fazer uma troca geral dos vestidos, umas com as outras.

A luz então se fêz no meu cérebro; um tanto tarde porém total: descubro então que na verdade Colette está usando o vestido estampado de Catherine, Marie Anne usa o modêlo Carven de Giséle, Helena está dentro do vestido azul de Françoise e assim por diante e como um menino estudioso que sabe bem a sua lição vou enumerando uma por uma tôdas as trocas, inclusive de ornamentos, broches etc... acompanhando tudo de adjetivos entusiasmados mas os meus esforços agora são vãos.

Desiludidas, desanimadas elas se lamentam sem ligar aos meus protestos veementes; e dizem com voz chorosa:

— Você nos expôs tôdas ao ridículo. Nós que sentimos tanto prazer em agradar a você, em lhe fazer esta pequena surprêsa! Você nos desestimula, nos desanima...

— Pois é. Que idiotas fomos. Lembram-se de que enquanto nos preparávamos dizíamos ansiosas: «Êle quando nos vir assim, uma com o vestido da outra vai morrer de rir» e em lugar disso, o desapontamento do mais completo silêncio...

— Mas, meninas (gaguejo eu atrapalhado) garanto que estou achando a coisa engraçadíssima, estou rindo até as lágrimas, vou ficar doente de tanto rir... ha... ha... ha...

E me esforço ao máximo para dar gostosas gargalhadas mas o resultado é que elas replicam:

— Estão vendo? Estamos grotescas, ridículas. Estou morta de vergonha!!!

E começam a chorar.

E umas consolam as outras dizendo segredinhos no ouvido enquanto me fuzilam com olhares terríveis.

Enquanto isto uma moça de «short» passa, me lança um olhar estranho e desaparece. Para não deixar de fazer alguma coisa chamo o garção trapalhão e ordeno uma garrafa de vinho que é acolhida por um silêncio glacial. Na intenção de melhorar a minha situação não me lembrei que as pequenas não gostavam de vinho e que apenas eu o tomaria agravando a minha fama de egoísta e indiferente.

Sinto a garganta sêca apesar do vinho que tomo sem vontade e neste momento uma criança entra chorando, em servo — croático naturalmente, e procurando a progenitora mas logo se cala e por instinto filial segue a pista da moça de «short».

Dois segundos depois um homem em mangas de camisa, com ares de comerciante entra também com o olhar aflito, procurando alguém, olha nossa mesa e vai passando.

(Continua no próximo número)

Anselmo Duarte acusa: FESTIVAL



20 MILHÕES JOGADOS FORA ★ NADA PARA O BRASIL E SEUS ARTISTAS ★ LIMA (CANGACEIRO) BARRETO BARRADO NO CINE MARROCOS ★ E A FESTA CORRIA BAMBA, ENQUANTO NOS ARREDORES DE S. PAULO PERMANECIAM SILENCIOSOS OS GRANDES ESTÚDIOS CINEMATOGRÁFICOS ★ CAVALCÂNTI FORA DO CERTAME.

Reportagem de HÉLIO ABREU

DA INJUSTIÇA E DA BAJULAÇÃO

O I Festival Cinematográfico do Brasil, realizado em São Paulo, vem de fornecer farto noticiário aos órgãos de divulgação. Noticiário êsse que, infelizmente, não gira apenas em tôrno de «astros» e «estrêlas» nacionais e estrangeiros que dêle participam, mas também sôbre as indiscutíveis falhas do certame (algumas delas comprovadas pelo repórter) que comprometeram, sobremodo, aquilo que poderia ter sido a grande festa da 7ª arte em nosso país. Não cogitaram os organizadores do Festival (presidente: ministro Vicente Rao) de selecionar o que de melhor dispunham os nossos estúdios, o que levou a chamada «prata da casa» a uma incômoda posição de inferioridade. Dizem mesmo, e com insistência, que aos «astros» estrangeiros tôdas as facilidades foram concedidas, inclusive 3 mil cruzeiros diários, além de passagem e estada... enquanto que aos nacionais... bem, êles são brasileiros e tiveram mesmo de se contentar com média e cafèzinho...

FALA ANSELMO DUARTE

Sôbre o que foi o I Festival Cinematográfico do Brasil, seus êxitos e falhas, buscamos ouvir a palavra de Anselmo Duarte, conhecido «astro» de nossas telas e pessoa que foi indicada (embora não tivesse aceito) para chefiar a delegação nacional. Perguntamos a Anselmo Duarte respondeu:

P. — Que achou do I Festival do Cinema?

R. — **Uma boa bola. Injustiças e bajulações coroaram as festividades.**

P. — E da Comissão organizadora, que pensa?

R. — **Seus membros são pessoas honestas, de passado limpo, porém de festivais nada entendiam e o resultado foi o triste espetáculo que assistimos. Balbúrdia, confusão, gafes e mesmo mau tratamento aos nossos artistas.**

P. — Por que não aceitou a chefia da delegação brasileira?

R. — **Não poderia, nunca, recepcionar «astros» e produtores estrangeiros sabendo que em nosso país a indústria cinematográfica agonizava. Também a disparidade de tratamento entre os nacionais e os visitantes, convidados ou não, muito contribuiu para a minha decisão.**

P. — Você foi contra a realização do Festival?

R. — **Não, e pelo contrário, acho que devíamos ter todos os anos, se fôsse possível, uma festa semelhante. O ponto discordante, ou melhor, de que discordamos, eu e outros, foi, em primeiro lugar, da tremenda anomalia existente: estúdios fechados, como um velório no quarto; pompas gastos astronômicos, como uma bacanal na sala. No Uruguai os festivais de cinema têm um objetivo duplo: propaganda do país e venda de terrenos. Em Cannes é o turismo quem lucra. Em Veneza a indústria italiana encontra campo propício a grande negócios. E no Brasil? que temos para oferecer além da hospedagem e dos cruzeiros? Nada.**

P. — Quais os artistas nacionais esquecidos pela Comissão do Festival?

R. — **Êles são muitos e difícil seria nominá-los. Porém, temos, por exemplo, Cacilda Becker, Jardel Filho, Rui Afonso, que não conseguiram nem ingresso comprado, e um nome como o de Sérgio Cardoso ficou abandonado como se êle fôsse um principiante qualquer. Temos também Paulo Autran, Elisabeth Henreid, Mário Barroso, que foram esquecidos pelo Festival...**

P. — Como, na sua opinião, recebeu o povo o Festival?

R. — **Acho que o povo foi o maior prejudicado, mas que ignorava ter sido dêle o dinheiro que possibilitou o certame. Era triste ver o povo postado, horas a fio, nos cordões de isolamento à espera de uma coisa que de direito lhe pertencia.**

P. — Como resolveria você êste problema?

R. — **De maneira bem simples. Com alguns cruzeiros (dos 20 milhões da verba concedida) faria erguer um pavilhão ao lado do cine «Marrocos» onde seriam exibidas em sessões contínuas, as mesmas películas do Festival. Também no Vale do Anhangabaú eu levantaria um enorme palco e, lutaria para que do programa também constasse a apresentação dos «astros», ao público que ali afluiria.**

P. — É verdade que Cleide Iaconis foi «barrada»?

R. — **Sim. Note-se que ela teve o principal papel no filme «Na senda do crime», a ser exibido em breve. Agora me lembro que Nelson Camargo teve idêntico tratamento. Não foram pròpriamente barrados mas sofreram as penas de um tratamento deselegante e mesmo impatriótico.**

P. — E Cavalcânti?

R. — Cavalcânti foi outro «esquecido» pelo Festival. Foi êle mesmo, Cavalcânti, quem me revelou o estranho tratamento que lhe foi dispensado. **A coisa foi tão chocante que as delegações da França e da Inglaterra quiseram incluí-lo entre os seus membros. Seja como fôr, digam o que disserem, a verdade é que Alberto Cavalcânti é um nome nacional e nunca poderia ser tratado como foi. Temos mais, e a relação é bem grande. Eis os nomes de outros «esquecidos» pela Comissão do Festival: Humberto Mauro, grande diretor mineiro, Mário Peixoto, criador de «Limite», Luís de Barros, Tibiriçá e tantos outros que muito fizeram pela grandeza (se é que é grande) do cinema nativo.**

P. — Como nasceu o movimento contra o Festival?

R. — **Foi assim: As coisas iam de mal a pior. Os artistas nacionais andavam por baixo e, sòmente aquêles que faziam parte do chamado «grupinho da bajulação» é que estavam com tudo. Apareciam em tôda a parte e tanto fizeram que mereceram os aplausos dos que vivem do elogio e da cretinice. Mas foi por intermédio da TV Paulista que Mário Guastini e outros se mobilizaram a fim de que as injustiças fôssem, em parte, reparadas. Guastini não foi pròpriamente um inimigo do Festival. Foi, isto sim, um brasileiro amante de sua pátria que se chocou e estarreceu ante a soma das injustiças acumuladas. A campanha foi grande, bela e meritória. O próprio governador Lucas Garcez deu a metade dos seus vencimentos em favor do término do filme «Floradas na Serra», cujo argumento é da notável escritora Dinah Silveira de Queiroz. «Floradas na Serra», julgada por muitos uma produção digna de nos representar perante qualquer público, vai ser concluída. Não alcançará o Festival, porém, dentro em breve, será colocada à disposição do povo.**

P. — É verdade que Carlos Cotrim rasgou suas credenciais?

R. — Sim, é verdade. Cotrim, enojado com o que via, sob o foco das **câmaras da TV Paulista, rasgou suas credenciais ao Festival de Cinema. Outro fato interessante: o próprio Procurador da República, o digno dr. Fábio Andrada fêz o mesmo com as que lhe tinham sido destinadas. Franco Zampari devolveu simplesmente as suas, enquanto que Adolfo Celi teve mesmo que comprar ingressos para comparecer ao «Marrocos». Vocês jornalistas também sofreram com a desorganização reinante. Quanto aos artistas de teatro, coitados, nem é bom falar... e os milhões, em número de 20, desapareceram misteriosamente (não que houvesse desonestidade, mas por falta de critério) e de prática, adeus idéias e bons planos.**

P. — Que sabe a respeito de «luvas» a «astros» estrangeiros?

R. — **Consta (e tudo fica mesmo nos consta) que muitos tiveram uma diária avantajada. Mas, desejo mais uma vez ressaltar que não sou contra isto, nem também não o são aquêles de cujo lado lutei em prol do cinema nacional. Protestamos, e continuamos a protestar, contra o mau tratamento, o aviltamento dos artistas nacionais do cinema, teatro e rádio. Um grupo incapaz, peçonhento e malabarista tomou conta dos postos chaves e mandou às favas 99,9% dos artistas brasileiros. Dos 150 «astros» da chamada «primeira grandeza» do Brasil apenas quatro (4) compareceram. Isto diz tudo. E pensar que existem em São Paulo cêrca de 15 filmes parados, alguns dêles em vias de conclusão por falta de verbas, enquanto que a celebérrima Comissão organizadora do Festival nem ao menos pensou em financiar um dêles para que pudesse ser apresentado numa festa de películas inéditas, como foi o I Festival Cinematográfico do Brasil. Notícias como as que li, dizendo que Lima Barreto fôra barrado na porta principal do cine «Marrocos» são de arrepiar os cabelos de qualquer um. Basta ter sangue.**

P. — E, Anselmo, como vê o futuro do Cinema nacional?

R. — **Se êle (futuro) depender do grupinho de aproveitadores que cercou a Comissão do Festival, aí então a coisa vai mal... muito mal mesmo.**

P. — Em suma, como você viu o festival?

R. — **O Festival foi uma fruta. Não digo uma uva, mas um autêntico abacaxi.**

P. — E o que mais?

R. — **Em revide descaso com que a Comissão do Festival situou o povo, não permitindo que êle cruzasse os cordões de isolamento, fizemos exibir durante todo o tempo em que durou o certame, no cine «Normandy», películas selecionadas, gratuitamente, numa autêntica demonstração da «prata da casa» num festivalzinho bem nacional, e sem 20 milhões de cruzeiros...**

Acuso

O grupinho da Comissão do "Festival" que usufrue as vantagens que só a bajulação póde dar.
Pobres dos que vivem dos falsos elogios...
Anselmo Duarte.

VOLTA REDONDA em marcha para o milhão

O segundo alto forno, de capacidade 20% superior ao primeiro, foi feito com aço da própria usina ★ A tensão política no momento da visita do presidente Vargas desviou a atenção pública de um acontecimento altamente importante para a nossa economia.

Reportagem de FERNANDO M. SOUZA

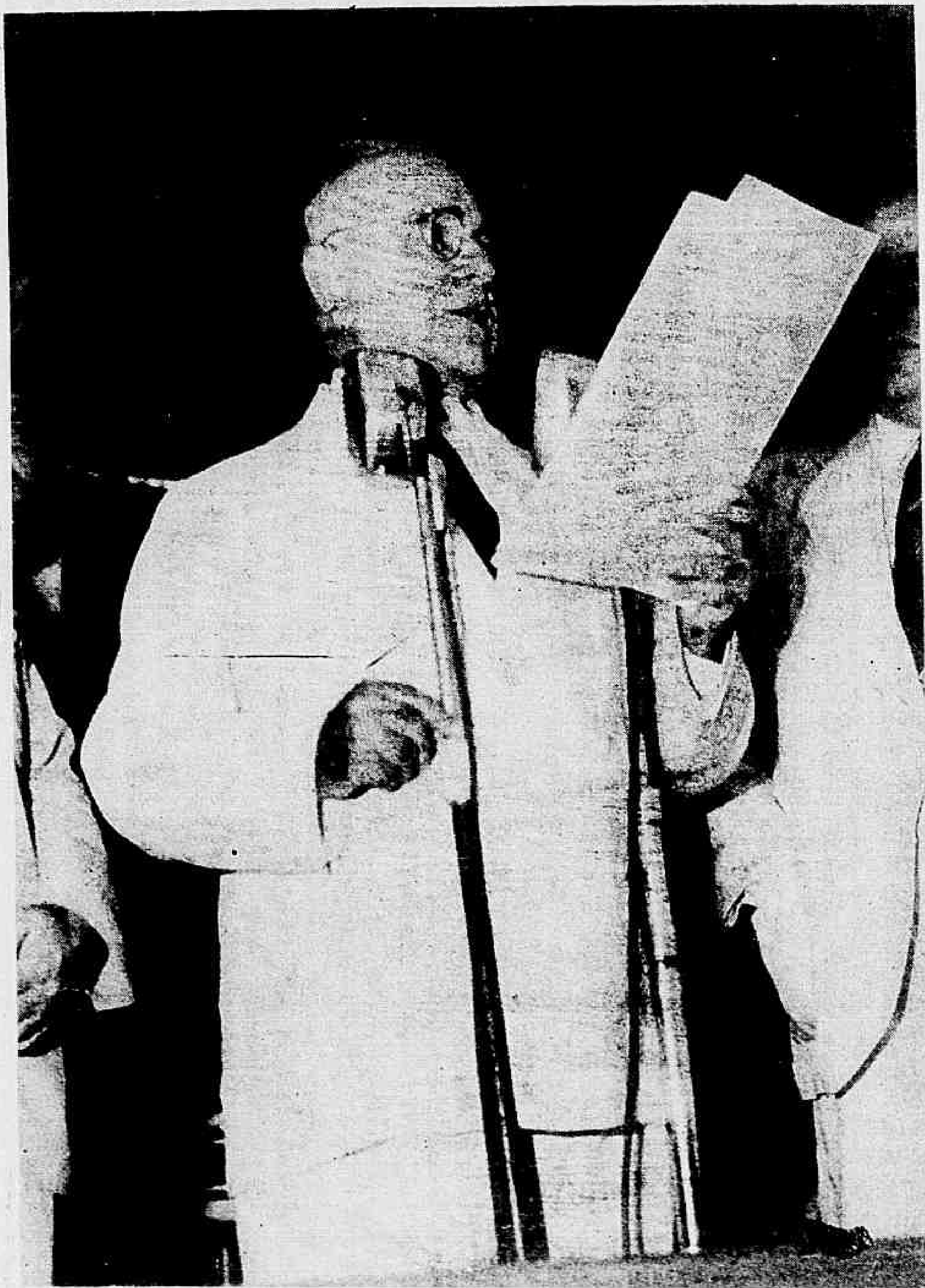
NO dia 20 de fevereiro, quando o Presidente Vargas chegou a Volta Redonda para inaugurar o segundo alto forno, os olhos de todo o Brasil estavam voltados para lá. Apesar disso é possível dizer que o acontecimento não teve do público a atenção que merece pela sua importância em nosso desenvolvimento econômico. E o motivo é simples: naquele dia a tensão do ambiente político era de tal ordem que excluía qualquer outra preocupação.

Passado êsse instante de excitação, achamos justo voltar a Volta Redonda sem outro pensamento que a própria Volta Redonda. São duas da madrugada; o forno que o Presidente da República acendeu simbòlicamente é aberto, e o gusa irrompe, serpente de fogo entre fagulhas. O presidente da Companhia, general Sílvio Raulino de Oliveira, e o diretor industrial, major Ciro Borges, estão acompanhados de suas senhoras. O grupo não é grande: o coronel Pena, superintendente de Operações, o engenheiro Renato Frota de Azevedo, chefe dos Altos Fornos, o engenheiro Barbosa, mais alguns engenheiros, funcionários e trabalhadores. Há uma coincidência tão bela que a todos comove: no momento em que pela primeira vez o ferro líquido irrompe do segundo alto forno, o primeiro também entra a vazar: as duas unidades correm ao mesmo tempo, vomitando centenas de toneladas de ferro gusa para as caçambas, avermelhando os céus daquela marcante noite brasileira.

O general Sílvio Raulino diz algumas palavras, comovido, e todos, chefes e operários, vêm lhe apertar a mão.

O QUE ACONTECE

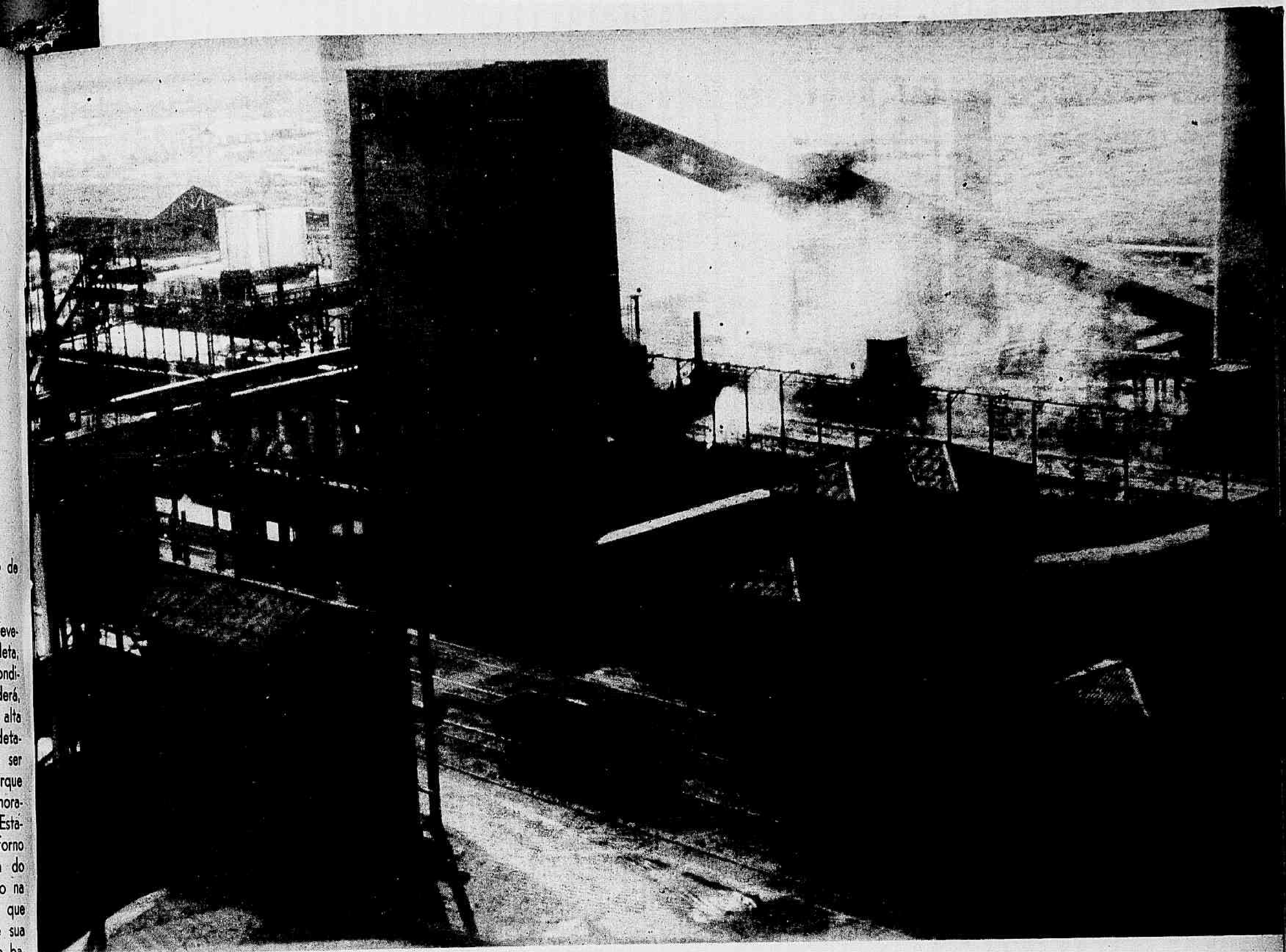
O que acontece é que foi dado o passo decisivo para a expansão de Volta Redonda. O segundo alto forno é a parte principal do primeiro programa de expansão, que se destina a elevar a produção para 730.000 toneladas de aço por ano. Êsse programa está quase concluído: já estão prontos a segunda bateria de fornos de coque (21 fornos novos) que, com a primeira, alimentará os dois altos fornos, e a Fábrica de Estruturas Metálicas, que faz tôda espécie de estruturas, inclusive para edifícios. Para o segundo programa de expansão, conhecido como o Plano do Milhão, pois visa elevar a produção da C.S.N. a um milhão de toneladas de aço, não será necessária a construção de mais um alto forno, pois os dois agora existentes podem fornecer todo o gusa necessário. Tôda a parte técnica dêsse segundo programa de expansão já está pronta, e o Congresso já aprovou a garantia para o empréstimo de 35 milhões de dólares.



GETÚLIO VARGAS: a revolução de Volta Redonda está construindo um futuro melhor para o Brasil.

O forno inaugurado em fevereiro é uma unidade completa, projetada em melhores condições do que a primeira. Poderá, por exemplo, operar com alta pressão no tôpo do forno, detalhe técnico que não pôde ser considerado no primeiro, porque só recentemente êsse melhoramento foi alcançado nos Estados Unidos. O segundo forno foi construído na América do Norte com o aço fabricado na própria Volta Redonda, o que atesta a alta qualidade de sua produção. Êle vai operar na base de produção diária de 1.200 toneladas de gusa, ou seja 20 por cento mais que o primeiro. Êsse rendimento pleno só será necessário, entretanto, ao ser executado o Plano do Milhão.

A Companhia Siderúrgica Nacional completou recentemente 13 anos de existência, e seu primeiro programa de expansão inicia-se menos sete anos depois da primeira corrida do gusa. Neste breve espaço de tempo, como lembrou em seu discurso o presidente da Companhia, mais de um milhão e meio de produtos acabados de aço, desde dezenas de milhares de toneladas de trilhos até as primeiras fôlhas de flandres fabricadas no Brasil foram entregues a iniciativas nacionais. A revolução na indústria nacional que Volta Redonda operou, e está incrementando dia a dia, é acompanhada de outra: a revolução moral, que consistiu em deitar abaixo tôdas as eternas previsões pessimistas dos céticos e mostrar que a iniciativa do Estado, associada à particular, pode dar certo e **dá certo** no Brasil. Volta Redonda veio valorizar definitivamente, aos olhos de nossos industriais e de nosso povo, e também de nações vizinhas, o «made in Brazil».



COQUERIA: MAIS 21 FORNOS

Volta Redonda foi a primeira usina em nosso país a reduzir o minério de ferro pelo emprêgo do coque metalúrgico, produzido por mistura de carvão nacional com estrangeiro. Para isso opera minas em Santa Catarina, ali mesmo beneficia o carvão e o transporta em seus navios (frota de cinco, agora comprados mais dois de 10.000 toneladas e em construção na França mais dois). O coque é produzido nos fornos, cujo número agora foi aumentado de 21; êle é o resíduo sólido da distilação sêca do carvão, e funciona como agente térmico e redutor nos altos fornos. Os subprodutos da distilação são múltiplos: o benzol, base da indústria de plásticos e de inseticidas; toluol, para a fabricação do TNT; nafta solvente e xilol, usados na fabricação de tinta. O alcatrão é beneficiado para obtenção de vários tipos de alcatrões, pixes, óleos de creosoto desinfetante e naftaleno. A produção do coque em 1953 foi de 332.038 toneladas; a previsão para 1954 é de 491.040 toneladas, ou seja um aumento de 47,9 por cento. Os subprodutos, de alta importância para inúmeras indústrias nacionais, irão também aumentando em quantidade. O volume da produção do gás de coqueria em Volta Redonda equivale ao triplo do consumo do Distrito Federal. A instalação hidráulica, para fornecimento de água industrial à Usina tem capacidade para abastecer a cidade do Rio.

ÊSTE ANO VOLTA REDONDA PRODUZIRÁ MAIS 50 POR CENTO!

INICIADO E QUASE COMPLETADO O PRIMEIRO PROGRAMA DE EXPANSÃO, OS TÉCNICOS DE VOLTA REDONDA, CUJAS PREVISÕES COSTUMAM SER SEGURAS, ESPERAM O SEGUINTE PARA 1954 EM COMPARAÇÃO COM 1953:

	PRODUÇÃO EM 1953 (em toneladas)	PREVISÃO PARA 1954 (em toneladas)	DIFERENÇA	
			EM TONELADAS	EM PERCENTAGEM
COQUE	332.038	491.040	+ 159.002	+ 47,9
FERRO GUSA	370.259	564.700	+ 194.441	+ 52,5
AÇO EM LINGOTES	482.376	720.000	+ 237.624	+ 49,3

Volta Redonda em marcha para...

● VISITANTES

Em 1951 os visitantes de Volta Redonda, com alta porcentagem de estudantes, foram em número de 5.250; em 1952 foram 7.230. Uma visita a Volta Redonda é uma aula prática de confiança no Brasil.

● CIMENTO

O volume de concreto empregado para edificar Volta Redonda corresponde ao necessário para quatro estádios do Maracanã: foram gastos três milhões de sacos de cimento, 370 mil metros cúbicos de pedra, 48.000 toneladas de ferro, 2 milhões e 300 mil metros cúbicos de areia. Com sua nova Fábrica de Estruturas Metálicas, Volta Redonda permitirá agora ao Brasil economizar milhões de cruzeiros de divisas gastos na compra de cimento estrangeiro.

● TRILHOS

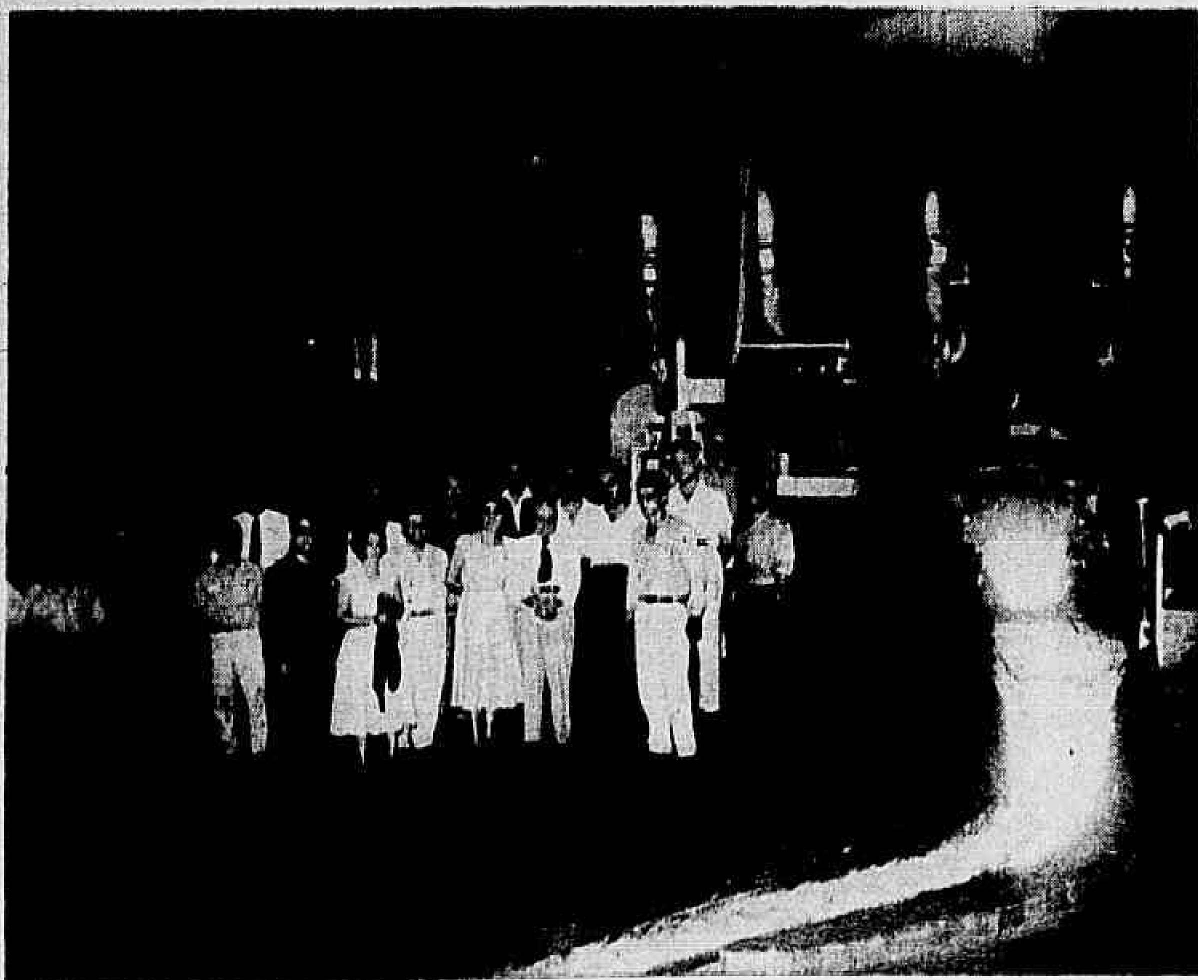
Com as instalações atuais, Volta Redonda está produzindo 1.200 quilômetros de linhas férreas por ano, que correspondem aproximadamente às distâncias Rio-São Paulo e Rio-Belo Horizonte somadas.

● FINANÇAS

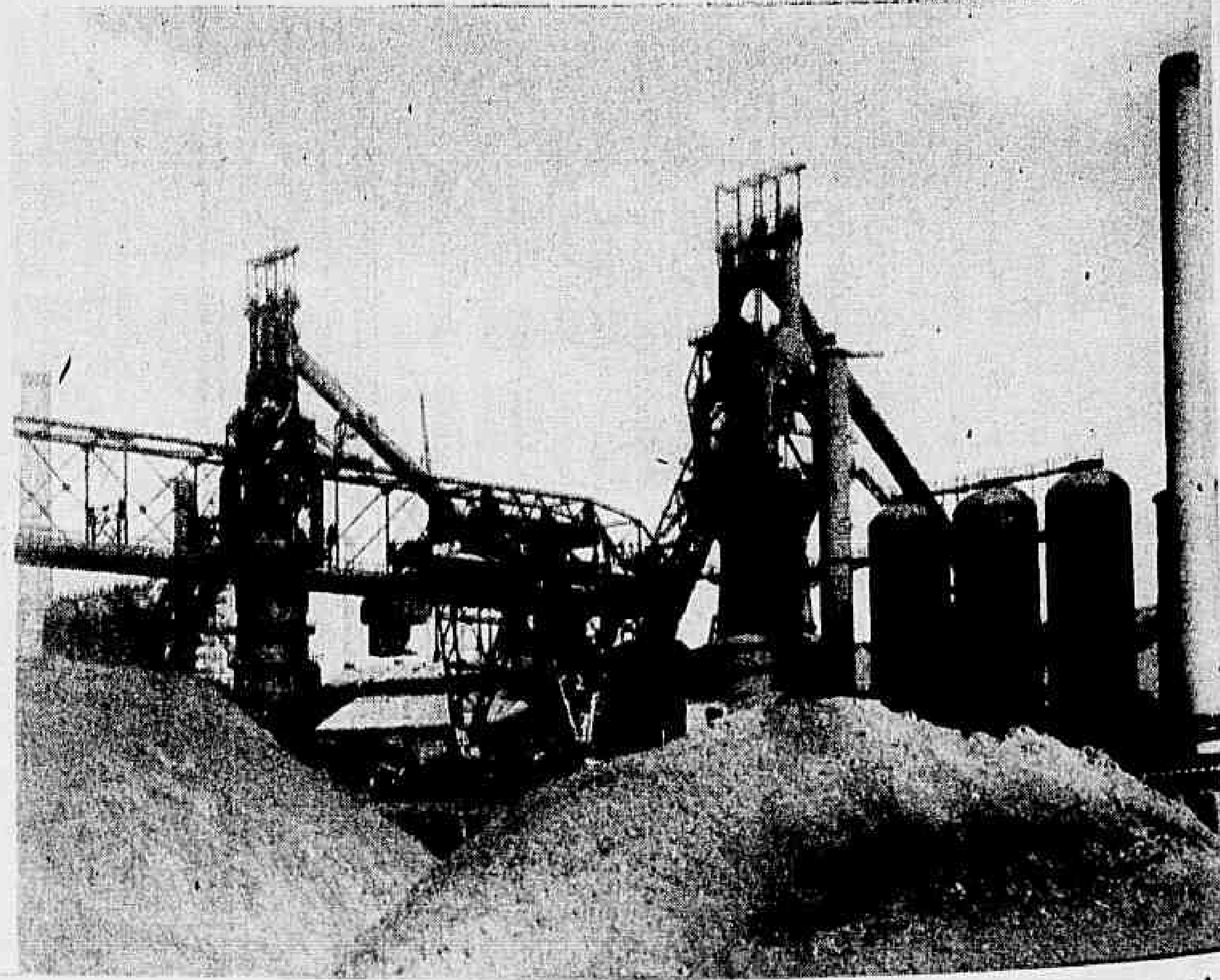
Em 1953 os lucros líquidos da C.S.N. atingiram 240 milhões de cruzeiros. Desde 1948 uma parte dêsses lucros vem sendo distribuída a seus empregados (em número de 12.000), parte que no ano passado foi superior a 35 milhões de cruzeiros. Os seus investimentos ao fim do ano eram de 4 bilhões e 155 milhões de cruzeiros, contando-se dois empréstimos no Eximbank, num total de 70 milhões de dólares, compromissos que vêm sendo rigorosamente cumpridos. Tendo começado a operar em outubro de 1946, já em 1948 a C.S.N. distribuiu os seus primeiros dividendos, os quais hoje são de 8% para as ações preferenciais, 7,5% às ações ordinárias do Tesouro Nacional e 10% às ações ordinárias de particulares.

NOVIDADE IMPORTANTE NA LAMINAÇÃO

A Laminação ocupa um edifício de 1.230 metros de comprimento, mais ou menos a distância do Teatro Municipal à Praça Mauá. Ao chegar ali, o lingote passa pelo Desbastador e depois é levado a outros laminadores, como o de Chapas Finas a Frio (na foto), o de Chapas a Quente, o de Tiras a Quente, o de encruamento e o de acabamento. De alta importância é o laminador de Trilhos e Perfis: pràticamente tôdas as estradas de ferro do Brasil têm hoje trilhos de Volta Redonda. A produção de fôlha de Flandres, iniciada pela primeira vez no Brasil em maio de 1948, é hoje de quarenta mil toneladas anuais; as instalações vão ser aumentadas imediatamente para uma produção de cem mil toneladas, devendo mais tarde alcançar cento e cinqüenta mil; o atual consumo brasileiro orça em cento e vinte mil toneladas. Nova e importantíssima unidade de Laminação, inaugurada pelo presidente da República: a fábrica de estruturas metálicas. Essa fábrica destina-se a exercer um papel de grande importância na indústria de construções, não só pela sensível economia de tempo no levantamento do arcabouço de um edifício como pela poupança do cimento, cuja produção em nosso país é insuficiente, consumindo sua importação muitos milhões de cruzeiros de divisas anualmente.



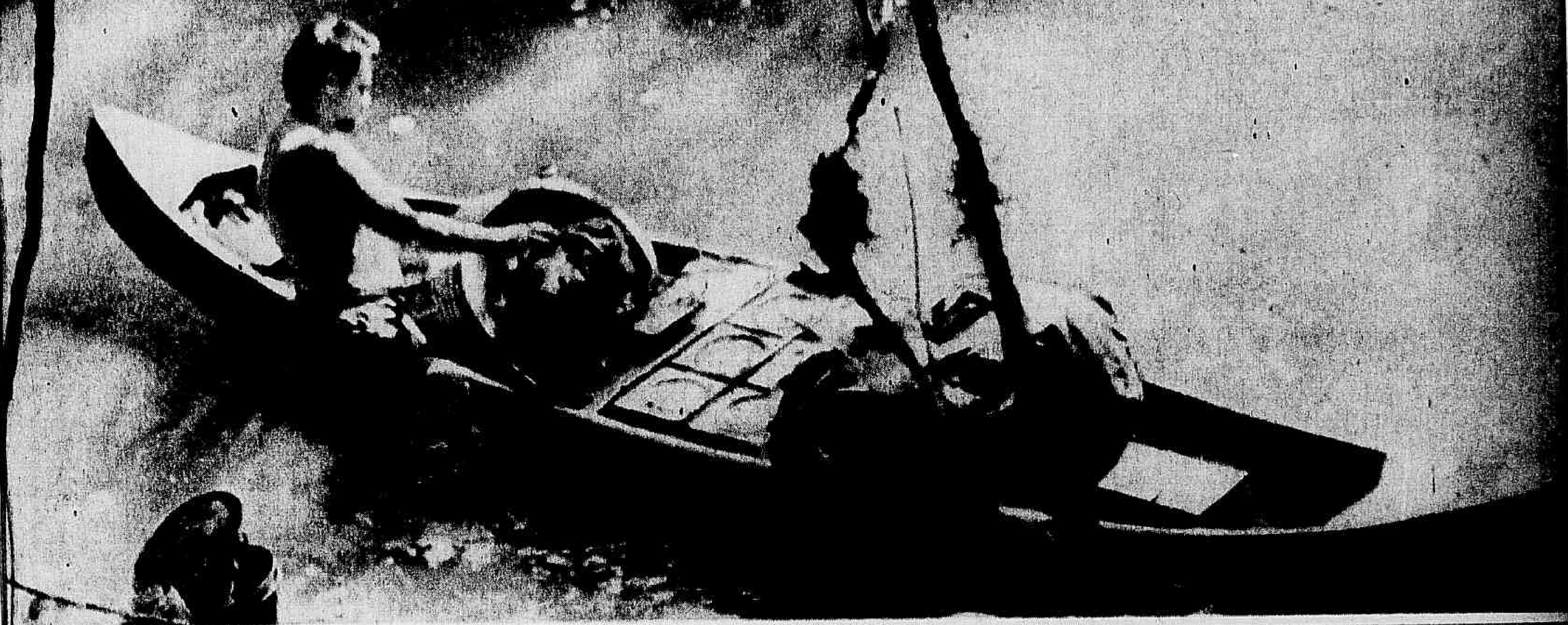
O presidente da Companhia Siderúrgica Nacional, com engenheiros e operários, assiste entusiasmado à primeira corrida de ferro do 2º forno.



Os dois novos altos fornos de Volta Redonda permitem finalizar o primeiro programa de expansão: — 730.000 toneladas de aço por ano.



O BRASIL fora da barra



FÁBULA — Um semanário italiano conta a história de um moço bem apessoado que tem mania de fazer excursões no coração das matas sul-americanas, em busca de diamantes. A primeira de suas [illegible] foi feita no Brasil. Êle narra como chegou ao Rio de Janeiro, do mesmo modo pelo qual poderia chegar a qualquer outra parte do mundo. Mas a sua primeira tentativa de fortuna não foi no garimpo, foi no pano verde de Copacabana, onde perdeu o que tinha. Depois foi para São Paulo, onde a custo arranjou um emprêgo, e [illegible] viagens para o Belém e a selva amazônica. Agora vai [illegible] sorte, mas parece que se dirige mais para os lados da Venezuela.

O AZAR DEU SORTE



● Uma revista suíça publica uma reportagem sôbre a história de um chofer de caminhão que enriqueceu de uma hora para outra. Êle ia viajando por uma estrada do interior, entre Minas e Espírito Santo, quando seu caminhão enguiçou, a quinze quilômetros da cidade mais próxima. Como a estrada fôsse muito estreita, Paulo, o chofer de sorte, apanhou sua pá e começou a cavar o terreno, a fim de que fôsse possível manobrar seu caminhão. Mas logo no início de seu trabalho, encontrou uma pedra que emitia chispas verdes e azuis. Foi a sua grande sorte. Havia encontrado uma imensa água-marinha. O chofer logo avaliou a sua descoberta, pois em tempos passados, já tinha sido garimpeiro. A pedra era maravilhosa, com reflexos estranhos. A densidade de sua côr garantia-lhe um valor raro, avaliado por Paulo em 100.000 cruzeiros. Ainda lembrando seus conhecimentos do garimpo, voltou à «Onça» (lugar onde achou a pedra) no dia seguinte, pois onde há uma água-marinha encontram-se dezenas. E realmente encontrou muitas outras, embora não tão grandes como a primeira. Na foto o chofer milionário.



BIENAL DE SÃO PAULO — O «TIME» dedica uma página inteira à Bienal de S. Paulo apresentando, em côres, duas fotografias: uma de um quadro de Di Cavalcanti e outra de uma escultura de Henri Laurens. No texto aponta a mostra paulista como uma das mais expressivas exposições de arte já feitas. Encontramos ainda referências elogiosas ao trabalho de Di Cavalcanti e à escultura de Laurens, que aparece uma sereia petrificada e sepultada pelo mar durante séculos.



No IATE CLUBE, nos três dias

UM MAR DE ALEGRIA



«Deixe as águas rolá...» A falta índia e o falso marujo confraternizam com exuberância.



TAMBÉM o Iate Clube brilhou intensamente neste carnaval. Ninguém segurou ninguém. Foi uma alegria total, com os bailes acabando no começo do dia, e, lá dentro, centenas de pares dando o máximo, dando tudo. Veja o leitor os flagrantes desta página. Não são muitos — mas, como num jôgo de armar, valem como peças indispensáveis reconstituindo uma alegria que venceu todos os limites, espraiando-se total e ampla como um mar indomável.







Houve muito coisa boa, muita fantasia bonita, mas o ponto alto foi esta morena aí do centro, com sua bela fantasia reduzida e cheia de plumas. No mais, brigou-se pouco, cantou-se muito as músicas consagradas ao carnaval que passou. E o uísque clandestino correu com fartura.

Champanhota

PETER



No coocck-tail do sr. e sra. Horácio Klabin, vemos os srs. Salles Pinto, sra. Maria Salles Pinto, sr. Jorge Nogueira, embaixatriz Gilda Sarmanho e sra. Marc Leitchik.

● *O grande público já vai ficando saturado de Carnaval e da maciça cortina de noticiário que se lançou em tôrno dos artistas de cinema que vieram ao I Festival Internacional de Cinema. O grande público já se cansou de ver o charuto de Edward G. Robinson, a beleza de Lise Bourdin (vista em todos os ângulos, alguns mesmo condenáveis), a gripe de Michel Simon -e, até mesmo, da simpatia de Walter Pidgeon. Antes, porém, de encerrarmos o assunto, vamos fazer uma referência especial à decoração do "Golden Room" do Copacabana que abriu no sábado de carnaval e tornou a fechar no domingo, para continuar as obras. O "Golden" prepara-se para lançar o "show" de Caribé da Rocha. Completo segrêdo.*

VÃO AS CIGARRAS

Embora o calor ainda esteja forte, começam a desaparecer da circulação algumas "cigarras" que voltam disfarçadas em perfeitos maridos, acompanhados das respectivas senhoras. Nesse mesmo sentido, a camisa "sport", no "Vogue", vai sendo substituída pelo palitó e gravata, por suave, discreta e eficiente imposição do mestre Barão Stuckart, que mesmo em "Quitandinha" dirige em espírito o funcionamento de sua "boite". O "blue" substitui o samba rasgado — são os primeiros sinais de que tudo volta à paz antiga e à normalidade.

NOIVOS?



O modêlo e o filho do sheik. (Foto P. C. M.)

Há, alguns dias, certo colunista desta cidade publicou que o sr. Vitorio Romaneli estava noivo da modêlo Monique. Imediatamente, procuramos nos certificar e tivemos a felicidade de chegar no momento que a bela modêlo tentava capturar o coração do jovem beduino, livre como o vento dos desertos. O fato é que, mais adiante (noutro salão), o mesmo beduino jurava, no melhor italiano, à bela componente da delegação peninsular, Flavia Sullivani, um mesmo amor quente como Saara.

CASOU-SE

O sr. Ademar de Farias casou-se com a srta. Martha Berro. Ao casamento compareceram vários campeões, inclusive o campeão de polo e "golf", Miguel de Faria.

OS TELEGRAMAS DE CESÁRIO

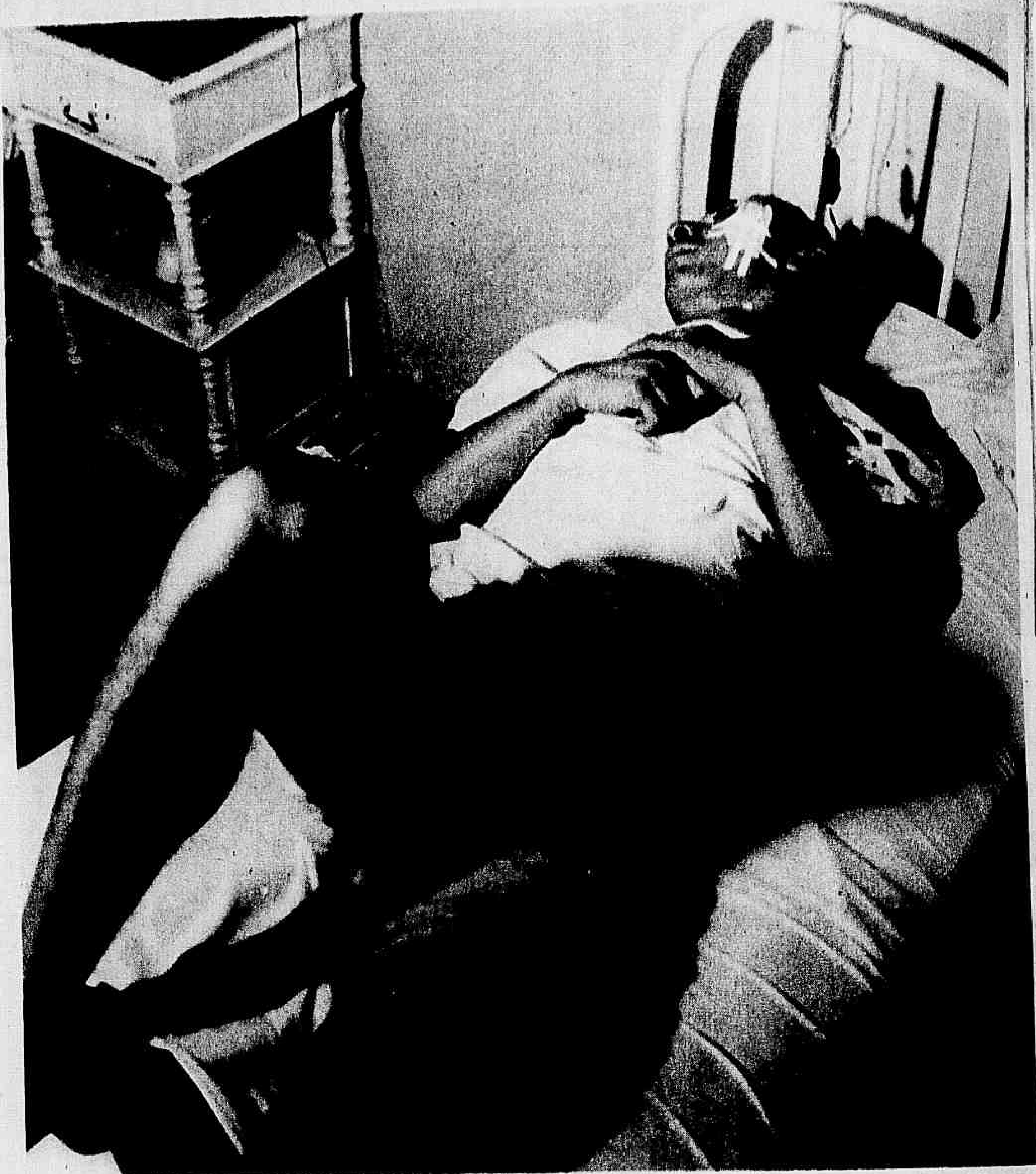
O sr. Francisco Cesário de Mello Franco Senna, atualmente no Egito, tem mandado gigantescas cartas para uma bonita morena do Leblon, cuja primeira é R.

EX-MODÊLO e EX-VEDETA

Certa ex-modêlo do Copa está de namôro firme com um dos grandes "turfman" do Brasil.

CADILAC FOI ROUBADA

Dizem que já há indícios fortes para localização e captura do "Cadillac" da sra. Vânia Pinto, furtado durante o Carvanal.



ÚLTIMO FLASH

PINHEIRO DRIBLOU A MORTE



● **Eram 3,45 h da têrça-feira quando a derrapagem do "Cadillac" assoviou, sinistro, no trecho da av. Copacabana entre Fernando Mendes e Inhangá. O carro virou, jogou-se de encontro a um tabique, os vidros rebentaram. Populares acorreram, retiraram do carro um ferido em estado de choque. Era Pinheiro, beque-central do "scratch" brasileiro. Parecia que a coisa era grave. Não o era, felizmente. Doze horas depois, o craque voltava a si, perguntando pelo carro e prometendo jogar no dia 21 contra os paraguaios. A morte havia sido driblada.**

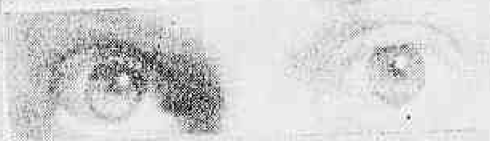
Toureiro é um sujeito a quem se atiram flores. Ou na arena ou no túmulo

a vida como ela era



- Era telegrafista e virou ator. Fêz um filme de farowestern.
- Era sapateiro e virou bailarino. Continuou dando saltos.
- Era pianista e virou carregador. Piano, piano se va lontano.
- Era militar e virou boxeur. Topava qualquer parada.
- Trabalhava no Serviço de Águas e Esgotos e virou punguista. Foi encanado.

PONTOS-DE-VISTA



MANICURE é essa moça que só trabalha a quatro mãos.

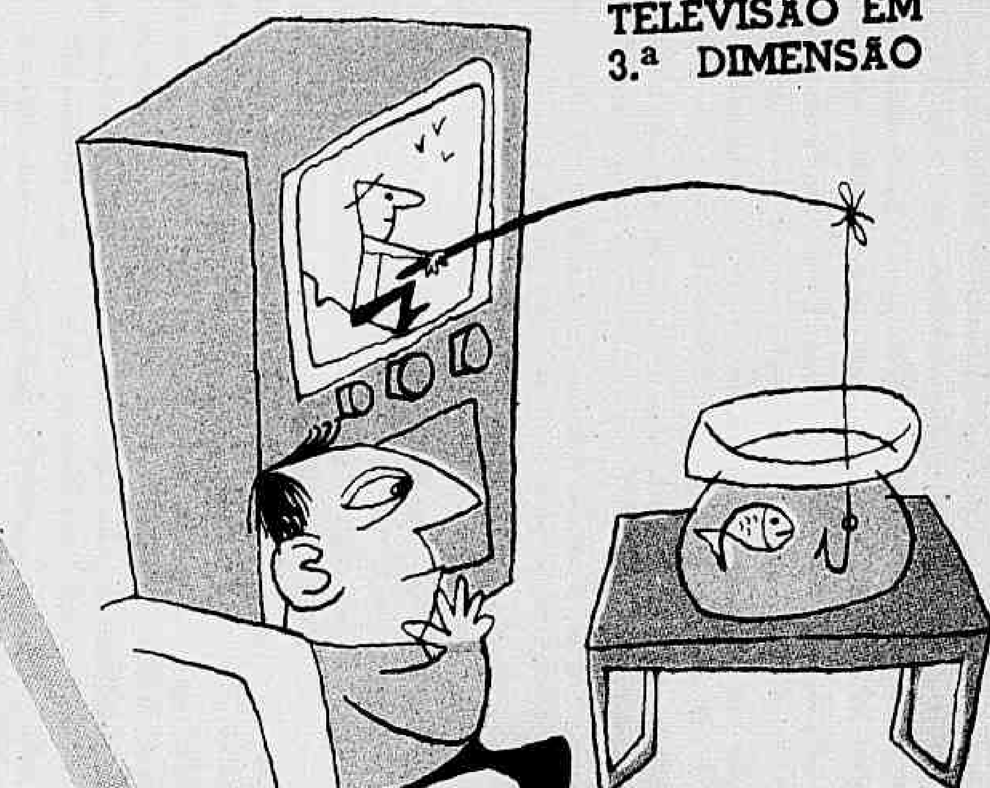
•

BIOMBO é isso que separa uma curiosidade de outra curiosidade.

•

BOLSO é isso que nos incomoda muito mais quando está vazio do que quando está cheio.

TELEVISÃO EM 3.ª DIMENSÃO





Ilustrado por PIQUI

tanha, um crista por assim dizer afiada e denteada, tendo origem no sopé meridional do Lhotse. Sua exte... é de ... de 3 quilô...

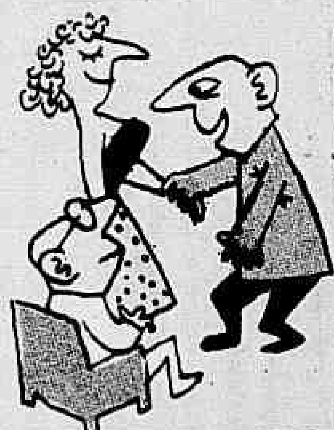
PRECISA-SE de um ator de 1.20 m de altura para trabalhar num filme de tela panorâmica.

... de espess... origem da geleira de Kh...ou, que, depois de seguir um curso razoàvelmente suave por quase 5 qui...

O DIRETOR DE CINEMA BRASILEIRO: «HOJE SÓ COMEÇAREMOS A FILMAR AMANHÃ!»



CHAMA-SE CONVENÇÃO SOCIAL O FATO DE UM INDIVÍDUO SEGURAR UMA PEQUENA TÔDINHA E DEPOIS IR AO PAI DELA PEDIR A SUA MÃO.





— Finalmente, querida, começaremos a dormir amanhã!



Um "connoisseur"...



... é aquêle que distingue entre os melhores vinhos — o mais fino, o de melhor paladar, o que mais caracteriza o bom gôsto da escolha.

E é também esta particularidade que leva os fumantes a preferir

hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ